



RAÍZES



Ano X - Nº 19

São Caetano do Sul

Julho de 1999





Nossa Capa

A obra *Nella Stalla* (1898, óleo sobre tela, 34 x 60 cm) pertencente a coleção particular de Adriano Taiuti, da cidade de Milão, é uma obra do pintor Pietro Pajetta, nascido em Serravalle no ano de 1845 e falecido em Pádua, em 1911. Observando-se o conjunto de obras de Pajetta, podemos qualificá-lo como uma espécie de observador da realidade cotidiana de Vittorio Veneto. Mesmo assim,

seria injusto resumirmos sua produção artística como a de um mero captador do dia-a-dia de uma comunidade rural encravada nos Alpes italianos. Mas essa peculiaridade salta aos olhos em função dos quadros que deixou. Filho de Paolo Pajetta, um pintor cuja obra esteve voltada à produção de murais, Pietro aprendeu com o pai os rudimentos da arte que no futuro iria abraçar. Sem condições materiais

de frequentar a Academia de Belas Artes de Veneza, foge de casa aos 17 anos, indo alistar-se nas tropas que lutam pela unificação da Itália. Oito anos depois, já casado, o artista retorna à cidade natal. Posteriormente, entre 1878 e 1880, mora em Veneza, voltando a Vittorio Veneto, onde permanece até 1893, naquele ano muda-se para Pádua, permanecendo lá até o final da vida.



Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul

Ano X - Número 19
Publicação semestral
Distribuição gratuita

ISSN - 1415-3173

Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Julho de 1999

Avenida Goiás, 600 - Térreo
CEP 09521-300 - São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 441-9008 e 441-7420
www.mp.usp.br/fpm
E - mail: fundacao.promemoria@imes.com.br

Editor/Jornalista responsável

Aleksandar Jovanovic

(MTb 13.165 - Sjesp 7.290)

Redação

Antônio Reginaldo Canhoni (fotografias)

Erika Martin (digitalização de imagens e organização)

Jayne da Costa Patrão (ilustrações)

José Roberto Gianello (pesquisa)

Kelly Cristina Maregatti

Maria Aparecida Fedatto (secretaria e coordenação)

Yolanda Ascencio

Programação Visual e Paginação Eletrônica

Plano Piloto

Conselho Editorial

Ademir Médici, Aleksandar Jovanovic (presidente), Cláudio Rufini, Guido Fidélis, Jayne da Costa Patrão, José Roberto Gianello, Henry Vercesi, José de Souza Martins, Nívio Tessitore, Oscar Garbelotto, Sílvio José Buso, Sônia Maria Franco Xavier, Valdeirino Petrilli.

Fotolitos e Impressão

Provo Distribuidora e Gráfica Itã.

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.



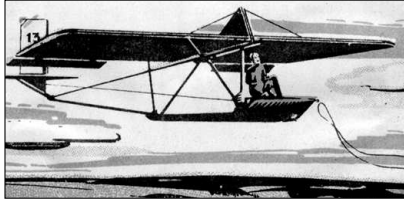
ÍNDICE

4 Palavra do Editor

Artigos

5 Há 76 anos foram inauguradas as primeiras linhas do tramway municipal

Henry VERONESI



Figurinha do Planador Guido Aliberti, pioneiro no Brasil do vôo sem motor

11 O pioneirismo dos irmãos Aldo e Guido Aliberti na década de 30

José Roberto GIANELLO

14 Fantasia e medo transformam fatos simples em acontecimentos fantásticos

Gisberto GRIGOLETTO

15 Origens históricas da cidade dividem-se em dois períodos distintos

Jordano VINCENZI

17 Preservação do patrimônio cultural consolida identidade local

Nívio TESSITORE

21 7 de Outubro de 1951: Beniamino Gigli dá récita na Igreja Matriz da Sagrada Família

Imigração

23 Imigração espanhola remonta ao início da colonização do Brasil

Sônia Maria Franco XAVIER

31 Memorialista vêneta recupera passado distante através de versos

Aleksandar JOVANOVIĆ

37 Os imigrantes ao longo dos trilhos da The São Paulo Railway

Arlete Assumpção MONTEIRO

43 Húngaros também contribuíram positivamente na formação da cidade

Depoimentos

45 Ataliba da Silva, empresário idealista à frente de seu tempo

Carlos GERCHTEL

47 Metalúrgico aposentado faz relato da vida escolar e profissional

Francisco RODRIGUES



Os motivos sacros são marcantes no trabalho de Fuina

51 Dorival Fuina, um escultor herdeiro de tradição secular

Claudinei RUFINI

53 João De Conti: 44 anos no serviço cartorário

Kelly Cristina MAREGATTI

55 Colégio Alcina Dantas Feijão: 32 anos de atividades ininterruptas

Mariza Lima GONÇALVES

59 Centro de São Caetano na década de 1940

Narciso FERRARI

61 Dionizio Campazi, o Loiro barbeiro, completou 57 anos de trabalho

Memória

65 Professor Vicente Bastos: uma vida a serviço da educação

Yolanda ASCENCIO



Manoel Cláudio Novaes

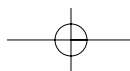
67 Manoel Cláudio Novaes: um cidadão com grande participação junto à comunidade

69 Registro

73 Memória Fotográfica



Montagem de uma ilustração, aparecendo ao fundo a fotografia do Viaduto dos Autonomistas



Dez anos de uma trajetória desenhada com muitas mãos

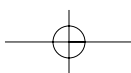
Há exatamente dez anos era lançado o primeiro exemplar de *Raízes* com o objetivo de resgatar a História de São Caetano do Sul e, como seria inevitável, estender o olhar sobre o Grande ABC, São Paulo e a própria História do Brasil. Claro que as linhas trançadas obrigatoriamente cruzavam com temas mais amplos, como o problema das grandes migrações, suas causas e impactos nos Velho e Novo Mundos, a expansão dos mercados importador/exportador e os desdobramentos práticos aqui, como foi a construção da São Paulo Railway, e assim por diante.

Mais importante do que falar a respeito das motivações desta publicação é ressaltar o fato de que se trata de uma trajetória desenhada a dezenas de mãos, o que lhe enriquece o caráter multi e pluridisciplinar, o perfil de publicação aberta (embora possua um Conselho Editorial e os textos acabem sendo avaliados para publicação ou não) e de trabalho que não sofreu solução de continuidade. Ao contrário, tornando-se publicação da Fundação Pró-Memória, adquiriu aquela face dupla do deus romano Janus, que contempla direções opostas mas complementares, não-excludentes. Ou seja, passou a integrar a linha de frente do projeto editorial da instituição, projetando no presente os temas do passado e os desafios do futuro.

Ao longo destes anos, a revista sofreu algumas alterações significativas que, no entanto,

não lhe desfiguraram o caráter inicial. Ao contrário, tudo indica que cada passo e todos os passos ensaiados tenham buscado aliar baixo custo de produção, aperfeiçoamento do projeto gráfico, alargamento dos horizontes em termos de conteúdo, ampliação contínua do número e qualidade dos colaboradores (até onde isso se torna possível...).

Visto assim, talvez cause a (falsa) impressão de que tudo está resolvido e nada resta além de continuar trilhando o caminho aberto há 120 meses. Pura ilusão: a tarefa maior começa agora, no dia-a-dia, para tentar melhorar todos os aspectos da publicação e, quem sabe, tornar-lhe as bases mais amplas ainda. Pena que o País viva uma espécie de semideserto editorial nesta área, com reduzidas publicações do gênero, fator que não estimula a concorrência - positiva, salutar, estimulante, necessária - e, portanto, serve de impeditivo para comparações entre produtos (seja no conteúdo, seja na forma). Trabalhar numa área em que se lida com o patrimônio cultural de uma comunidade significa interagir com todas as formas de representação simbólica e esse desafio implica, de modo obrigatório, repensar as ferramentas empregadas, buscar novas maneiras de focar os inúmeros temas, inovar técnicas, remodelar a metodologia e a própria prática para que o conhecimento acumulado pela sociedade não se torne letra morta.



Há 76 anos foram inauguradas as primeiras linhas do tramway municipal

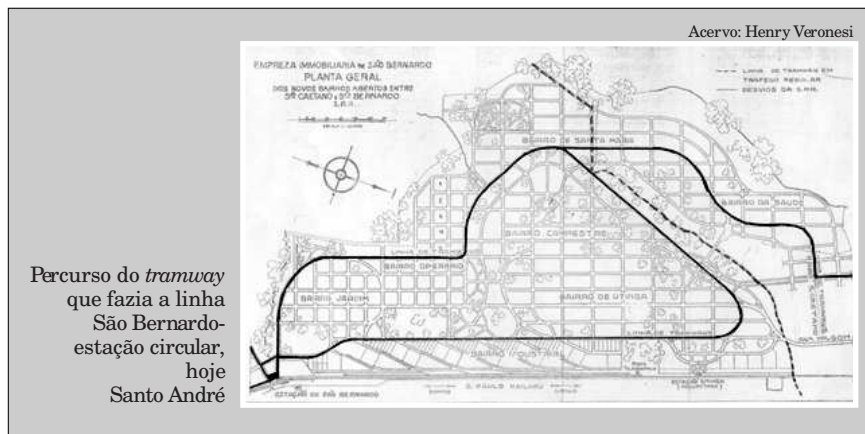
"Você pensa que trem de ferro é cabrito montês para subir montanhas" (1)



Henry VERONESI(*)

O município de São Bernardo - hoje integrante do Grande ABC - foi criado pela Lei nº 38 de 12 de março de 1.889, com uma área territorial de 840 km². Dista 18 quilômetros, da cidade de São Paulo. Naquela época já era servida pela Estrada de Ferro São Paulo Railway, conhecida como estrada de ferro inglesa.

Embora então houvesse mais estações entre São Paulo e Paranapiacaba, a estação de São Bernardo tinha parada obrigatória, determinada pela direção da ferrovia.



Percurso do tramway que fazia a linha São Bernardo-estação circular, hoje Santo André

São Bernardo e Santo André constituíam dois núcleos populacionais de grande importância no município e para distinguí-los eram chamados de São Bernardo-estação e São Bernardo-sede ou Vila porque no núcleo de Santo André estava localizada a estação da Estrada de Ferro São Paulo Railway e, porque no núcleo de São Bernardo-sede não

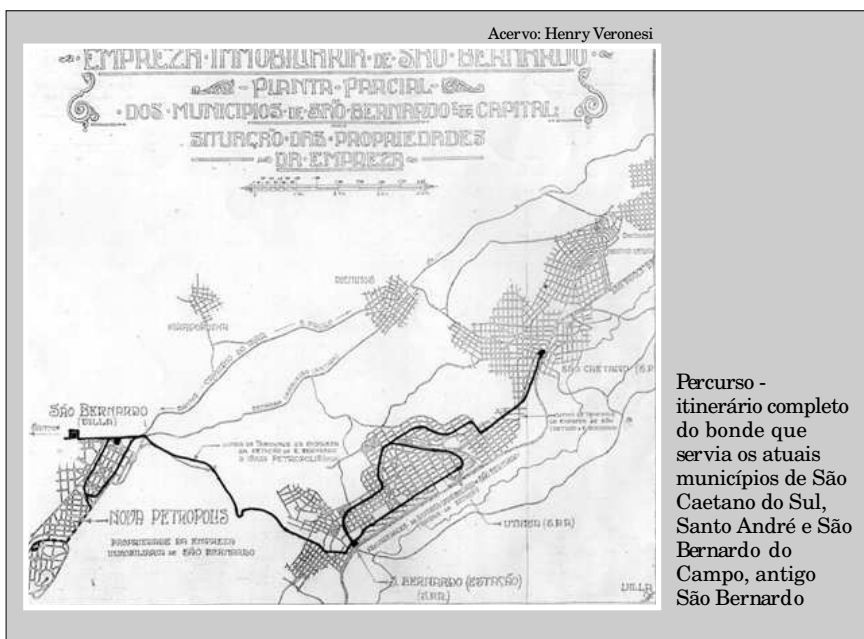
havia estação férrea da estrada, estando concentrado ali a maioria das repartições públicas e a sede do governo municipal.

O sistema de transporte, tanto de carga como o coletivo, era precário, pois os meios de locomoção eram as carroças ou o lombo de muars.

Até o ano de 1921 essa situação manteve-se inalterada no município de São Bernardo. As dificuldades de transporte, devido o progresso dos dois núcleos, cada vez se agravavam mais, até que alguém idealizou um plano de transporte coletivo que viesse satisfazer às necessidades dos dois núcleos.

A ferrovia não passava por São Bernardo-sede e esse motivo causava muitos transtornos à população, ao comércio e à indústria da sede. Em contraposição, a população, o comércio e a indústria de São Bernardo-estação e tudo o mais que necessitasse da Prefeitura e das repartições públicas tinha que recorrer à sede.

Tomou vulto, então, a idéia de se construir, entre a estação de São Bernardo-estação e São Bernardo-sede, um sistema de transporte de



Percurso - itinerário completo do bonde que servia os atuais municípios de São Caetano do Sul, Santo André e São Bernardo do Campo, antigo São Bernardo



carga e de passageiros que viesse por fim àquele estado de coisa.

Muitos estudos foram feitos. Vários sistemas de locomoção foram apresentados, porém o que mais agradou e foi aceito pelo Poder Público foi o de ônibus movido a essência (gasolina, benzina, etc.), sobre trilhos.

Aquela idéia nada tinha de originalidade pois, em muitas cidades do interior de São Paulo já eram usados transportes semelhantes.

Em São Carlos, a Companhia Paulista de Eletricidade, já em 1914, mantinha um sistema de bondes elétricos; em Piracicaba, em 1914, o tramway para a Escola Agrícola funcionava regularmente; em Sorocaba, em 1915, a São Paulo Electric Co., subsidiária da The São Paulo Tramway Light and Power Co., estava em funcionamento com seis bondes. Em Guaratinguetá era esta a notícia em 14 de novembro de 1912. "... procedente da América do Norte, a Cia. Luz e Força recebeu seis bondes para o serviço de transporte coletivo entre Guaratinguetá e Aparecida". Em Pirajú, no dia 15 de agosto de 1915, foi inaugurado o tramway elétrico Pirajú-Sarutaiá; em Campos do Jordão, em 15 de novembro de 1914, foi inaugurado o tráfego de automotivas a vapor e a gasoli-

na, que fazia o trajeto cidade à Vila Jaguaripe.

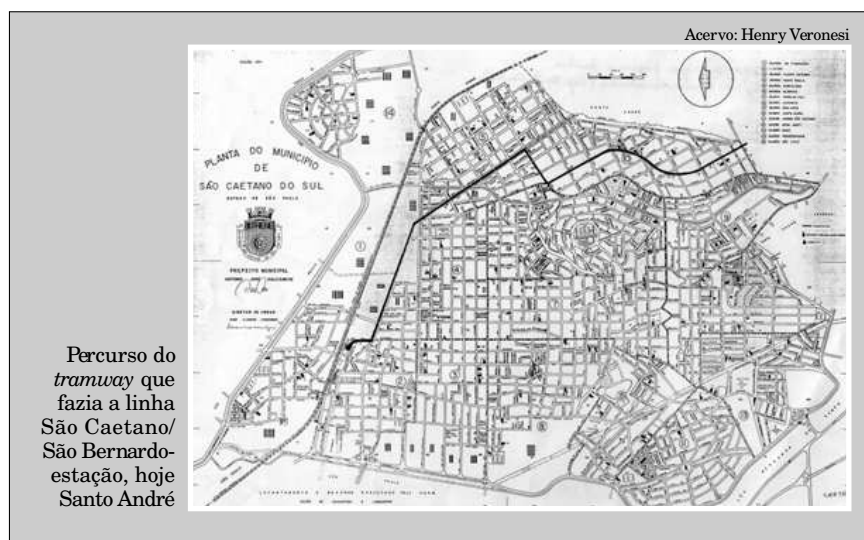
A concessão para a exploração do sistema de transporte planejado para São Bernardo, de acordo com a Lei nº 218, de 1º de outubro de 1921 foi, em parte, assim promulgada: *Saladino Cardoso Franco, Prefeito Municipal de São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo, etc. Faz saber que a Câmara Municipal de São Bernardo, em sua última sessão, decretou e eu promulgo a lei seguinte:*

Art -1º - A Câmara Municipal de São Bernardo concede aos Doutores Hypolito Gustavo Pujol Júnior e Ernesto Pujol, aquele engenheiro e este advogado, residentes na Capital

de São Paulo, privilégio pelo prazo de cinquenta anos, de exploração, dentro das raiais do Município, dos serviços de uma rede de viação municipal por meio de tração a automóvel sobre trilhos, com motores a essência (gasolina), benzina, álcool (ou sucedâneos) para transporte de passageiros, cargas ou bagagens".

Art. 2º - Fica o Prefeito Municipal autorizado..."

Os senhores Hypolito Gustavo Pujol Júnior e Ernesto Pujol eram proprietários de grandes glebas de terras nos municípios de São Paulo e São Bernardo. Nessa época já tinham iniciado uma grande divisão de gleba de terra - loteamento - no município de São Bernardo. Esse loteamento fazia parte do plano de um conjunto de loteamentos onde dois seriam executados em São Bernardo-sede e São Bernardo-estação (mais São Caetano). Fundaram, então, uma sociedade imobiliária com a razão social Empresa Imobiliária de São Bernardo, cuja propriedade e direção era dos próprios e cuja finalidade era de urbanização das grandes áreas de terrenos no município de São Bernardo, a venda de terrenos e a edificações de casas populares, liquidáveis por pequenas presta-



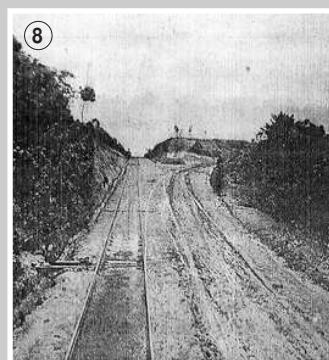
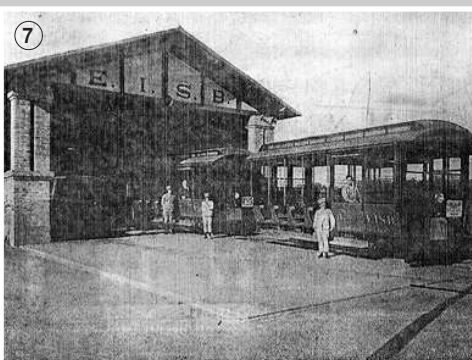
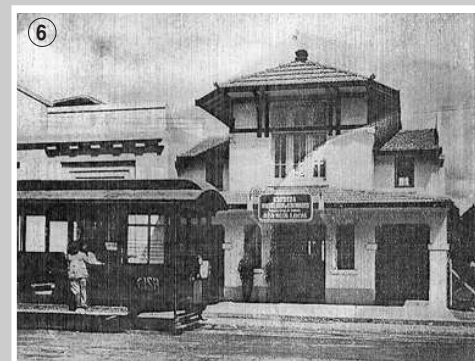
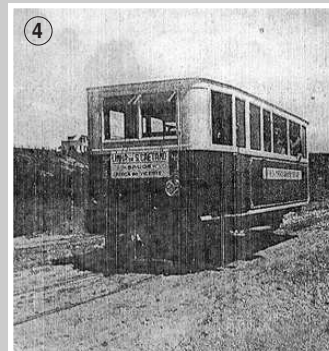
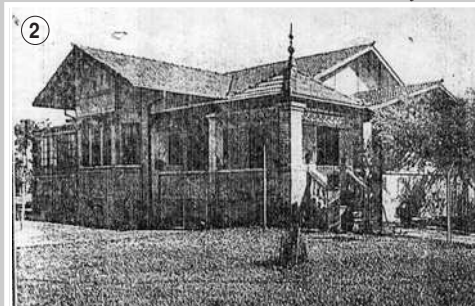
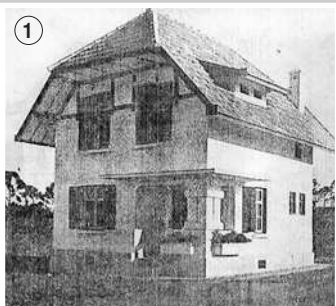
ções, a prazos de até cinco anos. Com a concessão para explorar o transporte coletivo, mais essa finalidade se somou às da empresa.

Em 3 de maio de 1923, já loteada a gleba de São Bernardo-estação, foram inauguradas as primeiras linhas de *tramway* municipal denominadas Circular e São Bernardo-São Caetano. Esta última, por não estar totalmente concluída, trafegou somente até o Bairro Alto da Saudade, na Capela do Vicente.

As primeiras automotrices que trafegaram sobre os trilhos foram de marca Ford, montadas na capital - São Paulo; as outras foram montadas pela fábrica francesa *Campagne*, localizada na capital da França.

As três linhas que percorriam o município de São Bernardo (São Bernardo-estação Circular; São Bernardo-estação-São Caetano e São Bernardo-estação-São Bernardo-sede) realizavam os percursos descritos a seguir. A linha São Bernardo-estação Circular foi inaugurada com o itinerário completo, saindo da estação do Tramway ao lado da estação da Estrada de Ferro São Paulo Railway, entrava pela rua 15 de Novembro; seguia pela rua 15 de Novembro, entrando logo na avenida Industrial; seguindo a avenida Industrial, atravessando o bairro do mesmo nome e acompanhando o leito da Estrada de Ferro São Paulo Railway, seguia até encontrar a avenida Tietê, no Bairro Utinga; seguia a avenida Tietê até encontrar a rua Paquequer, no Bairro Campestre; seguia pela Rua Paquequer, entrando logo na alameda São Caetano, em Santo André; pela alameda São Caetano, seguindo em direção do leito da Estrada de Ferro São Paulo Railway, ia até encontrar a rua das Figueiras, na altura do Bairro Operário; seguia pela rua das Figueiras,

Fotos acervo: Henry Veronesi



Fotos 1, 2 e 3 - Casas construídas pela imobiliária em Santo André.
Fotos 4 e 5 - O tramway em funcionamento. Foto 6 - Estação de Santo André.
Foto 7 - Garagem do tramway, em Santo André. Foto 8 - Trecho da linha, em São Bernardo

com seu prolongamento, encontrar a rua Catequese e rua 15 de Novembro, no Bairro Jardim; seguia a rua 15 de Novembro até o seu início onde estava a Estação do Tramway-estação da Estrada de Ferro São Paulo Railway.

A linha São Bernardo-estação São Caetano partia da Estação do tramway, localizada na rua Serafim Constantino, no centro da cidade; seguia por essa via até encontrar o início da rua Amazonas; seguia pela rua Amazonas até encontrar a rua João Pessoa (antiga rua Virgílio de Rezende); seguia pela rua João Pessoa até o final; prolongava-se em direção da linha da faixa da *Light and Power* em direção a São Bernardo-estação até encontrar a rua Maceió, no Bairro Barcelona; seguia por essa via até encontrar a alameda São Caetano, no mesmo bairro; seguia por essa alameda até encontrar a rua Paquequer cruzamento com a rua Alice, hoje divisa de Santo André, descendo pela alameda São Caetano em direção ao leito da Estrada de Ferro São Paulo Railway, ia até encontrar a rua das Figueiras; seguia

pela rua das Figueiras e seu prolongamento até encontrar a rua Catequese e avenida 15 de Novembro; pela avenida 15 de Novembro seguia até seu início, onde estava a estação do tramway - estação da Estrada de Ferro São Paulo Railway - São Bernardo-estação.

Estas duas linhas foram inauguradas na mesma data: a primeira por completa; a segunda apenas um trecho, isto é, de São Bernardo-estação até o Bairro Alto da Saudade ou Capela do Vicente (Vicente Rodrigues Vieira), onde morava um curandeiro muito querido e procurado pelas curas que realizava.

A linha que fazia o itinerário São Bernardo-estação/São Bernardo-sede foi inaugurada em 1925. Saía da estação do tramway nas imediações da estação da Estrada de Ferro São Paulo Railway; seguia pela avenida Queirós dos Santos até encontrar a rua Coronel Oliveira Lima; pela rua Coronel Oliveira Lima seguia até encontrar a rua Fernando Prestes; seguia por essa via Fernando Prestes até encontrar a avenida Pereira Barreto; pela avenida Pereira Barreto

seguia até o Bairro Baeta Neves até o encontro da avenida Getúlio Vargas; da avenida Getúlio Vargas seguia até a rua Atibaia; pela rua Atibaia seguia até a avenida Pereira Barreto; seguindo o rumo da sede de São Bernardo, até a rua Marechal Deodoro; pela rua Marechal Deodoro, seguia até o viradouro do bonde e estação do tramway para embarque de mercadorias.

Uma observação faz-se necessária a respeito das descrições dos itinerários. Face às grandes modificações introduzidas nos loteamentos, por onde as linhas percorriam, executadas pelos proprietários e pelos poderes públicos municipais, elas podem não coincidir com as atuais plantas municipais.

Da estação do tramway de São Bernardo-estação os passageiros tanto podiam embarcar para São Bernardo-sede, como para São Caetano, via circular.

As estações do tramway de São Bernardo-estação e São Caetano foram construídas próximas às estações da Estrada de Ferro São Paulo Railway, com a finalidade precípua de transportar os interessados na compra de imóveis que vinham de São Paulo, interior e de Santos. Muitas pessoas, no entanto, pegavam o bonde em São Caetano com a finalidade de visitarem Vicente Rodrigues Vieira.

A Empresa Imobiliária de São Bernardo loteou a sua primeira gleba de terra no município em 1921. Ela situava-se em São Bernardo-estação e uma parte estendia-se até São Caetano; o segundo loteamento foi iniciado em 1925 em São Bernardo-sede, com o nome de Nova Petrópolis.

A primeira divisão de gleba de terra - loteamento - ficava a 15 minutos de trem da estação da Luz, da Estrada de Ferro São Paulo Railway,



Primeiro bonde em São Caetano, ano de 1925

da cidade de São Paulo. Ela compreendia uma área de 6.000.000 de metros quadrados.

Em 1925 o loteamento já se encontrava com quase toda estrutura legal exigida pelos Poderes Públicos.

Ele era dividido em bairros para todas as classes e finalidades. Havia os bairros de habitações burguesas que eram reservados às pequenas propriedades de recreio, como o Bairro Jardim, Bairro Campestre e Bairro Utinga; os bairros de habitações proletárias, reservados às edificações populares para o operariado de São Paulo e dos importantes centros industriais que eram o Bairro Operário, o Bairro Santa Maria e o Bairro da Saúde; o Bairro Industrial, marginando o leito da Estrada de Ferro São Paulo Railway, que se estendia da estação de São Bernardo-estação em direção a São Caetano.

A segunda divisão de gleba de terras, compreendia o loteamento da Nova Petrópolis - hoje Bairro Baeta Neves - que distanciava-se a, mais ou menos, oito quilômetros da estação de São Bernardo-estação, da Estrada de Ferro São Paulo Railway, pela estrada de automóveis.

Essa segunda divisão de gleba tinha uma área de 3.254.000 m² e localizava-se quase no centro de São Bernardo-sede, na Rua Marechal Deodoro. A propaganda usava o seguinte texto para atrair compradores: *Loteamento em lugar privilegiado, com excelente clima, há 950 metros acima do nível do mar com grandes possibilidades de comunicação com as cidades de Santos e de São Paulo, Capital.*

As glebas das terras loteadas, somadas davam um total de 9.254 km², quase o tamanho de muitos municípios pequenos.

Quando foi lançado o loteamento da Segunda gleba de terra - Nova



Estação São Caetano, ano de 1923

Petrópolis - em São Bernardo-sede, o primeiro loteamento de São Bernardo-estação já tinha quase todos os melhoramentos, como arruamentos abertos, movimentos de terras necessários, esgoto de águas pluviais, distribuição de água potável canalizada pela própria empresa e explorada pela Municipalidade, abrangendo cerca de um terço de todos os lotes de terrenos. Havia fornecimento de energia e luz elétrica em rede da *Light and Power*, abrangendo quase todo Bairro Industrial e grande parte dos outros bairros do loteamento.

Ao longo da avenida Industrial, no terreno por ela loteado, entre o leito da Estrada de Ferro São Paulo Railway e a avenida, a empresa, por conta própria havia construído diversos desvios ferroviários para venda dos terrenos para indústrias que tivessem interesse de se instalar no município. Além disso, tinha construído a estrada de automóveis ligando todos os bairros, notadamente o Bairro Industrial de São Bernardo-estação, ao centro da cidade de São Paulo, num trajeto que le-

vava, mais ou menos, 25 minutos.

Essa estrada, tinha sido uma promessa de um dos proprietários das terras loteadas, doutor Hypolito Gustavo Júnior juntamente com Pereira Inácio e Guilherme Guinle, ao Prefeito do município de São Bernardo, Saladino Cardoso Franco, promessa essa citada num dos relatórios do prefeito. Dizia no relatório: *Contando com a boa vontade e auxílio dos senhores Hypolito Pujol, Pereira Inácio e Guilherme Guinle, a prefeitura projeta construir uma estrada de rodagem entre Santo André e São Caetano, margeando a estrada de Ferro São Paulo Railway...* Essa promessa foi feita em 1919, e, parte da estrada prometida foi executada pela avenida Industrial.

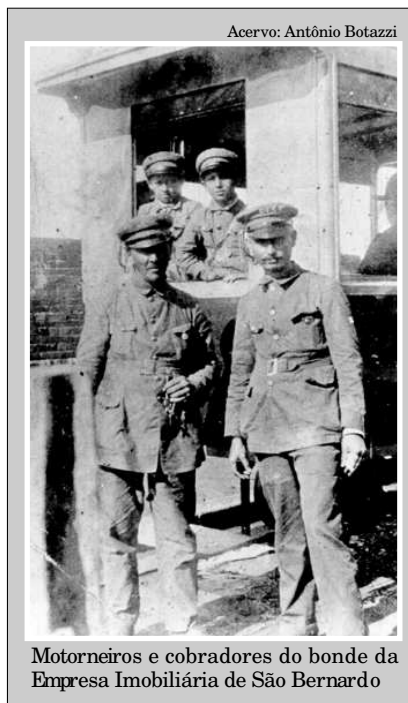
Os bondes que rodavam pelo Tramway da Empresa Imobiliária São Bernardo eram movidos a gasolina, combustível muito usado nos veículos europeus, durante e depois da guerra de 1914-1918.

Devido à topografia do terreno das glebas, potência dos motores dos bondes, constituição dos mesmos e outros problemas mais, o es-

tudo para a implantação do sistema *tramway* exigiu que fossem fixadas normas técnicas para o seu bom funcionamento. Assim, foi determinado que a bitola - largura entre um trilho e o outro do leito - fosse de apenas um metro; que as rampas para onde o bonde precisasse trafegar tivessem no máximo um desnível de três e meio por cento; que as curvas tivessem um mínimo de oitenta metros, exceto no perímetro urbano, onde poderia ter menos. O estudo previa além de muitos cortes de barrancos que chegavam a atingir dez metros de altura, em certos lugares, muitos aterros.

Em 1925, face ao interesse da Empresa Imobiliária São Bernardo em promover o desenvolvimento do loteamento, São Bernardo-estação já estavam construídas nele mais de duzentas casas, de diversos portes, a maioria adquirida da própria empresa que as negociava, à prestação, com prazo de até oito anos.

As vendas das casas e dos terrenos da empresa até 1925, estavam se processando dentro dos planos estabelecidos, porém o sistema de trans-



Acervo: Antônio Botazzi
Motorneiros e cobradores do bonde da Empresa Imobiliária de São Bernardo

porte *tramway* não estava correspondendo às expectativas, sendo até deficitário. Por esse motivo a sociedade planejou e executou um plano de reforço das linhas de São Bernardo-estação e São Caetano, substituindo o sistema de tração movido a gasolina para o sistema a vapor, que era muito mais econômico. Essa

modificação, custou para a firma a importância de 50.000\$000 (cinquenta mil réis).

Os bairros de São Bernardo-estação tinham as seguintes áreas de ocupações: Bairro Jardim 290.837m²; Bairro Operário 437.427 m²; Bairro Campestre 712.610m²; Bairro Santa Maria, em São Caetano, 1.151.733m²; Bairro da Saúde, que ficava entre os Bairros Campestre, Utinga e Santa Maria, 4.435.128m²; Bairro Utinga 898.981m²; Bairro Industrial 529.115m².

Os valores médios por metro quadrado de terreno no loteamento de São Bernardo-estação, no ano de 1925, eram os seguintes: Bairro Jardim 5\$949; Bairro Operário 1\$293; Bairro Campestre 3\$382; Bairro Santa Maria 2\$030; Bairro da Saúde 3\$522; Bairro Utinga 3\$522 e Bairro Industrial 2\$976.

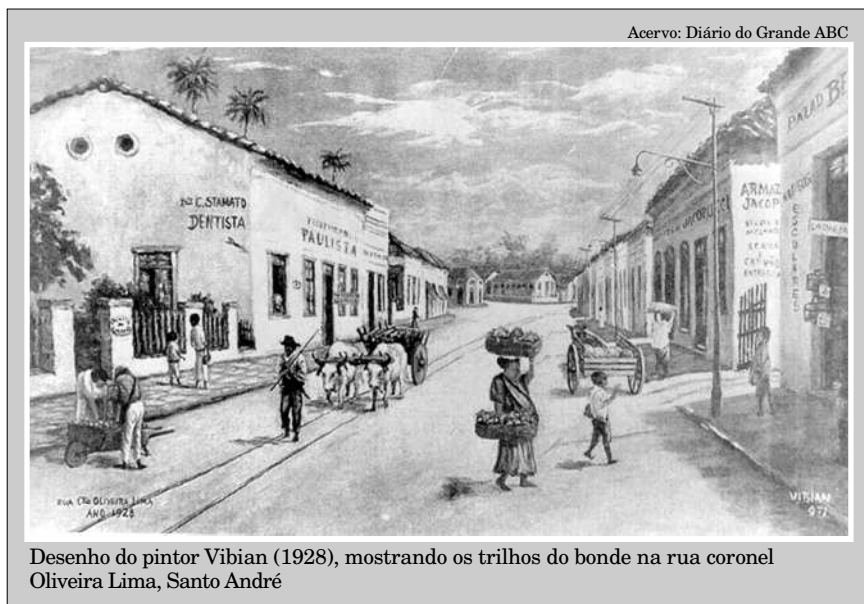
No loteamento Nova Petrópolis os valores variavam de 2\$701 e 1\$469, dependendo da situação do lote.

Os serviços de transporte *tramway*, subsistiram no município até a década de 30, quando não podendo mais suportar a concorrência das linhas de ônibus e automóveis, foi encerrando as atividades.

Notas

- (1) Palavras do Marquês de Paraná, presidente do Conselho de Ministros ao seu amigo Barão de Mauá. In: *Grandes Personagens de Nossa História - Vol. II, página 469*;
- (2) *História dos Transportes Coletivos em São Paulo*. Editora da Universidade de São Paulo, 1978 - Waldemar Corrêa Stiel;
- (3) *A Cidade que Dormiu Três Séculos* - Tipografia Bandeirantes Ltda. - 1968 - Octaviano A. Gaiarça;
- (4) Relatório da Empresa Imobiliária de São Bernardo de 1925.

(*) Henry Veronesi é advogado, administrador de empresas, e ex-conselheiro da Fundação Pró-Memória.



Acervo: Diário do Grande ABC
Desenho do pintor Vibian (1928), mostrando os trilhos do bonde na rua coronel Oliveira Lima, Santo André

O pioneirismo dos irmãos Aldo e Guido Aliberti na década de 30

José Roberto GIANELLO(*)

O escritor Manoel Cláudio Novaes (1916-1998) em uma de suas deliciosas crônicas sobre o cotidiano de São Caetano na década de 30, publicada originalmente em outubro de 1987, aborda sob o título *Bater Coco* (1) o trabalho executado por meninos na fábrica de botões dos irmãos Aliberti, localizada na antiga rua Rio Grande do Norte, atual rua José do Patrocínio, às margens do rio dos Meninos. O próprio Novaes foi um desses meninos que trabalharam nessa indústria e executaram a operação *bater coco*, que consistia basicamente em descascar coquinhos com um pedaço de ferro para retirar a semente com a qual eram fabricados os botões, já então imprescindíveis em toda peça de vestuário, constituindo-se mesmo em ornamento obrigatório. A produção mínima diária de um menino era de um quilo, e o salário era de um tostão (cem réis) por quilo de coco descascado, suficiente para o in-



Acervo: Fundação Pró-Memória

Aspecto da fachada da Indústrias Aliberti Ltda. Em 1937, com centenas de meninos que executavam o trabalho de *bater-coco* para obter a matéria prima da confecção de botões

gresso no cinema, principal divertimento dominical da criançada. De qualquer forma, foi uma época muito boa para a infância dessa geração de sancaetanenses que lembram com saudades das alegrias proporcionadas para alguns e a possibilidade para outros de contribuir para o pagamento das despesas da família.

O que estas crianças não sabiam até

então, é que por trás desse prosaico trabalho, havia na realidade uma grande indústria fundada pelos irmãos Aldo e Guido Aliberti, italianos, formados em engenharia química pela Escola Politécnica de Turim, pioneiros na fabricação de botões na América do Sul, cuja saga de trabalho e pioneirismo passaremos a descrever neste artigo.

A fábrica dos irmãos Aliberti, oficialmente chamava-se *Indústrias Aliberti Ltda.*, foi fundada em 11 de março de 1923, e funcionava em uma antiga fábrica de pólvora da família Tossetti, que havia se incendiado. A história destes irmãos está ligada também a evolução da aviação brasileira, pois ambos construíram o primeiro planador do Brasil e realizaram em 2 de março de 1930, o primeiro voo em planador na América do Sul, experiência pioneira de trágicas consequências para Guido Aliberti, falecido em função da seriedade dos ferimentos provocados em um acidente com o seu planador. De acordo com os cronistas da época, Guido Aliberti pode



Acervo: Álbum de Figurinhas da PAN

Figurinha do *Planador Guido Aliberti*, pioneiro no Brasil do voo sem motor, falecido após o acidente ocorrido em 2 de março de 1930, após experiência trágica em prol do seu grande ideal

ser considerado a primeira vítima do *volovelismo* (vôo a vela) no Brasil.

Na origem da fábrica, ela funcionava em uma área de 400 metros quadrados, com vinte operários e o produto fabricado era somente botões de madrepérola e corozo (palavra de origem hispânica - *corozo* - que significa marfim-vegetal).

O acidente fatal com Guido Aliberti não interrompeu os planos do seu irmão Aldo, mas vale a pena lembrar os detalhes desse acontecimento para avaliar sua importância na história da Aeronáutica Brasileira. Na década de 30, as experiências e realizações no mundo da aviação, com ou sem motor, eram iniciativas que se aproximavam da área esportiva, tamanha a coragem e o desprendimento que as pessoas dedicavam-se a essas atividades, pelo simples prazer de voar e também financiavam os gastos com os próprios recursos.

Assim, os irmãos Aliberti construíram um planador do tipo *Zögling*, primeiro com pequenas modificações, tinha dez metros de envergadura e cinco de fuselagem, asas móveis nas extremidades manobradas por meio de alavancas controladas pelo piloto. De acordo com o livro de Raul Leme Monteiro (2), o dia 2 de março de 1930 foi um dia histórico do primeiro vôo em planador da América do Sul. A se-

guir Raul Leme Monteiro relata que os irmãos Aliberti, residentes em São Caetano, e proprietários de uma fábrica de botões projetaram e pacientemente construíram o primeiro planador que se fez na América do Sul. E continua o relato: *A 2 de março de 1930, o planador foi transportado para o campo de Tereza de Marzo, no Ipiranga. Eram dez horas da manhã, e Guido Aliberti, auxiliado por seu irmão Aldo, instalou-se e procurou aproveitar-se do vento que soprava forte com o planador impulsionado por cabos de borracha. Depois de algumas tentativas, o aparelho atingiu cerca de trinta metros de altura. Após algumas evoluções, Guido Aliberti não mais conseguiu manter o controle do planador e, ao executar uma curva, entrou em queda e foi chocar-se violentamente contra o solo. Removido para a Casa de Saúde Matarazzo, com contusões generalizadas e fratura de ambas as pernas. Guido ali ficou em tratamento por duas semanas, mas não resistiu à seriedade dos ferimentos vindo a falecer.*

A morte de Guido Aliberti não significou a interrupção dos planos do seu irmão Aldo, que continuou a desenvolver sua capacidade criativa aliada ao arrojo e confiança total naquilo que criava. Como engenheiro químico formado, Aldo já sonhava em substituir a matéria-prima vegetal dos seus

botões pelo plástico. Antes disto, a Indústria Aliberti amplia as instalações e instala em Belém do Pará uma fábrica auxiliar para a produção de semimanufaturados, ou seja discos de madrepérola pescados nos rios do Amazonas e derivados do corozo, o marfim-vegetal da Amazonas e Equador. O produto era acabado nas instalações de São Caetano, mas já se tornara uma operação antieconômica.

Finalmente, em 1935, Aldo Aliberti consegue instalar a primeira empresa brasileira a entrar no ramo do plástico, substituindo toda a linha de botões de madrepérola e outros vegetais, instituindo um pioneirismo incontestado na tecnologia de fabricação de botões.

Em 1937, a Indústria Aliberti Ltda., empregava oitocentos operários, divididos em 12 seções, ocupando uma área coberta de oito mil metros quadrados, constituindo-se, com outras empresas, o principal núcleo industrial do distrito de São Caetano, pertencente então ao município de São Bernardo, que ocupava um lugar de destaque na evolução econômica do Estado de São Paulo.

Paralela às atividades industriais, a diretoria da Indústria Aliberti Ltda., junto com seus empregados funda, em 23 de junho de 1933, o IAL-Club com o objetivo de oferecer condições para a prática de esportes, principalmente

Acervo: Álbum de São Bernardo



Equipe de Futebol do IAL-Club, campeão de 1935

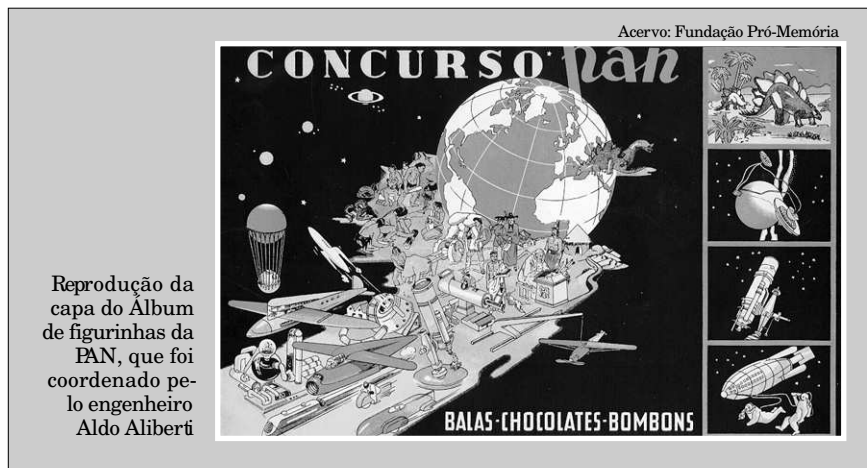
Acervo: Jornal de São Caetano do Sul



Pioneiros da Aliberti, da esquerda para a direita: Narciso Dario, diretor comercial; Walter Ceppo, diretor industrial; Aldo Aliberti, diretor presidente, e Alberto Aliberti, diretor superintendente. Foto de 1973

futebol, educação física, ciclismo e atletismo, realizando simultaneamente concorridos *festivals-dançantes* que marcaram época na cidade pela animação e sucesso entre a juventude. O time de futebol do IAL-Club sagrou-se campeão da série I do campeonato promovido pelo jornal *O Dia*, em 1935, sendo também vice-campeão do torneio-início, realizado no dia 7 de Setembro do mesmo ano. Em 1936, ficou famosa a prova ciclística realizada pelo IAL-Club, à qual compareceram mais de 100 concorrentes e que teve como ponto de partida a esquina da avenida Conde Francisco Matarazzo com a rua João Pessoa (3).

Ainda na década de 30, outra tradicional fábrica de São Caetano, a PAN-Produtos Alimentícios Nacionais, surgia com a colaboração de Aldo Aliberti. O famoso *foguete PAN*, símbolo daquela indústria, foi criação de Aldo Aliberti, o que prova sua paixão e amor pela astronomia e aviação. Quando a PAN divulgou seus primeiros produtos em 1935, o lançamento foi original, com intensa propaganda de que seria lançado um foguete à lua e de acordo com testemunhas, centenas de pessoas teriam ido até o Campo de Marte, em São Paulo, onde se supôs que aconteceria o evento. Nesse contexto científico dos anos 30, também foi lançado pela PAN um álbum de figurinhas sobre aviões, foguetes e satélites, como parte de um concurso PAN, coordenado por Aldo Aliberti, que assim justificava o projeto: *...O Álbum PAN quer dar uma pequena contribuição para ajudar a formação da mentalidade de jovens que devem ver no esforço intelectual, seu ideal mais elevado; o espírito científico domina a vida moderna e a compreensão dos fatos científicos já não é privilégio de iniciados, devido à propaganda que escola, jornais, e cinemas fazem da mesma. A marca da PAN é a astronave em viagem para a Lua, sím-*



bolo escolhido com o fim de representar o espírito de modernismo e progresso que preside a fabricação de seus produtos (5).

Na década de 50, o pioneirismo na tecnologia industrial continuava como principal preocupação de Aldo Aliberti e fazia parte dos planos de expansão da empresa. Com a implantação da indústria automobilística no Brasil, as Indústrias Aliberti tornou-se um dos principais fornecedores de matérias-primas para as montadoras de automóveis, sendo talvez uma das poucas empresas com experiência no ramo plástico. Em 1958, um novo produto industrial aparecia no mercado e a primazia em fabricá-lo coube novamente às Indústrias Aliberti. Tratava-se do *fiberglass*, matéria à base de vidro muito resistente e de milhares de utilidades na fabricação de lanchas, barcos, carrocerias isotérmicas, banheiras e casas pré-fabricadas. Toda esta diversificação de produtos em nada alterava a manufatura de botões iniciada em 1923, pois apesar do aparecimento do plástico e da fibra de vidro, o botão continuava sendo um produto de enorme aceitação, agora fabricado em plástico, evidentemente, sendo que na década de 60, a Aliberti respondia por 60% do consumo nacional de botões (4).

A partir dos anos 60 surgem novos complicadores na vida da empresa. São

Caetano já não oferece espaço para a expansão física da empresa. A cidade de Rio Claro, no interior paulista, acena com doação de terrenos e isenção de impostos por vinte anos para atraí-la para lá, considerando que Rio Claro já nessa época era um centro produtor de artigos de fibra de vidro. Para agravar a situação, as Indústrias Aliberti sofre com as enchentes em 1964 e 1967, que quase destruíram completamente a fábrica. Em 1973, a empresa comemorou seu jubileu de ouro, oferecendo aos funcionários uma grande festa de despedida de São Caetano. Em 1974, transferiu-se para Rio Claro.

Notas:

- (1) Novaes, Manoel Cláudio - *Bater Coco - Jornal de São Caetano* - Outubro de 1987;
- (2) Monteiro, Raul Leme: *25 Anos de Aviação*. In História Geral da Aeronáutica Brasileira-Volume II, Instituto Histórico - Cultural da Aeronáutica, 1990;
- (3) Caldeira, João Neto: *Album de São Bernardo*. Editora Cruzeiro - 1937;
- (4) *Jornal de São Caetano do Sul*, Dezembro de 1973, p. 15;
- (5) Contra-capa do Álbum de Figurinhas Concurso PAN, 1938.

(*) José Roberto Gianello, é sociólogo, e assessor da Divisão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Fantasia e medo transformam fatos simples em acontecimentos fantásticos

Gisberto GRIGOLETTO(*)

Reminiscências do passado trazem à lembrança doces recordações da infância, onde fatos simples e corriqueiros, graças à fértil imaginação dos primeiros anos de nossa vida, transformam-se em acontecimentos fantásticos. Dois momentos distintos, um aos seis anos e outro ocorrido aos dez, demonstram o doce imaginário da criança que fui.

Em 1921 tínhamos um armazém de secos e molhados, na esquina da rua Amazonas com a rua Maranhão. Para entrega das despesas aos fregueses, possuímos uma carrocinha e um animal de tração. Era uma égua alazã, com uma mancha na cabeça, mansa, boa de tração e de sela. Atendia pelo nome de Estrela.

Ao anoitecer soltávamos a égua para pastar, e na manhã seguinte, eu e meu irmão íamos apanhá-la. Levávamos uma rédea de couro para amarrar no focinho do animal e voltaríamos montados.

Certa manhã, como de costume, fomos apanhá-la. Saí de casa com a rédea enrolada na cintura, ao redor do meu corpo. Em dado momento, já no pasto, senti que algo, dando um bote, ficara preso nos fundilhos de minha calça.

Instintivamente olhei para trás, vi apavorado uma enorme cobra, grossa, escura, dependurada em meu corpo, roçando as minhas pernas. Desesperado, morto de medo, saí correndo campo a fora, pulando e gritando, uma cobra! uma cobra!

Meu irmão que corria atrás, não conseguia me alcançar. Esse deses-

pero durou uns dois ou três minutos. Não sentindo mais a tal cobra dependurada em meu corpo, parei. Lívido de medo, tremendo dos pés a cabeça, chorando, quase não me sustentando em pé. Chegando meu irmão onde eu estava, perguntou o que tinha acontecido. Disse-lhe que uma cobra havia dado um bote e ficado dependurada em meu corpo. Ele sorriu, procurou me acalmar, segurando em meu braço, disse: venha ver a cobra.

Voltamos cerca de duzentos metros, lá estava a dita cuja. Era nada mais, nada menos, que a rédea que eu havia enrolado em minha cintura, ao sair de casa. Uma de suas pontas, soltando-se caíra no chão, ficando naturalmente dependurada. Até que a mesma não desenrolasse por completo, eu ficaria correndo, pulando, gritando, uma cobra! uma cobra!.

Até hoje, passados setenta anos, continuo temendo esse réptil. Quero entre nós, razoável distância, ela lá - eu cá.

DONA LONGA – Tinha eu mais ou menos seis anos quando o dedo polegar de minha mão direita ficara bastante infeccionado, em virtude de uma panarício que aparecera sob a unha daquele dedo.

Eu não avaliava quanto grave era o estado do dedo, mas meus pais estavam preocupados. Naquela época não havia médicos residentes em São Caetano. Assim, minha mãe aguardava a visita que o dr. Rubbo, médico da capital, fazia semanalmente a São Caetano para atender seus pacientes. Notando o médico o estado nada bom de meu dedo, receitou uma pomada para ser aplica-

da sobre a infecção. Disse à minha mãe que, caso essa pomada não desse resultado satisfatório, provavelmente seria necessário a amputação do dedo, para evitar maiores consequências.

Saindo do consultório, fui com minha mãe até a quitanda de dona Longa, avó do ex-deputado e ex-prefeito Oswaldo Samuel Massei, com quem ela mantinha amizade desde a sua chegada do interior.

Mostrou a ela a receita do dr. Rubbo, dizendo também sobre a possível amputação. Dona Longa ouviu minha mãe, viu a receita e em seguida observou atentamente o estado de meu dedo. Depois dirigindo-se a ela, disse: “Não se preocupe dona Carolina, isso não é nada, o dedo do menino vai melhorar, vai ficar bom”.

Apanhou uma faca, desinfetou-a, fazendo em seguida duas pequenas incisões em forma de cruz, sobre a infecção. Aplicou uma mezinha que ela mesma havia preparado e deu o restante para minha mãe aplicar posteriormente.

Na semana seguinte, não fomos ao consultório do médico. A infecção estava desaparecendo. Passados mais ou menos 15 dias, o dedo estava bom, não foi amputado, com a graça de Deus e a ajuda de dona Longa. Ele continua firme na minha mão direita, somente a unha, devido à incisão feita, cresce em duas metades, partida no sentido vertical, mas não incomoda.

(*) *Gisberto Grigoletto secretário e presidente do Clube Esportivo Lazio, entre 1932 e 1936.*

Origens históricas da cidade dividem-se em dois períodos distintos

Jordano VINCENZI(*)

A história de São Caetano divide-se em dois períodos; o antes e o depois de 28 de julho de 1877. O antes de 28 de julho de 1877 é o período em que pouco ou nada aconteceu para seu desenvolvimento, senão o fato de ter pertencido, parte ao espanhol Diogo Sanchez com pequena criação de gado, e o primeiro nascimento de um filho em terra de Tijucuçu, hoje São Caetano.

Tijucuçu, no parecer dos entendidos, é lamaçal, charco, atoleiro, etc. Parte pertencente ao Capitão Duarte Machado, que posteriormente doou ao Mosteiro de São Bento parte de sua gleba. E entre alguns outros proprietários, surge o do grande bandeirante, Fernão Dias Paes Leme, que adquiriu terras, em pregão público, de Maria Pedrosa, viúva do Capitão Manuel Temudo, e que a seguir faz doação também ao Mosteiro de São Bento, como paga de compromissos assumidos. É pela direção do Mosteiro construída pequena capela que recebe, como padroeiro, São Caetano, e uma olaria que produz tijolos para aumento e melhoria da construção do Mosteiro de São Bento.

Os tijolos eram transportados por barcos que navegavam no Rio Tamanduaté e desembarcavam em Porto Geral, hoje rua 25 de Março, esquina com a ladeira Porto Geral. Em 1827 foi feito o primeiro ensaio para o início da Colonização da província de São Paulo, e, após quase 50 anos, o segundo ensaio, solicitando aos órgãos competentes que fizessem levantamento das fazendas prestáveis para a colonização. Assim é que o Governo, em 1877, adquiriu as terras da Fazenda São Caetano, pertencentes ao Mosteiro de São

Bento, que são divididas em lotes destinados aos imigrantes.

A São Paulo Railway Company, antiga estrada de ferro Santos-Jundiaí, abre a ligação São Paulo - Santos, passando por São Caetano, no ano de 1866, e, com a inauguração, a certeza de seu desenvolvimento.

Entremos agora no segundo período, ou seja, depois de 28 de julho de 1877, no período inicial da colonização, e do desenvolvimento de São Caetano do Sul, passando a fazer uso das notas e documentos fornecidos por João Barile, ligado à família dos colonizadores a que vamos referir-nos.

Em 1877, chegava a Genova proposta para a imigração. Uma delas, em resumo diz:

“Imigração ao Brasil/Vantagens oferecidas aos imigrantes:

Os imigrantes partirão livremente, sem compromisso de contrato e com o direito às seguintes concessões:

O imigrante no porto de destino será recebido por um intérprete que cuidará de seu imediato desembarço, desde a bagagem, e prestará todos os esclarecimentos necessários, dirigindo-os aos locais de residência e trabalho, gratuitamente, e a manutenção por oito dias nas colônias do Estado. Os que ali se estabeleçam terão direito a um lote de terreno assim dividido: 1ª 125.000 braças 2 = 605.000m²; 2ª 62.500 braças 2 = 302.500m²; 3ª 31.250 braças 2 = 151.250m², que poderão comprá-las nas condições, que variarão de dois a oito réis por braça e a estimação segundo a fertilidade e a posição do terreno. Aos que pagarem a prazo, será acrescido de vinte por cento o preço estabelecido, e o pagamento será feito em cinco prestações; a primeira, a partir

do segundo ano de posse; e o que pagar antes desse prazo, terá seis por cento de desconto. O colono terá direito às primeiras sementes e a uma casa”.

O documento ainda esclarece que as pessoas poderão mudar-se, se assim convier, terão assistência religiosa e escolar. Nos baixos do citado documento uma comparação do valor da moeda italiana em relação à nossa. É assinado pelo interessado, sem estampilha e sem reconhecimento de firma: estava datado de 30 de junho de 1877, assinado por Giovanni Perucchi, bisavô de João Barile, que chegou juntamente com outros no dia 28 de julho de 1877.

O grupo era composto de mais de uma centena de pessoas. Citaremos os nomes dos chefes de família. Eram eles: Giácomo Dalcin, Antonio Garbelotti, Natale Furlan, Antonio Martorelli, Francesco Bortoline, Luigi D’Agostini, Giusepe Braidó, Francesco Fiorotti, Giovanni Perucchi, Domenico Botan, Caetano Garbelotti, Antonio Gallo, Giovanni De Nardi, Tomaso Tomé, Giovanni Tomé, Eliseu Leoni, Giuseppe de Savi, Giuseppe Sala, Modesto Cestelotti, Celeste Pantallo, Francesco De Martino, Pietro Pessoti, Domenico Perin, Paolo Martorelli e Emílio Rossi.

Em princípios de 1878, novo grupo de imigrantes chegava a São Caetano. Eram eles: Felippo Roveri, Pasquale Cavana, Luigi Baraldi, Isaac Coppini, Francesco Coppini, Francesco Carnevalle, Francesco Ferrari, Madella Dionisio, Genari Luciani, Giocchino Vicentini.

Começo difícil, problemas de aclimação, animais selvagens e doenças foram vencidas pela rigidez de seus músculos habituados ao trabalho. E a saudade, se de todo não vencida, ao menos amenizada, pois quase todos os

colonos procediam da mesma região, com os mesmos hábitos e tradições.

Há oportunidade de serem vistos recibos que datam de 1881 a 1882, de impostos que eram pagos de dois em dois anos e referiam-se às hortaliças, no valor de seis mil réis, taxa de vendedor ambulante em São Paulo. Já pensaram a que horas levantava essa gente para as vendas de verdura? No começo da colonização alguns iam a pé, conduzindo carrinhos de mão, depois com carroças, pois só existiam picadas no meio da mata. O projeto da primeira estrada data de 1889. Esta que todos conhecem, parte da rua da Moóca e segue pela travessa do mesmo nome, hoje avenida Paes de Barros, até atingir São Caetano com seis quilômetros de extensão e que hoje tem o nome de rua Ibitirama.

Em 1877 São Paulo foi invadida por epidemia de varíola, quando os colonos tiveram casos fatais. Pouco depois recebera a visita de D. Pedro II, pois acompanhava com grande interesse seu desenvolvimento. As missas eram pouco rezadas no início, mas o fervor religioso era um lenitivo para as caminhadas a pé até à Penha para assistirem aos ofícios religiosos.

Os enterros eram feitos parte em São Bernardo e parte em São Paulo. Algumas pessoas acompanhavam-nos a pé, daqui ao Araçá, em São Paulo. São Caetano pertencia ao Município de São Paulo, mas em 1901, pela lei 804 de 9 de outubro de 1901, passou a pertencer ao Município de São Bernardo. O povo, cansado de pedir a São Paulo, bem como a São Bernardo, que criassem o cemitério local, resolve, por subscrição pública, comprar o terreno e oferecê-lo ao Município de São Bernardo. Manuseamos a lista de subscrições, no total de 308.000 mil réis, e também a cópia da Lei em que a Câmara Municipal de São Bernardo confere à Irmandade de Santo Antônio de São Caetano o direito de zelar pelo mesmo.

O surto progressista evoluía, os ce-

reais, as verduras, os pomares, e por que não dizer, as famosas uvas e vinhos aqui produzidos. Quem leu o livro de Júlio Ribeiro, *A Carne*, encontrará elogio extraordinário aos vinhos de São Caetano.

Os campos e os rios constituíam de todos a predileção, abundantes em caça e pesca, principalmente na época das chuvas. Com o transbordamento dos rios, seus leitos, não retificados, proporcionavam muitos lambaris, que eram vendidos em latas de vinte litros, apanhados em guarda-chuva, no local então chamado de a *Cascata dos Tosettes*, hoje Aliberti. Esta zona era tida como a em que mais chovia no mundo.

Entre as primeiras indústrias, podemos citar as olarias que forneciam tijolos para São Paulo e Santos e ainda: Fábrica de Sabão de José Coelho Pamplona, que vendeu a Mariano Pamplona; Formicida L. Queiroz - de Virgílio de Rezende; Depósito de Destilaria de Licores - Banco União; Metalúrgica Romeu Mazzini e Cerâmica São Caetano; Cia. Melhoramentos de Santos; Mecânica Importadora - Conde Siciliano; Matarazzo, Produtos Químicos, Sabão e Óleo; Giorgi Picossi - Velas, Banha de Coco Babaçu; Serraria do Monteiro, que cedeu lugar a Louças Adalina desapropriado e, Pólvora - Atílio Tosseti, Indústria Aliberti.

Entre as primeiras sociedades destacamos Sociedades Beneficente Príncipe di Napoli, fundada em 11 de novembro de 1891; Sociedade Internacional União Operária, fundada em 1907; São Caetano Esport Club, fundado em 1914; Grêmio Recreativo Instrutivo Ideal, fundado em 1922; Sociedade Recreativa Monte Alegre, e Cerâmica Esport Club, fundado em 1925.

Não podemos deixar de citar outros fatores do seu progresso. O ensino estava resumido à Escola Italiana, que funcionava na Sociedade Príncipe di Napoli e cuja cartilha era escrita em italiano e português, sujeito à vara de marmelo. Outras escolas isoladas e

particulares existiam, modestíssimas e de pouca expressão.

A Banda de Música de então conquistou o terceiro lugar em concurso de Bandas do Estado e chamava-se *Corporazione Musicale Principe di Napoli*.

Entre os diversos fatores que tornam a cidade conhecida, podemos destacar o curandeiro chamado *Seu Vicente*, ou seja Vicente Rodrigues Vieira. Habitava, como ainda habitam seus familiares, no Bairro Santa Maria, atrás do Grupo Escolar Rudge Ramos, então chamado *seu Vicente*. As pessoas vindas de todos os rincões do País eram transportadas da estação até o bairro em troles bem concorridos, depois automóveis e por fim jardineiras. O dinheiro que lá deixavam era trazido a comerciantes que o contavam, descontando suas contas e ajudando com as sobras os pobres, bem como a construção da Igreja Velha.

Mas, por incrível que pareça, já tivemos bonde com motor a gasolina; sua estação era na rua Serafim Constantino, e se destinava a Santo André e São Bernardo; tinha a finalidade principal da venda de terrenos que pertenciam à firma Pujol - hoje Cia. Imobiliária Nacional e Cia. Imobiliária Santo André, cujos terrenos formavam as Vilas Gerty, Gisela, Santa Maria, Saúde, Campestre, etc. Se tiverem oportunidade de observar poderão ver as paradas de bonde na Vila Gisela, em construções bem antigas.

Essa é a fase propriamente histórica da cidade. Daí para cá, principalmente a partir da autonomia transformando-se em município, São Caetano do Sul inicia sua história contemporânea. *(Texto originalmente publicado em 1977 pelo Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul)*

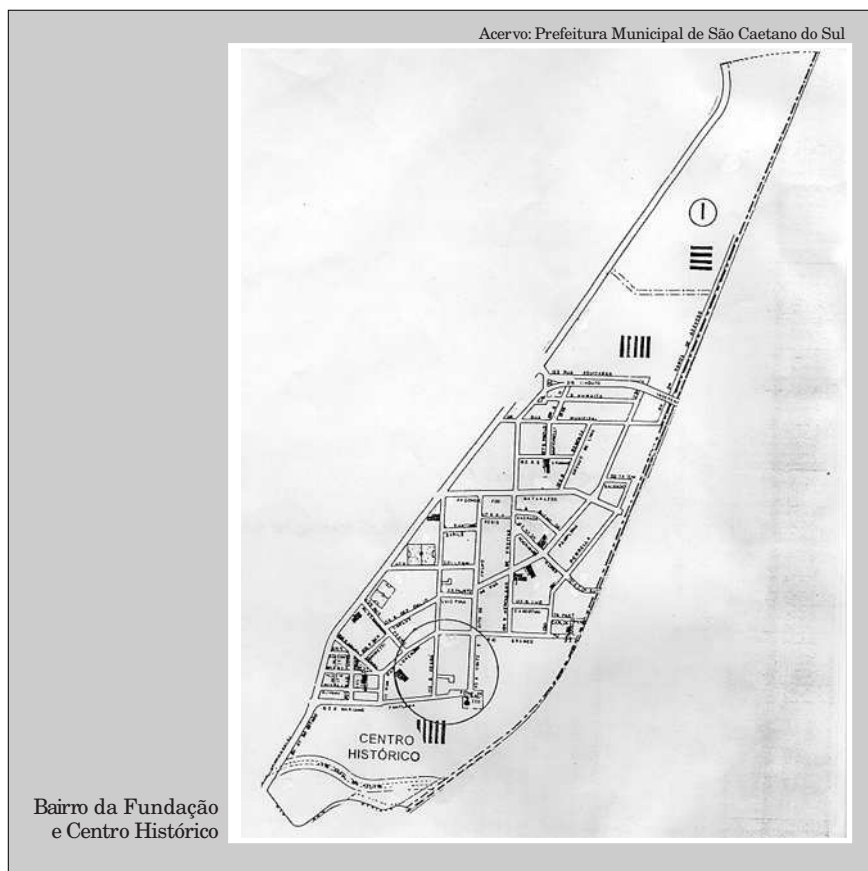
(*) *Jordano Vincenzi, líder autonomista e ex-vereador*

Preservação do patrimônio cultural consolida identidade local

Nívio TESSITORE(*)

A noção de patrimônio abrange hoje a noção de bairro. Atualmente, a preservação da riqueza do patrimônio arquitetônico e urbano é sentida com um imperativo pelas autarquias (na Fundação Pró-Memória, a razão desse imperativo está na restauração e a preservação do patrimônio histórico edificado, além de resgatar a memória daqueles que formaram a cidade e os seus atuais descendentes), como nos moradores, em geral. A riqueza desse patrimônio é notada como um vetor de identidade, de qualidade de vida e de dinamismo econômico a conservar. Mas a densificação das pessoas e das construções em alguns bairros centrais, como o Centro; a introdução de novas práticas urbanas por cidadãos de integração recente, como na Vila Gerty e no entorno do antigo Largo da Figueira, e a construção de edifícios modernos, pela Avenida Goiás e artérias secundárias, sem respeito pela harmonia ou a geomorfologia do bairro, concorrem para alterar completamente os tecidos antigos e as tipologias do *habitat* tradicional.

A existência do patrimônio conservado, a exemplo do que ocorre no Bairro Fundação é vetor de valorização para o conjunto da aglomeração, diretamente através da percepção de uma realidade específica e sua vivência. Além disso, ao preservar as qualidades arquitetônicas e urbanas, o Centro antigo participa diretamente na imagem de marca da cidade: como exemplo, na área das Indústrias

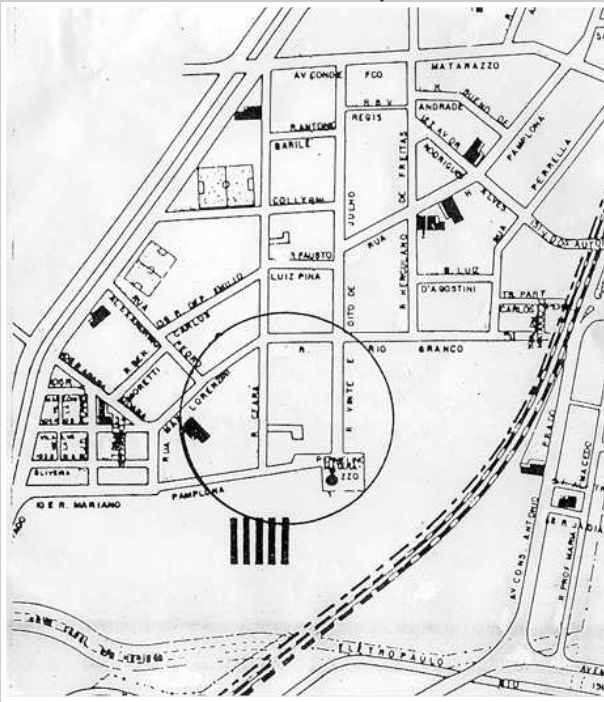


Reunidas Francisco Matarazzo, no Centro Histórico.

A cidade é um território e um quadro construído que traduz uma visão da sociedade e um projeto político. As cidades coloniais da América Latina, herdadas da ocupação espanhola e conquista portuguesa exemplificam bem esta idéia. As marcas do poder, impostas no século XVI, aparecem na trama, através de edifícios oficiais, civis e religiosos. São Caetano, no entanto, como desígnio político demonstrador de uma urgência pela sobrevivência desde os primórdios até à chegada do imigrante europeu, surge junto

às margens do rio Tamanduateí desprovida de maiores tons, com suas origens da época escravagista e ritmo desenvolvimentista aliado ao fluxo imigratório.

Até há pouco tempo, de modo geral nos aglomerados urbanos a função política fundamental morava freqüentemente no Centro Histórico. Em numerosos centros antigos, o palácio presidencial assim como o palácio legislativo, a Câmara, o tribunal continuavam situados no coração da velha cidade. Com o crescimento urbano dos séculos XIX e XX e o alargamento do espaço urbano para os bairros periféricos, a vo-



Centro Histórico de São Caetano do Sul. Museu Histórico Municipal, Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Praça F. Matarazzo e Matriz Velha

cação do centro da cidade de uma cidade a outra, deveu-se a suas condições específicas.

TENDÊNCIAS – Para alguns, e é o caso ideal, o crescimento do espaço urbano permitirá ao centro da cidade reforçar e consolidar as suas tendências como ponto central, através do desenvolvimento das atividades terciárias de nível superior, da continuidade do tecido urbano e da vitalidade econômica. Assim, o centro da cidade mantém sua vocação de local de reunião das populações e das trocas, nomeadamente através da miscigenação das funções e da existência de espaços públicos animados. Para outros, é o caso mais freqüente, um novo centro da cidade que satisfaz às necessidades de uma dinâmica urbana desejosa de modernidade, aparece em um outro ponto, sem continuidade urbana, levando às vezes a uma maior marginalização do antigo centro. Com este deslizamento da centralidade,

aparecem novos centros concorrentes do antigo, a ponto de lhes captar os elementos mais dinâmicos, como ocorreu da rua 28 de Julho do início do século, próximo à Matriz Velha; para a vizinhança da estação ferroviária, dos baixos da passagem de nível, na continuidade da rua Roberto Simonsen, na década de 1920 e depois até a Praça Cardenal Arcoverde e a Igreja Matriz Sagrada Família, de 1990 até aos dias atuais.

A valorização cultural e turística dos centros antigos é fonte de atividades econômicas. Em um arrojado de criatividade, as indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, em São Caetano, seriam um pólo turístico de vivência com núcleos teatrais, culturais, de diversão e alimentação de massa e haveriam, também, os novos megacassinos da Zona Leste, incluindo a região do Grande ABC, como os grandes shoppings operando pela Avenida

dos Estados, do bairro Fundação até bairro Prosperidade, acompanhando a onda de casas de bingo e jogos que envolvem a metrópole paulistana, criando o *Corredor do Consumo São Caetano*.

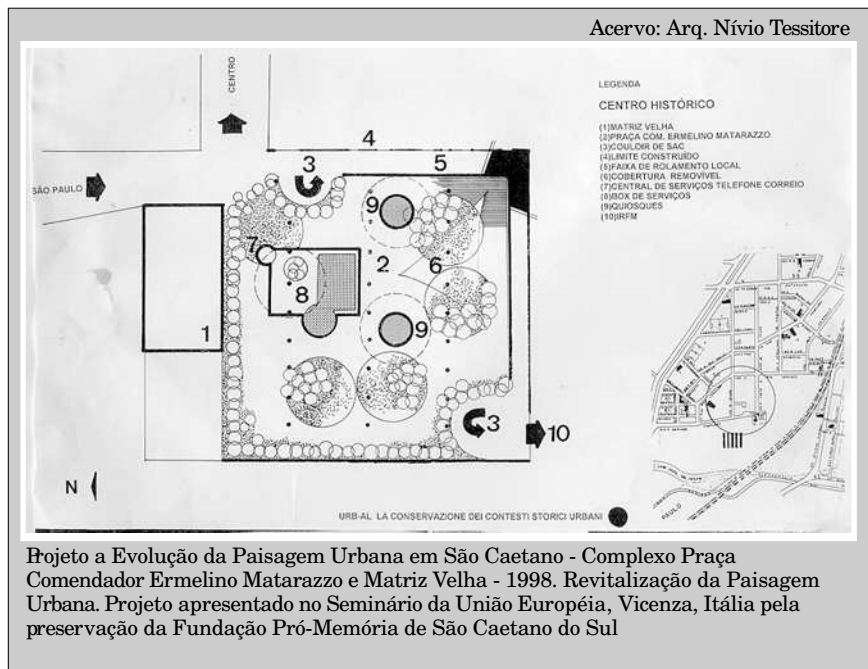
CONTROLE – A experiência de vários países da Europa e da América Latina revelou que as políticas turísticas podem gerar efeitos perversos sobre o funcionamento e desenvolvimento de centros antigos. Quando não são controladas nem inseridas numa estratégia mais global de desenvolvimento de uma cidade, até de um país, as políticas de turismo, em vez de valorizar os bairros antigos, podem contribuir a fazer deles museus, quebrando o equilíbrio entre as funções residenciais e terciárias. O turismo orientado exclusivamente para responder às necessidades de um turismo de massa acaba por seu um vetor de perturbações, quer para os moradores destes bairros, quer para os próprios turistas.

Pelo contrário, se o turismo *for integrado numa política global de desenvolvimento urbano* (a exemplo, do *Corredor do Consumo São Caetano*), pode ser um fator extraordinário de promoção cultural e econômica para os bairros antigos (Fundação e Prosperidade). As cidades da América Latina perceberam-no, muito bem, quando em 1998, dos 71 sítios reconhecidos como Patrimônio Mundial da Humanidade pelo Unesco na América Latina, 26 dizem respeito a Centros Históricos, quer na sua totalidade, quer parcialmente. Através de ações de reabilitação, de preservação e de proteção, os Centros antigos podem transformar-se num lugar atrativo de *consumo* cultural no qual determinadas funções residenciais, culturais, artísticas e turísticas podem aparecer novamente.

Por outro lado, a reabilitação dos bairros antigos contribui para valorizar a imagem de marca da cidade, servindo de base para uma política turística. Os bairros antigos reabilitados constituem uma riqueza potencial sob a forma de entrada de rendimentos turísticos para a cidade e o país inteiro. Com efeito, são cada vez mais numerosos os poderes públicos que, procurando responder às expectativas de uma clientela internacional e também nacional, sempre crescente, incentivam o desenvolvimento de um turismo central, em complemento de outros produtos turísticos mais clássicos.

RACIONALIZAÇÃO – A reabilitação urbana participa na valorização do ambiente e na racionalização da ocupação do território: a reabilitação urbana, por contribuir no reforço da centralidade dos bairros antigos, participa na valorização do meio ambiente e na qualidade de vida. Com efeito, incentiva um melhor tratamento dos espaços públicos e facilita também o acesso aos centros antigos, nomeadamente através da racionalização das trocas, dos equipamentos, das redes de distribuição e da utilização dos transportes coletivos. Por outro lado, o objetivo de manter ou promover a miscigenação social implica a melhoria do conforto urbano nos tempos antigos, em particular através da qualidade do tratamento dos espaços contíguos, a conservação das funções de base e a elaboração de uma política coerente das deslocações.

A reabilitação deve permitir, pela melhor coerência territorial e a racionalização das deslocações, nomeadamente dos transportes particulares, reduzir a taxa de poluição e de engarrafamento dos centros das cidades. A reabilitação do *habitat* permite ainda um isolamento



Projeto a Evolução da Paisagem Urbana em São Caetano - Complexo Praça Comendador Ermelino Matarazzo e Matriz Velha - 1998. Revitalização da Paisagem Urbana. Projeto apresentado no Seminário da União Européia, Vicenza, Itália pela preservação da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

acústico e térmico de melhor qualidade, aspectos suplementares de conforto e de qualidade de vida.

Se a reabilitação urbana, muitas vezes, da tomada de consciência de algumas pessoas, do interesse e da qualidade dos bairros antigos, ela contribui também para difundir uma *cultura* de reabilitação do patrimônio arquitetônico e urbano dos poderes públicos e dos moradores.

As ações de reabilitação tem um forte impacto visual sobre a cidade e o bairro. O efeito *vitrine* de tal ação de reabilitação num determinado bairro tem conseqüências óbvias ao nível dos seus moradores, como no caso da rua 24 horas, nos velhos baixos de São Caetano ou mesmo as propostas de praças e largos difundidas em administração anterior (1989-1992). Estes últimos, os moradores começaram a empreender ações, mesmo pequenas, de auto-habilitação, de melhoramento do *habitat* e dos espaços coletivos junto ao poder público, na preservação e manutenção desses espaços conquistados. Como exem-

plo, surgiu naquela época e foi difundida a figura do servidor público provedor que se transformou em modelo de guardião dessas áreas, contratados e remunerados pela Municipalidade. Hoje, essas iniciativas podem também ter um efeito de incentivo junto de municípios vizinhos do ABC que se apercebem rapidamente da transformação dos bairros e do interesse político, econômico, cultural e social de uma intervenção no patrimônio arquitetônico e urbano da cidade.

A reabilitação pode constituir a base de uma mobilização social visando a valorização da identidade do bairro. Os projetos de reabilitação urbana dão muitas vezes a oportunidade de mobilizar as forças vivas de um bairro. Os moradores, reunidos em comissão do bairro, comunidade ou associação, são os principais motores da reconquista física e social de um bairro.

A reabilitação urbana é exercida em determinadas áreas da cidade, o perímetro destas áreas é condicionado por aspectos morfológicos,

sociológicos e econômicos. Os tecidos urbano e social deverão sempre ser associados fazendo uma delimitação coerente. Critérios urbanísticos de planejamento permitem articular no desenvolvimento da cidade a reabilitação de uma área, fixando densidades e usos que tornem mais sólidas a operação, modulando dotações e oportunidades de desenvolvimento.

Como caso específico de mobilização dos esforços para a projeção e divulgação da questão da revitalização urbana, formalizando a fixação das densidades e usos do espaço, é o projeto *A Evolução da Paisagem Urbana de São Caetano*, bastante representativo das iniciativas projetuais no programa de restauração e preservação das edificações da cidade desenvolvidas pela Fundação Pró-Memória no interesse do patrimônio cultural de

São Caetano. Apresentado à Direção Geral da Comissão Européia, dentro do Programa URB-AL dedicado às cidades européias e latino-americanas, no encontro de Vicenza (1998) sobre o tema Conservação dos Centros Históricos Urbanos, o projeto colocou a iniciativa paulista como marco sólido, na participação efetiva da defesa da memória edificada, diante da visão dos arquitetos urbanistas europeus. Posteriormente, a *Fundação Pró-Memória* apresentou, também, o projeto *A Evolução da Paisagem Urbana - a Arquitetura como documento e expressão da História*, tema proposto ao projeto comum das cidades envolvidas no Programa URB-AL, atendendo esta Autarquia ao novo convite, agora, representando o município de São Caetano, na formação conjunta de uma das sub-redes integradas de

cidades da Europa e da América Latina.

Uma análise de possibilidades e efeitos leva à conclusão: o conceito de reabilitação urbana transcende de meras operações edificatórias. É necessário contemplar em conjunto alojamentos, valorização de espaços públicos, consideração pelo apelo social, e por fim, a atualização das estruturas obsoletas ou danificadas.

Bibliografia

– I Encontro Bienal sobre *Reabilitação Urbana*, Documento Base, Lisboa, 1998. Presença da delegação da *Fundação Pró-Memória* de São Caetano do Sul, Prefeitura de São Caetano do Sul em seminário da União Européia, Vicenza, Itália, sendo coordenador Aleksandar Jovanovic, representando o Prefeito Municipal, Luiz Olinto Tortorello. No mesmo evento, representando o Município, na questão técnica e conceitual da preservação do patrimônio cultural, foi apresentado o projeto de *Revitalização da Paisagem Urbana do Centro Histórico e Restauração do Complexo Praça Comendador Ermelino Matarazzo e Matriz Velha, em São Caetano*, e posteriormente, o projeto *A Evolução da Paisagem Urbana - a Arquitetura como documento e expressão da História*, ambos de autoria do Arquiteto Nívio Tessitore.

– Carta de Reabilitação Urbana Integrada, Carta de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro da Reabilitação Urbana dos Núcleos Históricos, 1995.

– Martins, José de Souza. *Diário de Fim de Século*, São Caetano, Fundação Pró-Memória, 1998.

– Médici, Ademir. *Migração e Urbanização*, São Caetano, Editora Hucitec-PMSCSul, 1993.

– Tessitore, Nívio. *Dinâmicas Urbanas: a Dinâmica da Paisagem*, Fundação Armando Álvares Penteado FAAP, São Paulo, 1998.

(*) *Nívio Tessitore é arquiteto com graduação e pós-graduação, em nível de Mestrado, na área de concentração Estruturas Ambientais Urbanas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo*

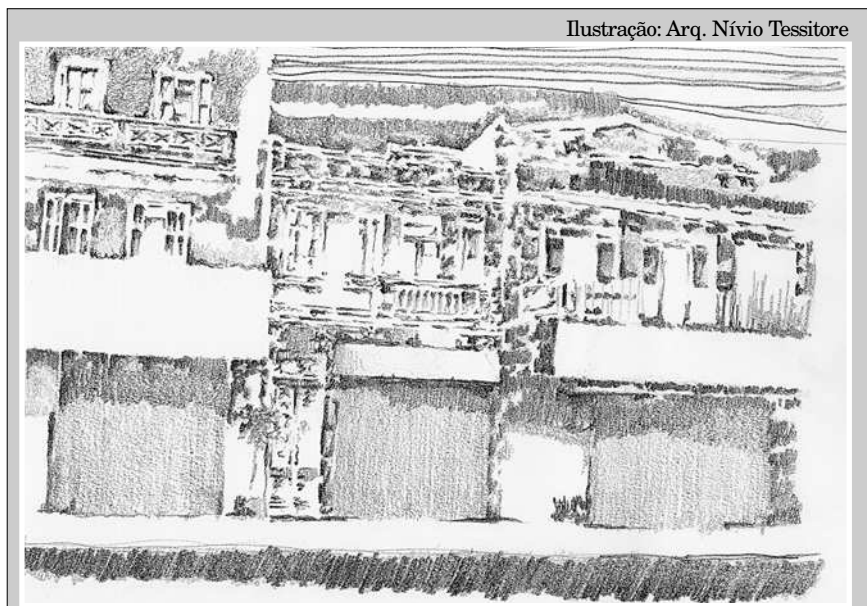


Ilustração: Arq. Nívio Tessitore

Bairro da Fundação nas proximidades da rua Roberto Simonsen, construção com armazém e residência, em dois níveis. De 1872 a 1895, a população paulistana aumentou em cerca de 103.980 e a parcela estrangeira cresceu em 68.918 – o que representava mais da metade do crescimento demográfico da cidade e dentre os estrangeiros, por sua vez, a maioria era de italianos (63,3% – quase 45.000). Pelos relatos, percebe-se que simultaneamente às alterações demográficas, aconteciam modificações na composição cultural, tornando aparentemente hegemônica a presença dos europeus, principalmente a dos italianos

7 de outubro de 1951: Beniamino Gigli dá récita na Igreja Matriz da Sagrada Família

Num longínquo domingo de 1951, uma visita inusitada fez vibrar o coração do povo sancaetense que lotou as dependências da Matriz da Sagrada família para ver e ouvir o inesquecível tenor Beniamino Gigli, considerado o maior cantor lírico do seu tempo, sucessor e continuador de Enrico Caruso. O que trouxe o grande artista, acostumado às aclamações de exigentes platéias em todo o mundo para uma pequena cidade, na época, como São Caetano do Sul, foi um convite do padre Luiz Benedetti, de quem era amigo particular. Beniamino Gigli cantou sem cobrar cachê, e do programa estabelecido cantou quatro músicas sacras: *Ave Maria*, *Pietà Signore*, *Panis Angelicus* e *Agnus Dei*. Pessoas que testemunharam essa apresentação, como Silvia Novaes Borges, Fani Scartozzoni, e Domingos Florindo Pan, até hoje lembram com profunda saudade, desse inesquecível dia em suas vidas (1).

Silvia Novaes Borges recorda: “Foi lindo, lindo, lindo! A voz dele era maravilhosa, suave. Quando ele terminou a apresentação, a igreja quase veio abaixo. As pessoas queriam chegar perto. Abraça-lo. Cumprimenta-lo. Foi um dia muito especial para aquela cidade pequena que São Caetano era na época”.

Nas recordações de Fani Scartozzoni, aquele domingo de 7 de outubro de 1951 mudou sua vida: “Eu tinha esperado muito para ver Gigli e me lembro que eu chorei bastante naquela manhã, de tanta emoção. Na saída da igreja, meu pai estava conversando com um ra-



Beniamino Gigli com um grupo de pessoas, em 1951, na Igreja Matriz Sagrada Família. 1-(?), 2-Domingos Florindo Pan, 3-(?), 4-Silvia Novaes, 5-Antonio Monteiro, 6-Durval Caperutto, 7-Beniamino Gigli, 8-Augusto (?), 9-Ángelo Raphael Pellegrino (prefeito), 10-(?)

paz, o Lino. Meu pai o convidou para almoçar. Eu e o Lino começamos a namorar naquele dia. Casamos, tivemos três filhos e cinco netos”.

Para Domingos Florindo Pan,



Igreja Matriz Sagrada Família, em 1951. O cantor Beniamino Gigli e o prefeito Ángelo Raphael Pellegrino

que cantava no coro da igreja e estava presente na apresentação de Gigli, a recordação que ele tem da visita de Gigli é esta: “Nós sabíamos que ele era palmeirense e demos de presente um distintivo do Palmeiras para ele”.

No *Jornal de São Caetano* de 13 de outubro de 1951, a visita de Gigli foi matéria de primeira página, assinada por J. Calazans de Campos: “Às 11 horas chegou Gigli, sério, simples, solene. Foi até o Presbitério e dali para o coro. O mestre Angelo Camim, sob cujos dedos o órgão vibrou como nunca fez encher a igreja toda com harmonias sublimes que só a música sacra tem o dom de inspirar. E, logo ao Kirie, a voz ampla, cheia, maravilhosa do grande tenor se espalhou pelas arquivoltas, estabeleceu-se entre as colunas romanas e desceu para penetrar as almas”. Continua o jornal: “O espetáculo foi maravilho-

so e comovente. Uma onda branca, ágil e feliz encheu de vida e aroma de graça a nave unguida de emoção e religiosidade. Todos foram tocados de profunda comoção. Muitas lágrimas rolaram silenciosas, de faces adultas sobre sulcos abertos pelo tempo ou pelo sofrimento, mas rolaram e brilharam generosamente”.

Para as novas gerações que não tiveram o privilégio de ouvir Beniamino Gigli ao vivo, restam as gravações perpetuadas em discos de 78 rotações, *long-playing* e também em discos CD, em números suficientes para compará-lo com os intérpretes de hoje: José Carreras, Plácido Domingo, e, claro, Luciano Pavarotti.

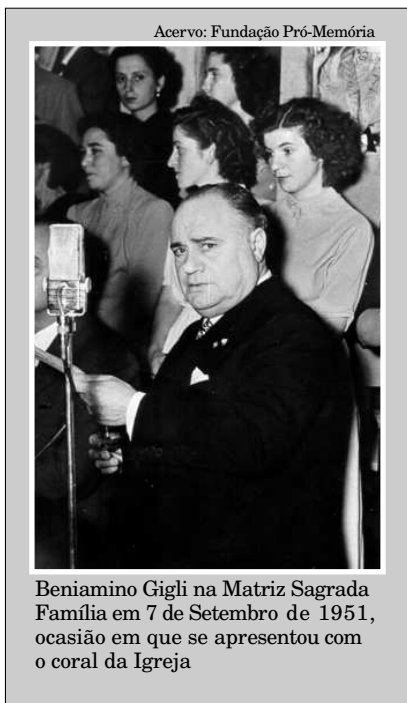
BIOGRAFIA (2) – Beniamino Gigli nasceu a 21 de março de 1890, na pequena localidade de Recanati, perto de Castelnuevo, na Província de Ancona.

Ainda criança, Gigli já cantava em diferentes igrejas vizinhas, e todas admiravam a cálida sonoridade de sua voz.

Gigli exibiu-se pela primeira vez em público no teatro da cidade de Meccerata, onde alguns estudantes tinham resolvido montar a opereta *A Fuga de Angélica*. O jovem Beniamino desempenhou o papel feminino com uma felicidade que augurava bem a sua futura carreira.

Mais ou menos nessa mesma época, Gigli foi à Capital, na esperança de ser admitido no coro dos pequenos cantores da Capela Sistina. Mas, em Roma, esbarrou em dificuldades que não esperava. Apresentou-se munido de uma carta de recomendação, ao diretor da capela, Giulio Boesi, que não sabendo que se dirigia ao sucessor de Caruso, recusou a sua admissão no coro, pois Gigli tinha mais de 16 anos.

Em 1911, o Liceu Musical de



Roma, depois Academia de Santa Cecília organizou um concurso de canto, no qual se inscreveu o jovem cantor. Declarado vencedor sobre 26 outros concorrentes, foi admitido como aluno do maestro Cotagni, cujo papel na formação do seu discípulo foi particularmente determinante. Em 1914 ganhou o concurso de canto do Conservatório de Parma.

Depois do parênteses provocado pela Primeira Guerra Mundial, durante a qual Gigli muitas vezes cantou para os combatentes. O tenor famoso, então, fez a sua primeira excursão ao exterior, começando pela Espanha.

De volta à Itália, Gigli estudou e aperfeiçoou mais a sua arte, sob a direção de Mascagni e Toscanini. Em 1919 cantou em Buenos Aires, de onde seguiu para o Brasil e depois para Nova Iorque. Na grande cidade norte-americana o ídolo do povo era, então, Caruso. Gigli esperou pacientemente a sua hora. Em 26 de novembro de 1920, data

de sua chegada. Gigli estreou no *Metropolitan* de Nova Iorque, com *Fausto*. O sucesso do jovem cantor perante o difícil público norte-americano ultrapassou todas as expectativas.

Em 1921, Caruso desapareceu depois de ter reinado no *Metropolitan* de Nova Iorque durante 18 anos. Três tenores disputavam a sua sucessão: Giovanni Martinelli que esperava essa hora há sete anos; Giulio Grini, que quanto a si aguardava há quatro anos e Beniamino Gigli, o último chegado.

Em 14 de Novembro de 1921, a direção do *Metropolitan* resolveu nomear Gigli para suceder Caruso. E Gigli manteve esse posto no grande teatro norte-americano até 1932. Depois de ter dado um último recital no *Carnegie Hall*, Gigli voltou para a Itália.

Após a Segunda Guerra Mundial, Gigli recomeçou as suas *tournees* triunfais pelo estrangeiro, principalmente na Alemanha, Inglaterra, e nos Estados Unidos. Depois de mais de 40 anos de sucessos, de triunfos e também de trabalho assíduo, o grande tenor retirou-se da vida pública, minado pela doença. No dia 30 de novembro de 1957, Beniamino Gigli morreu às 12h30 na sua casa em Roma, nos braços da esposa, Constanza Gigli.

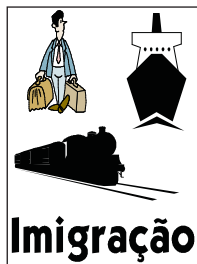
Notas:

(1) Depoimentos dados ao *Jornal Diário do Grande ABC* de 1º de Outubro de 1995.

(2) Revista *Seleções Democráticas* Ano I, nº IV, Dezembro de 1957.

(*) Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Imigração espanhola remonta ao início da colonização do Brasil



Sônia Maria Franco
XAVIER (*)

A história dos espanhóis em São Caetano tem suas raízes, como em todo o

Brasil, na própria colonização. Ela é muito antiga - remonta ao século XVI - e muito significativa em quantidade numérica, perdendo apenas para imigrantes portugueses e italianos. Alguns espanhóis ilustres vieram para o País no período de 1580-1640, quando as coroas de Espanha e Portugal estiveram unidas, dando origem a famílias *quatrocentonas*, entre elas os Ramirez, os Buenos, os Ortiz, os Camargos, os Godoys, os Martinez Bonilla, os Toledo e os Rodriguez (1).

Existem registros sobre a presença de povos ibéricos nas terras de Tijuçu desde fins do século XVI. Diogo Sanches, natural de Castela, região central da Espanha, alfaiate, veio para São Paulo, onde fixou residência e casou-se com Isabel Félix. De acordo com documentos pesquisados, os Sanches e os Felix foram os primeiros habitantes dos Campos de Tijuçu, tendo chegado antes de 1595. Miguel, filho de Diogo Sanches e Isabel Félix, ao que tudo indica, nasceu na região de Tijuçu, tornando-se o primeiro sancaetanense (2).

A imigração espanhola para a região de São Caetano pode ser dividida em dois momentos principais: de 1890 até a década de 30, e após a II Guerra Mundial. No primeiro momento, a Espanha perdeu colônias na África (1893), no Caribe (Cuba, 1895) e na Ásia (Filipinas, 1896). Por outro lado,



Acervo: Família Morales
Barcelona - 24 de setembro de 1968.
Isabel Egea e Angel Morales

o Brasil buscava alternativas para solucionar o problema de mão-de-obra em consequência da abolição da escravidão e para atender à crescente exportação de café, o que fez do País cenário de um dos maiores movimentos migratórios de nossa história. Num segundo momento entre 1950 e 1964, parte dessa imigração foi espontânea, mas uma boa leva foi patrocinada pelo governo brasileiro que estava interessado em mão-de-obra especializada para a indústria automobilística e siderúrgica. Mais de 750 mil espanhóis entraram no Brasil nos dois momentos (3).

É conveniente lembrarmos que para incrementar a emigração européia, foi criado em Bruxelas, em 1951, o CI-ME (Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias). Este processo das migrações humanas nos leva a refletir sobre sua importância, pois com certeza a sociedade receptora passou por transformações econômicas, sociais e políticas.

Na cidade de São Caetano isto se deu da mesma forma. Os imigrantes vieram de diversas regiões da Espanha e contribuíram para formar e desenvolver a sociedade local. Observa-se pelo depoimento de Florentina Morales Castillo que os espanhóis procuravam concentrar-se morando próximos uns aos outros e trabalhando na indústria automobilística. Hoje muitos deles são empresários da indústria de móveis, da indústria química, donos de ferros-velhos, sapateiros, construtores, empresários do ramo de transporte, ceramistas, revestidores de fachadas em pedras, engenheiros, médicos, dentistas destacando-se, também na arte e na cultura. Aliás, montar seu próprio negócio, sem necessitar submeter-se a patrão, é uma característica do espanhol e do seu gesto pela independência.

Houve no segundo momento da imigração espanhola uma maior concentração no bairro Oswaldo Cruz (anteriormente conhecido como Monte Alegre). Era um local animado, onde a música e a dança demonstravam o espírito dessa gente. A *Lamurga* era uma comemoração que faziam no bairro Monte Alegre: várias famílias saíam pelas ruas cantando, tocando, como se fosse um cordão carnavalesco, gente com castanholas, violões e pandeiros. Isto acontecia no Natal e no final do ano (4).

Segundo o I Censo Demográfico Espanhol, realizado no ano de 1996, na região do ABC, constatou-se a presença de mais de oito mil espanhóis radicados nas sete cidades. A Sociedade Cultural e Comercial Hispano-Brasileira do ABC tem registrados os nomes completos, endereços, profissão de todos os espanhóis, filhos e netos que compareceram voluntariamente aos

postos de cadastramento. Esse censo teve como objetivo saber o número de espanhóis residentes na região para poder, desta forma, almejar um vice-consulado para a região. Na cidade de São Caetano do Sul foram cadastrados 3.086 espanhóis e descendentes, sendo 622 espanhóis, 1.129 filhos e 1.335 netos. Marcelo Garcia Galves, presidente da Sociedade Cultural e Comercial Hispano-Brasileira do Grande ABC, apresenta um panorama da população espanhola e seus descendentes na região bem como procura resgatar as suas origens, através de eventos como Noite de Cultura Espanhola, com apresentação musical de cantores malagueños, e recital de poesias. A entidade publica também um pequeno jornal informativo *La Alpujarra*, que tem por objetivo dar ciência à comunidade espanhola dos principais fatos ocorridos na instituição e, numa amplitude geral, trata de assuntos sociais, culturais, tecnológicos, comerciais e incentiva o intercâmbio com entidades similares, tanto no âmbito nacional quanto internacional.

DEPOIMENTO - Para conhecermos um pouco de São Caetano, entrevistamos uma espanhola radicada na cidade,

Florentina Morales Castillo. Casada, mãe de três filhos (Alexandre, Henrique e Maurício) e moradora da rua Serafim Carlos, nº 30. Dona Florentina decidiu contribuir para o enriquecimento de nossa história através de suas memórias. Ela faz um relato sincero e emocionado de suas experiências antes de sair de Almería, Espanha e dos motivos que impulsionaram a família a buscar uma nova terra.

A guerra foi a causa principal da vinda desta família para a cidade. Percebe-se nas palavras da narradora que todos viviam bem instalados em Terra Almería (boa casa, família grande, fartura). Foi mesmo o horror da guerra que os fez sair.

No depoimento, observa-se o apego das famílias e algumas características de sua cultura e de suas crenças. A amizade que unia os espanhóis e o apoio que existia entre eles em todos os momentos, tanto de alegria como nas dificuldades.

Conta ainda, na chegada a São Caetano, os primeiros contatos aqui na cidade, a dificuldade de comunicação por não entenderem o idioma e, ao mesmo tempo, o carinho dos espanhóis que já estavam aqui.

Faz um retrospecto dos locais, das Prefeituras, das inaugurações (Cine Vitória, Estádio Municipal Lauro Gomes e Rádio Cacique) e das festas (carnaval, juninas e desfiles) que se realizavam.

Conta ainda a simplicidade do povo, as ruas empoeiradas e o tipo de calçado usado pelos moradores na época (tamancos e alpargatas). As roupas, os uniformes e a simplicidade de muitos usando espuma de sabonete para fixar os cabelos. As ruas eram de terra e muito mato escondia animais e até mesmo cobras, como ela relata num susto que levou quando voltava da escola.

Termina o seu relato nos dias de hoje, falando da saudade que sempre sentiu de seus familiares que ficaram na Espanha. Sua história deve assemelhar-se a de tantas outras famílias espanholas que aqui se radicaram.

Gosto de falar do passado, no álbum de minhas recordações, esta é uma página que revejo com emoção...1953...chegada a São Caetano do Sul.

Terminada a Guerra Civil espanhola em 1939, Angel e Isabel casaram-se. Naquela casa próxima a Serra Nevada de Granada, nascemos eu e meus dois irmãos, rodeados de amor por toda a família.

As angústias e decepções, após uma terrível guerra; a Guerra Civil espanhola, em que se viu irmãos lutando contra irmãos, fez Angel alimentar um desejo; sair da Espanha.

Tantas vezes ouvíramos em nossa infância o relato daqueles pormenores sobre a guerra, que eles pareciam integrantes em nossas próprias existências. A guerra civil espanhola, tal como me foi transmitida pelo meu pai, pobre pai, por trás de barricadas formadas por terra, pedras, dormentes, companheiros caindo, gemendo, estirados em poças de sangue, espalhando-se lentamente sobre a neve.

Nada convenceu Angel, ele estava



decidido, deixaria a Espanha e com a família mudariam para o Brasil. Os irmãos de Isabel ficaram furiosos com a notícia; não se conformavam. Angel não precisava ir tão longe...vivia bem lá...não lhes faltava nada...

Chorando nos despedimos. Nunca esquecerei; parecia uma despedida eterna. Com meus sete anos, olhava para Serra Nevada e já sentia saudades daquela neve tão branquinha. Tinham me dito que em São Paulo não nevava. E eu gostava de caminhar sobre a neve...bem devagar...com cuidado, com medo de esmagá-la com os pés. Caminhava e a sentia cair sobre mim. Pegava-a com os lábios, sentia o cristalino frio de neve, uma brancura límpida e fresca.

Chorando pensava:

- Sentirei falta das bolas de neve que fazíamos no inverno, dos bonecos de neve e das figuras humanas nos telhados que, com pás nas mãos, atiravam a neve para a rua.

Ferida por dentro resmunguei:

- *Mi alma está dolorida!*

Chegamos à casa de meus avós (pais de meu pai). Meu avô Jerônimo veio receber-nos. Era um homem magro, bem alto, cabelo todo branco como a neve. Minha avó Juana era baixinha, cabelos negros bem penteados em coque. Foi a última vez que os vi...Choravam muito.

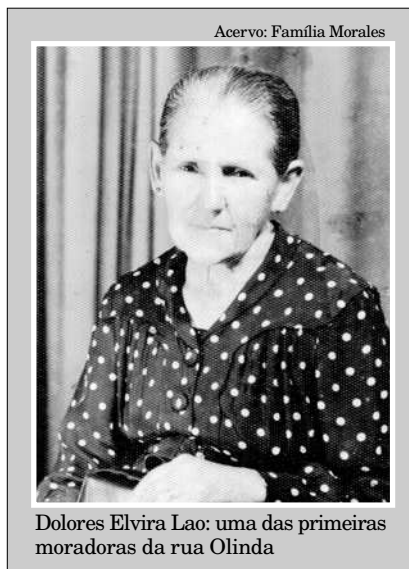
Meus pais voltaram em 1968, Juana estava viva.

Abracei meu avô e lhe perguntei:

- *Abuelito, de que color es tu estrella?*

Meu avô dizia que todos tínhamos uma estrela, e que conforme a sua cor, assim seria nossa vida. Eu ficava curiosa e lhe perguntava: - Avozinho, de cor é minha estrela? Ele me olhava e dizia: É azul! - E a dos meus irmãos? - Uma é verde e a outra laranja. A verde transmite brilho e a laranja poder e a azul serenidade.

Tantas vezes perguntei ao meu avô a cor de nossas estrelas, porém nunca



conseguir saber a cor da sua.

Sáimos de Granada...foi uma despedida triste...choramos todos.

No caminho rumo a Cádiz o ônibus bateu, foi um susto enorme, mas não ficamos feridos. Chegamos a Cádiz...também na minha memória Cádiz estará para sempre associada à minha visão de mar aberto; para um habitante do interior, o espetáculo de uma vastidão de água que se perde para além do que os olhos alcançam é algo memorável.

O enorme navio Cabo de Hornos, nos trouxe até Santos, era o dia 15 de Fevereiro de 1953.

No porto nos esperava Dolores Elvira Sao, tia do meu pai que morava em São Caetano do Sul. Angel foi incentivado pela tia a vir para São Caetano pois ela sentia saudades de sua família.

Aqui chegando as pessoas nos olhavam curiosas. E nós ainda mais, pois era mês de Carnaval e muitos estavam fantasiados para pular, num salão que havia do lado da casa da tia do meu pai, na rua Olinda hoje Tenente Antônio João. A maioria dos moradores eram espanhóis. A família nos recebeu com alegria. Quiseram nos agradecer e alguém colocou um disco na vitrola.

Era o cantor de flamenco Juanito Valderrama. Cantava *El Emigrante*. Ao ouvir a música, a tristeza dos meus pais foi tão grande, que num trecho da música em que o cantor dizia:

Adios mi España querida

Dentro de mi alma

Te llevo metida

Aunque soy un emigrante

Jamás en la vida

Yo podré olvidarte!

Choramos todos. Minha mãe Isabel, passou a mão na cabeça do meu pai Angel e com todo amor lhe disse: -

! Animate hombre que todo saldra bien!

No dia seguinte, Angel já procurava emprego. Juntava-se ao formigueiro de homens e mulheres que buscavam o pão de cada dia. Eu e meus irmãos fomos para a escola no Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, que era localizado a Rua Monte Alegre. Mais tarde passou para a rua Maranhão esquina com rua Espírito Santo.

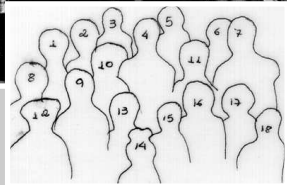
Nos primeiros dias eu e meus dois irmãos José Antônio e Juan, parecíamos bichos de zoológico, todos nos olhavam curiosos. Faziam mil perguntas e não entendíamos nada; nem nos entendiam. Faziam um círculo em nossa volta e todos falavam ao mesmo tempo. Foram meses difíceis, logo superados com o carinho de todos.

Para minha mãe Isabel foi um sacrifício fazer compras sem falar o idioma. Às vezes chorava escondida. Tinha saudades da família, de suas raízes...a casa era pequena e desconfortável...ela que tinha uma casa com 14 cômodos,...às vezes ficava olhando triste.

Minha mãe trouxe das compras, mamão, abacate e abacaxi. Ficamos curiosos, não conhecíamos essas frutas. Comemos e gostamos. Também nos trouxe três pacotinhos de figurinhas, meninos, meninas e até adultos colecionavam figurinhas de jogadores de futebol. Na hora da entrada e saída da escola era um troca-troca de figurinhas.



Carnaval de 1955.
Foto Miriam, rua Santa Catarina. 1-Maria Dolores Salmerón, 2-Antonia Olea, 3-nenê Carmem Nieto, 4-Juan Egea, 5-nenê Carmem Olea, 6-Joana Nieto, 7-José Antônio Morales Egea, 8-Francisco Elvira, 9-Maria Del Carmem Salmerón, 10-Florentina Morales Egea, 11-Francisco Salmerón, 12-Antonia Aparício, 13-Rafael Salmerón, 14-Loli Aguilar Elvira, 15-Joana Aguilar Elvira, 16-Rosaria Nieto, 17-Maria Olea Nieto e 18-José Nieto



Certo dia meu irmão José Antônio comprou um pacotinho e pelo jeito que os meninos olhavam e exclamavam, parece que era uma figurinha rara.

Logo se espalhou o boato e em seguida veio Ivo Pellegrino, o filho do prefeito, pedindo para trocar:

- *Peça quantas figurinhas quiser, eu dou em troca dessa.*

Meu irmão deu a figurinha ao menino que ficou radiante. Em agradecimento nos convidou para ir a sua casa. Nós não queríamos ir, mas ele insistiu tanto. A casa era ao lado da escola, na rua Espírito Santo. Entramos, uma senhora nos agradeceu e nos serviu sorvete. O pai do menino era Ângelo Pellegrino, o primeiro prefeito de São Caetano do Sul, e o prédio onde funcionava o seu gabinete era na esquina da rua Baraldi com Rio Grande do Sul.

Em 30 de Dezembro de 1953, a autonomia se completou pela elevação do município à sede da comarca.

Eleito prefeito Anacleto Campanella, o segundo paço da cidade, a partir de sua primeira gestão, funcionou no prédio Vitória, na esquina da rua Baraldi, com a rua Santo Antônio.

O prédio Vitória foi inaugurado em

Setembro de 53. Naquele cinema assisti a um filme que me fez chorar: *Imitação da Vida* com Lana Turner. O cinema estava lotado. Um veículo com propaganda do cine e do filme percorreu a cidade. Sucesso total.

E deixando o pensamento viajar ao passado, nas noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, parece que ouço as sanfonas e os violões tocando no meio dos cânticos dos adultos e crianças. Muitas bandeirolas de papel colorido e mastros de bambu grosso com as fotos dos santos. As enormes fogueiras onde as crianças faziam uma roda enorme. Meninas com suas saias rodadas coloridas e os meninos com seus paletós curtos. As pipocas, pés de moleques e bolo de fubá, faziam a alegria de todos.

Dançávamos e cantávamos; às vezes, a música e os cânticos brasileiros se misturavam com os espanhóis, pandeiros com castanholas, música caipira com flamenco. Antes de deitar e adormecer, os cânticos e conversas que ouvia bailavam longo tempo diante dos meus olhos.

Logo que entrávamos em casa tínhamos que tomar banho; as ruas eram

de barro e ficávamos empoeirados. Aquele barro penetrava em todo lugar, e por isso toda casa tinha um raspador de ferro na entrada da porta. Algumas donas de casa mais exigentes colocavam uma plaquinha na porta: *Seja bem-vindo, mas limpe os pés.*

Aquele barro perturbava as mulheres que às vezes ficavam com o tanque cheio de tamancos para lavar. Quando chovia muitos homens, mulheres e crianças usavam tamancos para sair na rua; eram feitos de madeira.

Todo dia 7 de Setembro a nossa escola marchava na avenida Goiás. Tínhamos que tomar muito cuidado para não sujar nossas alpargatas brancas, no caminho até a Goiás. Limpinhos e bem penteados, orgulhosos batíamos os pés.

Ainda me lembro do ano da inauguração do Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva. Eu e meus dois irmãos éramos alunos. No primeiro dia de aula, as professoras reuniram seus alunos e pediram a todos que viessem bem limpos e penteados. As meninas tinham que usar um laço branco engomado na cabeça e no pescoço, azul marinho, saia azul, camisa branca.

Alguns meninos que tinham o cabelo mais rebelde e não ficavam penteados, levavam bronca, na frente de todos, eram ameaçados:

- *Se amanhã não vierem bem penteados, colocamos grampinhos como as meninas colocam.*

Todos tinham receio e passavam fixador. Os mais pobres passavam espuma de sabonete. Todos passaram a vir bem penteados e bem limpos e com as unhas cortadas, pois quem não cortasse as unhas em casa, cortaria na escola com a tesoura de jardineiro. E mostravam a tesoura.

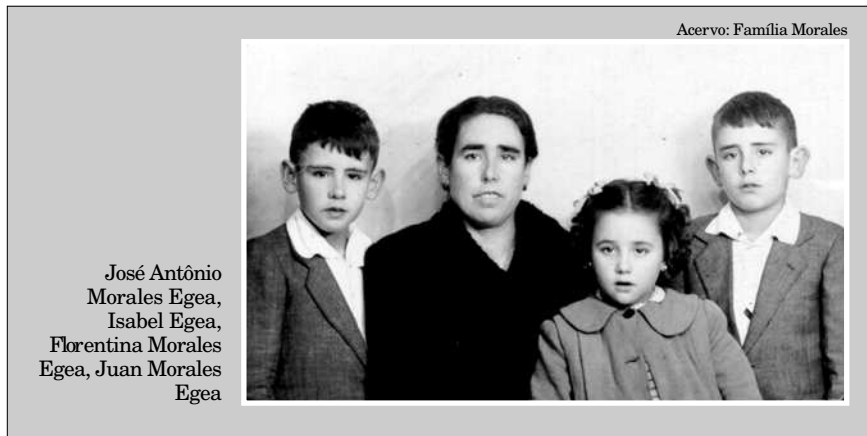
Era uma escola organizada. Nela conhecemos pessoas dedicadas e boas como as professoras dona Maria Bacchi Galvani e dona Rosa Alvarez Cominho. Graças a elas eu e meus dois irmãos recebemos uma homenagem no

dia da formatura como melhores alunos. Meus pais ficaram orgulhosos. A família Morales Egea agradeceu.

Lembro como se fosse hoje, do caminho rumo à escola, vários terrenos com bastante mato. Certo dia voltando da escola na rua Constituição, eu e minha amiga levamos um susto... uma cobra pulou e se enrolou na perna da minha amiga. Ela gritava desesperada, peguei um pau que estava jogado ao lado e bati na cobra com tanta força que minha amiga saiu mancando. A cobra que por sorte não mordeu, se desenrolou e fugiu para o mato. Que susto!

Eu e minha amiga fomos à capela de Santo Antônio agradecer por ela não ter sido mordida pela cobra. Ainda era a capela antiga, que em 1960 foi demolida devido à abertura da rua Constituição e construída outra.

Quando chegamos a São Caetano do Sul, quase todas as famílias tinham fogão de carvão, lenha ou querosene. Logo depois vieram os de gás. Minha mãe tinha um de querosene. Sempre que minha mãe me mandava comprar querosene para o fogão, eu comprava na rua Tupi, esquina com a rua São Paulo, eu dava uma escapadinha até aquela capela e rezava: - Deus faça com que minha mãe não chore mais escondida, que um dia ela consiga ver



Acervo: Família Morales

José Antônio Morales Egea, Isabel Egea, Florentina Morales Egea, Juan Morales Egea

sua família, que consigamos ser felizes. Amém.

O pai nosso rezava pelo caminho para não levar bronca da minha mãe; ela não queria que eu demorasse, tinha medo que eu fosse até o fim da rua São Paulo no Ribeirão dos Meninos, que até 1957 estendia-se desde a rua São Paulo até a rua Barão de Mauá. Um sem-número de alagados e de pessoas que morriam afogadas naquele local, faziam com que as mães ficassem atentas; e também no buracão da Cerâmica, onde as crianças iam nadar e algumas se afogavam, trazendo desespero para os pais.

RUA OLINDA - Depois da guerra civil espanhola, sair da Espanha soava como um sonho na cabeça das pessoas. Mas

quando aqui chegavam o sonho desmoronava perante as dificuldades.

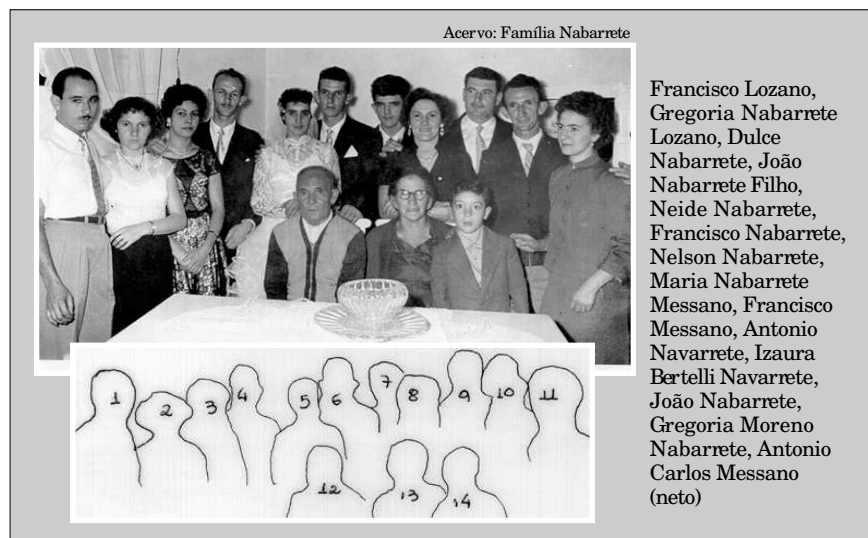
Acostumados a serem livres nas suas terras, nas suas plantações, a serem chefes deles mesmos, de repente se viam trabalhando de operários nas fábricas, com um salário pequeno, pagando aluguel em casas pequenas, sem conforto, puxando água dos poços com carretilhas. Lá na Espanha cada um tinha suas terras, seus animais, tinham fartura pois plantavam de tudo, tinham suas casas...simples mas confortáveis e grandes.

Sem suas famílias e longe de sua terra os espanhóis procuravam unir-se ajudando uns aos outros. Aquela amizade era sincera e fez com que formassem uma grande família. Onde houvesse problemas ou alegrias, todos estavam juntos. Mudanças, passeios, doenças, batizados, primeiras comunhões. Todos juntos, sempre...

As mulheres eram dedicadas, faziam verdadeiros milagres com os salários que os maridos recebiam. Os homens trabalhavam todas as horas que podiam para ganharem mais. Assim em pouco tempo todos compraram suas casas e arrumaram seus caminhos.

Seus nomes ficarão gravados em minha memória, nunca esquecerei daqueles espanhóis vindos entre 1953 e 1955 que moravam e se reuniam na rua Olinda, hoje Tenente Antônio João.

Deixaram como exemplo muita



Acervo: Família Nabarrete

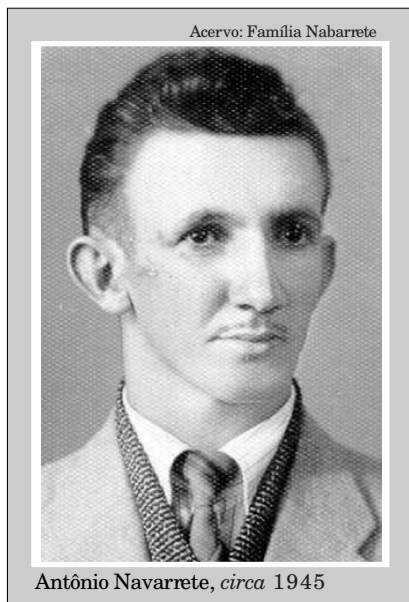
Francisco Lozano, Gregoria Nabarrete Lozano, Dulce Nabarrete, João Nabarrete Filho, Neide Nabarrete, Nelson Nabarrete, Maria Nabarrete Messano, Francisco Messano, Antonio Navarrete, Izaura Bertelli Navarrete, João Nabarrete, Gregoria Moreno Nabarrete, Antonio Carlos Messano (neto)

união, muita luta, muito amor. Angel Morales Elvira - Isabel Egea de la Cruz (três filhos); Antonia Olea - José Nieto (três filhos); Antonio Aparício - Placedes (três filhos); Antonio Rojillo; Elisa Elvira - Salvador Aguilar Hernandez (três filhos); Francisco Salmerón - Placedes Fernandes (cinco filhos); Jesús Benito Aguilar Hernandez; José Hernandez e Dolores Lao (dois filhos); Juan Lao; Juan Nieto - Rosa (dois filhos); José Nieto; Juan e Antonio Sancero; Joaquim Elvira - Maria (cinco filhos); Marcos Olea - Juana Nieto (quatro filhos); Rafael Morales Elvira - Encarnación Urendes Fajardo (seis filhos); Pedro Hernandez-Maria (três filhos).

Próximo àquela rua moravam: Catalina Rubio - Francisco Mesa (dois filhos); Guillermo - Feliza (dois filhos); Isabel - Cristovás Barberá (três filhos); David-Juana Dias, Tereza del Rosal e Dolores; Pedro Ramal - Clara (dois filhos); Teresina - Antolín (dois filhos), Guillermo-Mary (três filhos).

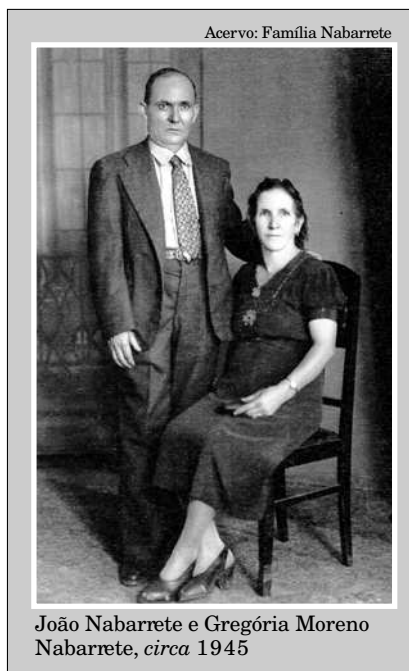
Naquela rua Olinda moravam espanhóis antigos, como por exemplo a tia do meu pai Dolores Elvira Lao e seu marido Manuel Olmos, chegaram em 1923. João Juarez, que comprou o sítio Olinda em 1914, ali morou com sua família até morrer. Miguel e família, Dona Antonia e a filha Carmem, Indalécio e família, Dona Vitória e família, Dolores Cañedo e família, Dona Gregória e João Nabarrete e família, Dona Maria e Francisco e família, Dona Matilde e família. Famílias Centella, José Hernandez, Goni etc. Aquela rua Olinda, transmitia união, era a rua da amizade sincera...lembrarei sempre das cadeiras nas calçadas onde os adultos se reuniam a noite, as crianças correndo e brincando e eles conversando, tão simples e tão felizes.

Houve muitas horas juntas, nas guias recordavam tempos passados, na paz e calor de uma amizade que não conheceu fronteiras de tempo ou espaço.



UNIÃO - *Ficar lado a lado transforma o útil ao agradável. A vida é uma união para que, ao darmos as mãos, nos confortemos e nos ajudemos. As plantas florescem melhor quando estão lado a lado, as aves migram aos bandos e os peixes nadam juntos formando cardumes.*

O que faríamos sozinhos? Nos sentiríamos como astronautas na Lua, as-



sustados com medo e sem saber se iríamos retornar.

Através do passado vejo a inauguração do Estádio Municipal Anacleto Campanella, era o ano de 1955. Aquele estádio ficou lindo. No ano de 1964 foi reformado e entregue à população com o nome de Lauro Gomes.

Em 1958 foi a inauguração da *Rádio Cacique*, o índio era o símbolo, era na rua Santa Catarina, 97 - 2o andar. Estive lá com meus pais quando apresentaram um programa espanhol, com cantores de flamenco. Império Monte Negro - sapateava e dançava com toda sua força, acompanhada de muitos. Olé! Olé!

Através da rádio Cacique os espanhóis mandavam mensagens e ofereciam músicas uns aos outros. Eu também recebi - *Para Flori, esta música com carinho . Paco. Era o bolero - Petite Fleur* - Sidney Brenchy Jair Pimentel.

O programa espanhol se chamava *Grandes Audições Palhinha*, dedicado à colônia espanhola de São Caetano do Sul. Esse programa era transmitido todas as quintas-feiras às 20 horas.

Manhã clara, dessas alegres de primavera, com sol e vida, canto de pássaros, cara de querer viver e de ser feliz. Assim foi o dia que compramos a casa da rua Tupi, 134. Foi um dia de céu. E a partir dessa data, dona Isabel mudou completamente, suas tristezas alegraram-se e cantarolava pela casa. Era o ano de 1960.

Todos trabalhávamos, e o dinheiro ganho durante o mês era dado à nossa mãe. Ela economizava, e assim com a ajuda de todos, compramos a casa.

Apresentamo-nos aos vizinhos que nos receberam com os braços abertos. Ali moravam os três irmãos Previatto com suas famílias. O seu Mário e Dona Elvira moravam bem em frente, também as famílias Kinarelli, Quessada Cobo e tantas outras também boas. Aquela rua era como a rua Olinda, rodeada de gente boa e amiga.

Naquela casa da rua Tupi, reuníamos a mocidade e fazíamos bailes. No baile da rosa, os rapazes traziam uma rosa e davam para a moça na hora de dançar. Já no baile do cravo, as moças davam um cravo para o rapaz.

Também nos reuníamos para jogar ping-pong. A casa ficava animada com os jovens reunidos e os mais velhos assistindo ao *Repórter Esso*, a luta-livre e a novela *O Direito de Nascer*. A televisão era novidade, nem todos tinham. Meus pais ficavam felizes com a casa cheia de gente, acredito que as pessoas também gostavam, porque sempre voltavam.

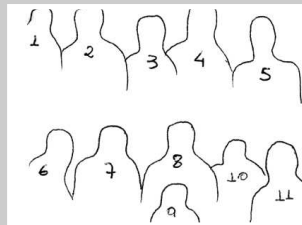
Era uma vida saudável, sem maldade, sem invejas, só amizades. O tempo passou mas parece que ainda ouço os discos tocando, com os casais dançando, o cheirinho do jasmim entrando pela varanda da casa. Minha mãe servindo bolo, *rosquinhas e mantecaus* que ela fazia na sexta-feira para servir no fim de semana. Ah! Como ela ficava feliz quando comiam tudo.

Meus queridos pais...tão bons! Tão católicos! Todo Domingo assistíamos a Santa Missa.

Em 1963, foi fundada *La Mission Católica Española* pelos padres Franciscanos vindos da Espanha. Lúcio Gomes e Javier Fort, estavam na Igreja Nossa Senhora da Candelária e na Capela Nossa Senhora da Glória. Ensina-vam a língua castelhana, reuniam os jovens e uma vez por mês era celebrada uma missa em espanhol, nos vestíamos com trajes típicos. Eu também participava. Muitas senhoras colocavam suas mantilhas de renda e suas *peinetas*. O padre Lúcio elogiava dizia: - *Sigamos nuestras raíces!*

Algum tempo depois vieram os padres Cayetano Magrino e Carlos Callejas. Na capela Nossa Senhora da Glória também celebravam casamentos e batizados, e foi ali batizado meu filho Maurício.

Desde 1966 as irmãs dos Anciões



Adega Rio Grande do Sul, altura 600: Angel Morales, Antonio Lancero, Antonio Rojillo, Pedro Hernandez, (dono da Adega), Juan Egea, Rafael Morales, José Lao, Loli (filha de José Lao), Salvador Aguilar Hernandez, José Antônio Morales Egea



Acervo: Família Morales

Desamparados, trabalham no Lar Nossa Senhora das Mercês. As mãres espanholas cuidam de 100 velhinhas com carinho e amor.

Aquela primavera de 1963, foi provavelmente idêntica em sua essência às outras que a precederam e a todas as que se seguiram. Para mim porém ficará para sempre mergulhada numa luz especial. Nessa época conheci Francisco Castillo Olmedo, espanhol recém-vindo da Espanha. Os pensamentos caminham como as pessoas, e o que me vem sempre em mente é um honrado espanhol com quem me casei.

CASAMENTO - *Tenho que retornar ao passado para lembrar essa doce recordação...Chegou o mais formoso dos dias. Foi um dia encantador. Até os mínimos detalhes ficaram gravados.*

No dia 4 de junho de 1966, uma jovem pensativa e sonhadora, subia as escadas da Matriz Sagrada Família. Um piedoso entusiasmo iluminava seu rosto profundo e melancólico. A beleza grandiosa da Ave Maria, fazia brotar na sua alma inúmeros pensamentos, e não podendo conter a emoção derramava-se em lágrimas.

Ave Maria! Canção formosa!

Oh! Altar Sagrado onde voam os anjos! Onde recebi beijos ternos e cheios de respeito do meu marido. Ele vestido de preto, eu branco. Meu vesti-

do enfeitado de tule branco, como se fossem flocos de neve!

Ah! Que doce foi o amor na minh'alma. Me sentia amada e amava também. Havíamos chegado ao fim de nossa jornada! A benção de Deus sobre nós, que desde o alto de céu irradiava à distância a sua luz como se fosse um farol de esperança e felicidade.

Naqueles anos de 1961 - 1965 muitos espanhóis, de diversas cidades da Espanha vieram para São Caetano do Sul. A maioria eram técnicos e vinham trabalhar nas fábricas, principalmente na General Motors.

Alguns espanhóis vinham com suas famílias, outros chegavam solteiros.

Várias repúblicas foram montadas. Os rapazes bem vestidos e falantes passeavam por São Caetano do Sul, deixando algumas garotas apaixonadas.

Meu marido morava na república da rua Manoel Coelho, no prédio Del Rey. Aquela república parecia coração de mãe, pois sempre cabia mais um. Lá moraram Pepe, Diego, Carlos, Paco, José, Conde, Cobo, Pepe, Benito. Só ficaram no Brasil, Paco e Pepe. Os outros foram embora. Sempre se respeitaram e se ajudaram. Levaram muito para contar, com pás, picaretas e espingardas, foram para Cristalina em busca de riqueza. Meu marido não foi, pois tinha montado a Oficina Esperanza,



Primeiro carro particular lacrado na Prefeitura de São Caetano, proprietário Antônio Caparroz, sentado no veículo

que era na rua Amazonas com a rua São Paulo...a oficina Proción que era na rua São Paulo esquina com a rua Rio Grande do Sul. A fundição Metal-Sul, também era em São Caetano.

Com saudades de suas raízes, de suas noivas, muitos espanhóis casaram-se por Poderes. A noiva se casava na Espanha, vestida de noiva, com toda a cerimônia que envolve um casamento normal. O noivo era representado na cerimônia do casamento por outro rapaz. O noivo também fazia a cerimônia aqui. Depois do casamento a noiva deixava sua família na Espanha e vinha ao encontro do marido no Brasil.

Eu assisti a um casamento por Poderes, foi na Matriz Sagrada Família.

O noivo estava na Espanha e a noiva aqui. A cerimônia foi às 10 horas. A noiva foi recebida no altar por um rapaz que representou o noivo. Após a cerimônia a noiva ofereceu um almoço.

Aqueles espanhóis vindos em 1961-1965 foram embora, poucos ficaram...

Em 1967 nasceu meu filho Alexandre, depois Henrique (1970), e finalmente Maurício (1974). Os três são filhos de São Caetano do Sul. Aqui nesta cidade cresceram fortes, saudáveis e felizes.

Nossa casa! Levantada sobre uma esquina, rua Serafim Carlos,30. A rua e o quintal cheios de árvores que plantamos e cuidamos das árvores e das flores. Nossa casa! Mais parece um cofre donde guardamos nossas recordações.

São tão abundantes as recordações dos meus filhos, e eu não queria nunca separar-me deles. Quando eram pequenos, os abraçava e lhes dizia:

- Quero abraços de urso! Eles riam e me abraçavam, com força.

Durante toda vida deles, sempre os abracei com todo meu coração; parece que queria fazer reserva de beijos, para quando não estivessem perto.

Ah! Que rapidamente passaram os anos e que agradáveis eram para mim os dias todos juntinhos, como passari-nhos no ninho.

O TEMPO PASSOU - *O tempo passou, porém gosto de recordar dos meus tempos de menina, quando vivíamos na Espanha brincando entre as oliveiras, as videiras, entre os ciprestes, olhando o trem passar ao longe...com sua fumaça, e com o toque do sino.*

Aqueles campos floridos!...Movida por um impulso irresistível, ficava colhendo flores: amapolas, albahaca, gerânios, rosas...e as guardava com todo cuidado no meio dos livros para

que ao secarem, ao vê-las quando estivesse nevando, lembrar-me-ia do verde dos campos. Meu pai muitas vezes tinha que retirar a neve da porta da casa para podermos passar. Aquela casa transmitia uma sensação de segurança: as paredes amplas, a sala de visitas e a cozinha com o calor das chamas da lareira irradiavam tranquilidade.

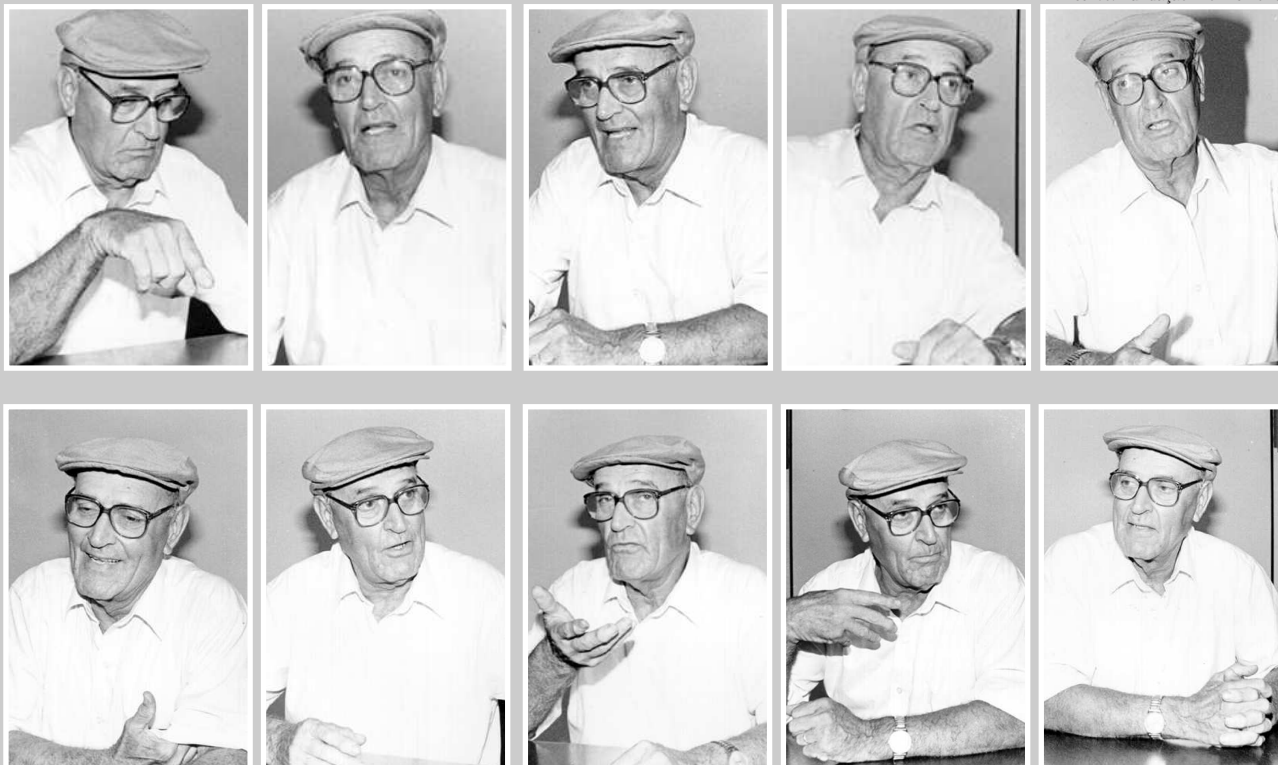
Passados 20 anos retornei àquela casa. Estava casada e com três filhos, voltando às minhas raízes. Qual não foi minha surpresa! Tudo estava do mesmo jeito! Como se o tempo nunca tivesse passado. Os mesmos móveis, todos em seus lugares...Tudo igual...

Vivo bem, mantenho vivas as recordações boas e todos os sonhos mais queridos.

Notas Bibliográficas

- (1) Texto do Museu da Imigração: Exposição homenageia imigrantes espanhóis.
- (2) Martins, José de Souza. São Caetano em IV séculos de História, 1956. S.C.Sul.
- (3) Texto do Museu da Imigração: Exposição homenageia imigrantes espanhóis.
- (4) Médice, Ademir - Migração e Urbanização - Bairro Oswaldo Cruz - 1993 - Ed. Hucitec.
- (5) Gallego, Avelina Martínez
Cadernos de imigração - Espanhóis - 5
- (6) Martínez, Elda Evangelina González.
Departamento de História de América, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid
- (7) Blanco, Maria de la Asunción Carollo
Paisagem da Alma: A experiência de emigrar - Dissertação de mestrado - PUC - São Paulo.
- (8) Revista Raízes - Ano IV - nº 8 - Dezembro de 1992 - A presença espanhola em São Caetano do Sul - Sonia Maria Franco Xavier e Jayme da Costa Patrão.

(*) *Sônia Maria Franco Xavier, dirige o Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul, professora de História e Filosofia e integra o Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória*



Guido Carli durante entrevista, na sede da Fundação Pró-Memória

Memorialista vênето recupera passado distante através de versos

Antigamente era assim: um punhado de farinha, um ovo, um pedaço de pão, cinco centavos ou roupa velha...

Aleksandar JOVANOVIĆ (*)

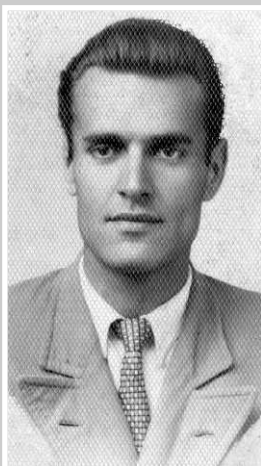
Fação isso para que meus filhos e netos possam conhecer os fatos e saber de onde vim, como era a vida lá e como foi que precisei lutar aqui para sobreviver. Muitos filhos de imigrantes mal sabem dizer o nome da cidade em que o pai nasceu. Sempre transmiti a meus filhos e netos a noção clara de como vivia lá e o que aconteceu conosco.

Conheço imigrantes que não gostam de falar a respeito dessas coisas e que evitam contar as dificuldades, os problemas e a pobreza que os empurrou para fora da Itália, por exemplo.

As observações são de Guido Carli, 73 anos, nascido na cidade de Schio, província de Vicenza, no Vêneto, e que está no Brasil há exatos 48 anos. Em São Caetano, vive há 43. É uma figura peculiar. Técnico industrial, trabalhou durante quase quatro décadas em grandes empresas da região metropolitana. Mas tem quatro livros inéditos (um volume bilingüe, em dialeto vênето e portu-

guês e dois em português), algumas dezenas de inventos patenteados (inclusive brinquedos de madeira). E foi o autor do projeto de todo o prédio da Paróquia de São Bento na cidade. Mil e quinhentos metros quadrados de construção, erguidos ao longo de quatro anos, com projeto autorizado por Dom Jorge Marcos de Oliveira. Até os vitrais da igreja foram projetados por Carli. Que também é pintor desde 1968 e reúne alguns quadros em casa.

Na verdade, Carli desponta como memorialista bastante original. De um lado, porque busca recuperar todos lados do processo emi-



Guido Carli, na Itália, nos anos de 1938, 1942, 1944 e 1947, e depois de ter chegado ao Brasil, em 1951

gratório- o antes, o durante e o depois do deslocamento, do desarraigamento e do enraizamento num país e numa sociedades novos. De outro, porque, fiel às origens, escreveu as lembranças da infância e juventude num dialeto que outrora era falado no Núcleo Colonial de São Caetano, mas hoje apenas os mais idosos conseguem utilizar. Detalhista, evoca minúsculos episódios, narra fatos e cita nomes e datas com precisão assustadora. Sempre fui de falar pouco e observar muito; talvez por isso tenha decidido começar a escrever, garante em português correto mas

acentuado com inconfundível fundo da entoação italiana. E, bem ao contrário do que afirma, é capaz de falar durante longo, longo tempo. Uma conversa fluente e agradável, de alguém que colecionou lembranças e experiências diversas ao longo da vida.

Como tantos outros imigrantes de países europeus, Carli lembra da tragédia da Segunda Guerra Mundial, porque o conflito o apanhou com 13 anos. Também lembra da história do pai, enfermeiro durante a Primeira Guerra, quando a Itália lutou contra a Áustria-Hungria e as batalhas mais ferozes

contra as tropas italianas foram travadas Vêneto, particularmente em Vicenza e arredores. Sabe detalhes. Sublinha o fato de que o pai, depois do final da guerra de 1914, era quase o único indivíduo na cidade capaz de cuidar de doentes. Depois, foi nomeado vereador pela Itália fascista. Não tinha como não aceitar. Se recusasse, automaticamente seria considerado de oposição e havia conseqüências desastrosas para a família toda. Lembra da sala de jantar suntuosa que a família mantinha. *É, uma sala de jantar magnífica, mas não havia água corrente, sanitário dentro das casas...*, ironiza.

Nasceu em 3 de julho de 1926. Até 1942, a despeito do conflito mundial, conseguiu estudar: concluiu um curso secundário industrial; especializou-se em projeto de máquinas. Durante dois anos, ou seja, entre 1942 e 1944, conseguiu trabalhar na cidade natal numa empresa de origem suíça que fabricava turbinas hidráulicas.

Por três dias, acho que escapei não somente da guerra, mas também da morte. Como nasci em 3 de julho, não fui convocado em 1944, quando chamaram a classe de 1926, porque somente os nascidos no primeiro semestre foram alistados e enviados à frente de batalha. A maioria dos meus amigos de infância convocados não voltou, explica.

BOMBAS - A Itália estava parcialmente dividida na Segunda Guerra, porque enquanto o ditador fascista Benito Mussolini se aliava à Alemanha nazista, havia resistência armada no Norte do país. Eram os *partigiani*. Carli lembra de algumas cenas que o impressionaram. Em 1943, havia mais de dois mil soldados em Schio. Em setembro daquele ano, um grupo de vin-

te soldados alemães desarmou os guardas, aprisionou a todos, que foram levados para campos de concentração na Alemanha. *Tínhamos um vizinho, fascista até os ossos. Um dia, sumiu. Dois anos depois é que comunicaram o local em que havia sido sepultado. As duas filhas acabaram presas. Os filhos parece que escaparam. A família inteira era fascista. Depois, em 6 de julho de 1945, houve um episódio em Schio que todos lembram até hoje: três partigiani, sem ordem de quem quer fosse, invadiram o cárcere local e fuzilaram 65 presos. Todos haviam colaborado com os alemães? Quem sabe? Em tempos de guerra...*

Entre 1944 e 45, Carli trabalhou na estação da cidade de Verona, onde eram desembarcadas as mercadorias provenientes da Alemanha. Jornada de duas horas diárias, mas salário correspondente a oito horas devido ao perigo evidente. Era a estação mais cobiçada do Norte da Itália. Mas havia bombardeios diários. As cenas que nosso memorialista retoma parecem fragmentos do romance *Adeus às armas*, do norte-americano Ernest Hemingway, que serviu no Norte da Itália durante a Primeira Guerra: paisagens pitorescas, a antiga cidade de Verona, cenário de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, lutas, morte, pobreza e miséria. Mas resistência também.

Desemprego. Pobreza. Terra arrasada. Esse era o cenário com que Carli e seus compatriotas também se defrontavam na Europa recém-liberada da tirania nazifascista. Os combatentes voltavam da guerra e os primeiros a obter algum trabalho regular eram os chefes de família. Que fazer? Era a pergunta que assombrava o jovem Guido, de 19 anos. Aos 22, perde o pai e

passa a ser responsável pelo sustento da mãe e da avó. Chegou a ser padeiro improvisado, vendedor de rua, pintor de casa, agente de seguros. Ganhava o suficiente para comer, mas precisava aceitar qualquer serviço. Chegou a ensaiar a carreira de fiscal de consumo.

IL CUGINO - Enquanto os escombros da guerra eram removidos, o presente e o futuro pareciam assustadores, sem perspectivas, como para a maioria dos europeus sobreviventes. Em 1949, Antonio Feresin, primo de Guido, emigrou para o Brasil. Viera para São Paulo, e havia se estabelecido na Água Funda. Apareceu um curso para formar sargentos da Polícia em Schio. Lá se foi Carli tentar a sorte. Foi aprovado e esperava ser chamado. Largou tudo um ano mais tarde. *Il cugino* (o primo) Feresin mandava cartas, relatando brevemente sua vida na padaria dos parentes, os Vaccaris, em São Paulo. Terra distante e desconhecida. Foi o começo de tudo.

Quando saí de Schio, dei de cara com Enzo Penso, um velho conhecido com quem jogávamos futebol. Aonde você está indo? Para Vicenza, respondeu-me, para tomar o trem. Fomos juntos. Em Vicenza, continuou indo na mesma direção que eu, ou seja, a estação, Então, perguntei de novo: mas aonde você está indo? Para Milão. Eu também! Em Milão, perguntei outra vez: E agora, para onde você vai? Para Gênova. Mas eu também! Seguimos juntos. Finalmente, em Gênova, nova indagação: E agora, para onde? Vou embarcar no Paolo Toscanelli. Mas eu também! E qual é o seu destino? São Paulo. O meu também! Recordar-se Carli, com sorriso nos lábios.

Depois de muitos dias de alto-mar, o porto de Santos. No meio

do trajeto, desconfortos variados. Já no porto brasileiro, novas peripécias, lembradas com precisão.

Quando desci do navio, logo procurei pela careca do meu primo. Não o achava em lugar algum. Fiquei desesperado. Como fazer? Sem dinheiro, sem conhecer ninguém....Fui o primeiro a descer. Na ponta da escada do navio, uma velhinha mostrou-me uma foto. Conosci questo qua? (Você conhece este fulano?). Era o Enzo Penso! Conte toda a história. Falei com a nonna. Posso ficar com a senhora até que encontre o meu cugino? Fomos ao Gonzaga, os três, almoçar numa pensão. Foi a primeira vez na vida que havia visto uma pessoa negra. Era a cozinheira da pensão. Antes, só nos filmes de Shirley Temple...Meu primo apareceu na Alfândega à tarde...

PIZZA, ARROZ E FEIJÃO - Durante três meses, Carli dormiu no que hoje chama de cubículo, junto com os três filhos do primo. Depois, alugou um quarto num pinheiral, perto da padaria dos parentes, nas proximidades do Jabaquara. Acabou arrumando emprego na Elevadores Atlas.

Um caminhão vinha buscar a gente de manhã e descarregava todo mundo de noite... Já em 1952, trabalhava no Curtume Franco-Brasileiro, em Barueri. Depois, a Sofunge e mais de três décadas na Companhia Brasileira de Cartuchos, até aposentar-se

No dia em que cheguei ao Brasil, subimos para São Paulo de trem. Foi aqui que comi a primeira pizza de minha vida (a pizza é um prato típico de Nápoles e arredores). Muitos anos depois, quando retornei à Itália, parentes levaram-me para comer uma pizza ita-

liana, lá no Vêneto. Eu olhava, e balançava a cabeça, em sinal de desaprovação. Ma cos'è ? perguntavam. Três a zero para a pizza do Brasil! O que mais me chocou, por outro lado, ao chegar aqui foi o fato de todos comerem arroz e feijão todos os dias. E as filhas? Fui a um médico napolitano, na Moóca, pouco tempos depois, e ele se ria. Nervoso por causa das filhas? Mas não adianta nada! Melhor você relaxar e esperar a vez na fila mesmo...

A atual avenida Jabaquara, sem asfalto, sem iluminação. Onde fui me enfiar? Era a indagação que girava na cabeça de Carli, conforme pode recordar quase cinco décadas mais tarde. Quando vi o bar dos meus parentes aberto à noite, uma fábrica ali perto, com os vidros todos quebrados....

O livro em dialeto vênето apa-receu com a primeira viagem de Carli à terra natal, em 1967. *Sti ani gèra cùssi. Picole storie in dialeto veneto in verso e prosa* (Antigamente era assim. Pequenas histórias em prosa e verso, em dialeto vênето) começa com uma frase denunciadora: *La ze una storia de sessanta ani fa* (Trata-se de uma história de sessenta anos atrás). Foi quando a esposa, Enid, brasileira de Lins, contadora e professora primária, tomou contato com o país de origem e os parentes do marido europeu. *Comecei a lembrar-me da infância. Foram as cenas que mais me marcaram. Memorizei todos os fatos. Queria levar isso para um primo querido, que havia ficado lá e estava doente. Escrevi algumas coisas e levei os escritos para diverti-los. Ele, os filhos, os demais parentes começavam a discutir aquilo tudo...Foi assim que surgiram as minhas lembranças, que abarcam a infân-*

cia. Mas *Terra Nativa*, volume de seiscentas páginas, escritas em português, que rememora a viagem e a passagem do navio pelo Equador também permanece inédito. *Hino à Família*, quarta obra, em português também, contém poemas satírico-críticos, que põe o dedo em muitas feridas da sociedade brasileira. O terceiro volume está em fase final de gestação: *Terra Adotiva*. Carli narra - seguramente em português e não mais no dialeto de sua infância - as peripécias de sua vida no país que o acolheu. São páginas e páginas manuscritas, em letra legível e clara, numa caligrafia cuidadosa. Na verdade, as memórias de Carli enchem inúmeros volumes de cadernos cuidadosamente guardados e manuseados, onde está documentada a trilha percorrida.

AMOR, SONHO & LUTO - Sentimentos antagônicos debateram-se muito tempo no espírito de Carli. Três meses depois de ter chegado ao Brasil, com dificuldades de toda espécie, pensava em regressar à Itália ou emigrar para a Austrália. *A Austrália sempre foi uma espécie de sonho para mim. Mas pensava: voltar para a Itália, três meses depois de ter chegado aqui? E dizer o quê? Até hoje fico pensando nessa coisa da Austrália....não era para ter ido lá...hoje eles estão aceitando imigrantes que sejam técnicos, que é o meu caso...*

Era julho de 1950 quando o navio de passageiros italiano atracou no porto de Santos, trazendo, entre tantos outros, o atual morador do Bairro Olímpico, de São Caetano. Começava também o segundo governo de Getúlio Vargas. Quando o navio passou a linha do Equador, o comandante nos disse: Ao chegar ao Brasil, nenhuma palavra sobre o Campeonato Mundial de Fu-

tebol. O Brasil perdeu o jogo final para o Uruguai. É luto nacional no Brasil por causa do resultado do Maracanã... *Não falem sobre futebol*, rememora.

Dois tios de Carli já viviam em Chicago na época em que ele decidiu emigrar para o Brasil. Escreveu-lhes, contando o que pretendia fazer. *Meu tio Domingos respondeu com a seguinte recomendação: Cuidado com os bichos! E com a pergunta: Mas em que floresta você vai viver? Eles não tinham a mínima idéia do que era São Paulo, do que é este país...*

Embora se mostre bastante crítico com a situação político-social brasileira, Carli não esconde seu amor pelo país e pelo povo: *Acho estupenda a generosidade do povo brasileiro. Isso é algo espetacular. Mas não gosto mesmo é da política...Nunca me arrependi de ter vindo para cá....Hoje, tem um filho e uma filha e cinco netos brasileiros. E uma vida construída aqui mesmo. Oito cursos de especialização na área da engenharia, sem nunca ter feito curso superior. O último, freqüentado aos 48 anos. Dediquei-me muito, muito mesmo!*

Encontrei vários italianos já antigos no Brasil, assim que cheguei. E eles perguntavam, espantados: Mas em que cafezal você vai trabalhar? Cafezal ? Não vou trabalhar em cafezal algum! Eles não entendiam a diferença profunda entre a imigração deles, nos anos 10, 20, por exemplo, e o fato de alguém vir para cá tendo uma profissão. Parecia que não gostavam que eu comesse minha vida já na cidade....

ERA ASSIM... – O livro bilíngüe de Carli - *Sti ani gèra cùssi* - também acabou sendo costurado, depois, a várias mãos. Inicialmente,

São Costanzo 10.12.93

Giovenale? Será um homem famoso, um herói, uma coisa ou lugar qualquer? Quem mãe e sobrinho, venha comigo. Vamos fazer uma viagem pela Itália. Terá adorada e admirada pelo seu monumento histórico e pelas belas eternas. Quem viu o céu azul numa manhã e esquecerá. Foi, como até o norte, na região Veneto com capital Veneza. Esta região vai do Brennero, fronteira da Áustria até o mar Adriático. É este este a Dalmácia, antiga região italiana, pertencente agora a Jugoslávia. A oeste está o fértil vale Padona que morre a margem do rio Pi. O Veneto é dividido em províncias, umas delas Veneza, Padova, Verona, Treviso, Belluno, Treviso. Na província de Vicenza existem muitos municípios e lá ao norte nós os encontramos Sclio. Uma bela cidade, bem desenvolvida, altamente industrial. Esta cidade e conhecemos bem, tempo andado. Agora, vamos novamente para o sul até encontrar Giovenale. Justamente

Fac-símile dos cadernos manuscritos por Carli, que contém os originais de seus livros inéditos em português: Terra Natal e Terra Adotiva

ali eu nasci. Em lugar privilegiado, no meio do mundo. Ao nascer, chorii como todos fazem. Calves tinha pouco de 'de casa' e não era nada e coisa coisa sentiu um vale de lágrimas. Eram 6 horas do dia 3 de Julho 1926. Uma linda manhã de um lindo dia de verão. Meu pai, alegre ao esticar, fazia gestos de bobo. Enquanto mormente um novo herdeiro. O nome dos Carli continuava no mundo e honrar o sangue e a sua. Dião e se fizesse, meu pai fazia abraços e perguntas. Demostrava o com o seu condado de homem considerado e respeitado. Para ele era o dia mais interessante da vida. Especialmente por ter se perdido tal jóia e ter a perdida. O dia 27 de Março, do ano 1932, no deborzar da primavera, nasceu o primogênito Ottavio o qual depois de 9 meses de vida deixava a terra. Um estado de euforia, mas violento do que o normal, euforia o. Porém hoje se festeja novamente o nascimento de filho macho, com todas aque-

materno, protegido e comparado para época no mundo livre dos homens, entre o bem e o mal, a escolher. Qual era o meu destino? O que eu me tornarei? Quais os sonhos de meu pai e meu respeito? Ele terá muitas pretensões, experiências ou será satisfeito apenas sabendo-me simples, honesto, dedicado? Ao que parece ele é orgulhoso e pelo nome me irritava e se abateu. O que ele estava pensando. Lá da janela do quarto que dava ao lado do pife de bochas, e decididamente o certo da vida, olhava o céu. Provavelmente estava ressondo e apreciando a Deus pelo recolhido. O céu estava lindo, o sol irradiante no seu esplendor matinal. O ar puro e úmido da chuva parecia o seu fôlego. Anunciavam-se mais um dia de intenso calor. Continuaram a festa os costumes, firmaram-se com a chamada matinal. Eu o rei da festa conduzia a música com o meu choro estudente. Alguém estava tentando acabar-me. Pois de minha guerra mãe, uma menina com a qual viverei, minha irmã Lia Ottaviana.

das histórias sem pausa. Aquela cena triste, da morte de Ottaviano não mais voltaria a tormentar meu pai. Correndo com ele no braço, escada acima, escada abaixo, com a esperança de a pequena diferença de altitude ou a ~~altura~~ ^{do lugar do} provocado ajudasse e se parar a crise. Da adega até os quartos, até a adega. Até... o filho morria. Daquela dia até hoje a escada tornou-se um pesadelo, uma triste lembrança. Cada vez que subia, fazia-lo acompanhado de um longo suspiro, para aliviar o peso denso do coração. Cada degrau um momento vivo daquele dia infante. Hoje a escada tornou-se o seu moler de alegria, para todos. Pela primeira vez depois da morte de filho Ottaviano, o senhor fizesse, feliz e contente subia a escada e cantava lândo. Cada degrau, uma nota musical, uma, alegre. E tudo somente porque eu tinha nascido. Ele estava, com cara feia, esperancoso para adaptar-me ao novo mundo. Abena certia-me, mas folgada para o novo momento primitivo. Do conhecido ventre

A tempo, a menina riu, pediu para que a respondesse um irmãozinho. Buscando com a boneca e tapelando sem parar, mostrava a sua mãe amia pela minha chegada. Bem-vindamente boa, não tolerava continua sobrinha com os brinquedos. Para todos os perguntas, queria resposta e os brinquedos não respondiam. Assim entercedei a minha mãe para que nesse o companheiro de verdade, aquele que respondia a todas as perguntas. Quando estava nervosa parecia que a inteligência angustiosa, com o fluxo tremendo. O seu respiração parecia lembrar a descobri o mundo de uma só vez. A sua disposição natural era observar tudo. Aparente a ~~pedir o papagaio~~ ^{pedir o papagaio} ~~de repente~~ ^{de repente} ~~imaginava o coco~~ ^{imaginava o coco} ~~disparado e pedira ao adulto, se podiam ser assim~~ ^{disparado e pedira ao adulto, se podiam ser assim} ~~Se alguém respondia e finalmente, então procurava saber porque não faziam aquilo conforme ela tinha pensado. Porque não adulto, não faziam as coisas direito? Se as crianças pudessem fazer, tudo seria feito diferente. Se um adulto respondia imediatamente~~ ^{Se um adulto respondia imediatamente}

a própria esposa, que teria auxiliado na tarefa inicial de trazer ao português o que estava originalmente no dialeto vêneta. Depois, a prima italiana, Daniela Danieli e, por último, a poetisa italiana Brunna Cortese Dalla Carbonare, que teria atualizado o dialeto vêneta de Carli. Meu dialeto vêneta já estava bastante aporuguesado, observa o autor. Muitas palavras estavam misturadas. Assim, minha prima e

a a poetisa italiana acabaram arrumando as palavras que estavam mal grafadas, incorretas....O livro está dividido em pequenos textos independentes, escritos em estrofes. Cada episódio complementa o anterior e o seguinte. São verdadeiros flashes cinematográficos que o memorialista foi escavando em suas lembranças. *I géra tanti, che non i finiva pi. I vegna da tute le parti. Par tuta la setimana, fóra*

la doménega. (Eram tantos que não acabavam mais. Vinham de todos os lugares. Durante a semana inteira, menos aos domingos) afirma num texto intitulado *I poaréti* (Os pobres). É como Carli lembra do cenário longínquo de sua infância num vêneta empobrecido. O texto continua: *Le autorità, el pàroco, el consigliere comunale, e el consiglio parochial, se reune, studia e decide: elemosina, continue-*

mo a dare, solo al luni; i altri di, no. (As autoridades - o vigário, o vereador e o conselho paroquial - reúnem-se, estudam e decidem: continuaremos a dar esmolos, somente às segundas-feiras; nos outros dias, não. E conclui: *Un pugno de farina, un óvo, un panéto de pan, sinque schèi o ròba vècia. Grassie paróna, el Signore la benedissa.* (Punhado de farinha, um ovo, pedaço de pão, cinco centa-

vos ou roupa velha. Obrigado, dona, que o Senhor a abençoe).

Na verdade, são imagens de um mundo extinto na realidade, porque ele não mais existe sequer no Vêneto de onde Carli saiu há quase cinco décadas. E tampouco existe fora da memória do autor e das pessoas que têm a mesma idade dele, na Itália, no Brasil ou em qualquer outra parte para onde tenham se mudado. Portanto, até

certo ponto, são fios de uma memória coletiva. Depois, tornam-se os fios delicados da memória individual, filtrados pela vivência, personalidade e pontos de vista do autor.

(*) Aleksandar Jovanovic, professor da USP, doutor em Linguística, jornalista, é presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Album de la faméja

*Par tornar tempo indriò,
Òciar veci ricoredi,
Méio vardare l 'album.
La storia de la faméja,
contá coi ritrati.
Elo picolin, nudo.
Ela picolina, nuda.
La prima volta insieme.
I dù ne l'altare
Disendo sí, un par l'altro.
El viàgio a Venezia:
Che bèlo el Canal Grande.
El primo de la fila
Ze 'na femena,
Alora vegna dei altri.
Varda ciò, la ròba del primo,
Gà serví fin a l'ultimo.
La prima comunion dei fióli.
Ciascun coi su compagni,
Quando ze finia la scóla.
Tuta la faméja, na Pasqueta,
In mèso a le viole e al'erbeta.
La zia Maria, zitela.
E quà le nõsse de òro
Dei nõni quase....véci.
Sui scalini de la ciésa,
Tuti insieme i familiari,
Coi parenti e amissi,
La Prossima foto sarà
Par tuti quei che restarà.*

Álbum de família

Para recordar o passado,
Olhar velhas lembranças,
Melhor ver o álbum.
A história da família
Contada com retratos.
Ele pequeno, nu.
Ela pequena, nua.
A primeira vez juntos.
Os dois no altar,
Dizendo sim um para o outro.
A viagem a Veneza:
Que bonito o Canal Grande.
O primeiro da fila
É uma mulher.
Então que venham mais.
Olhe a roupa do primeiro.
Serviu até o último.
A primeira comunhão dos filhos.
Cada um com seus colegas,
Quando terminaram as aulas.
Toda a família na Pasquela,
No meio das violetas e no gramado.
A tia Maria, solteira.
E aqui as bodas de ouro
Dos avós, quase velhos.
Sobre os degraus da igreja
Todos juntos, os familiares,
Com os parentes e amigos.
A próxima foto será
Para todos os que restarem.

Os imigrantes ao longo dos trilhos da The São Paulo Railway

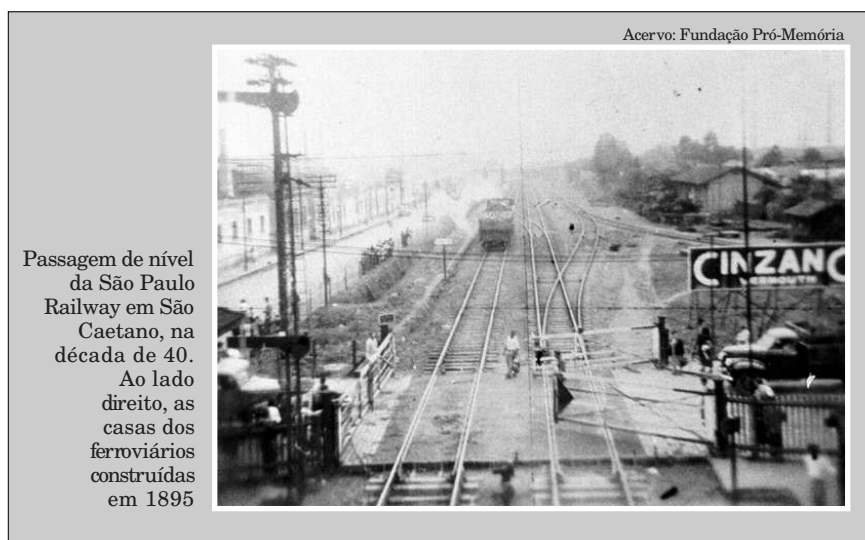
Arlete Assumpção MONTEIRO (*)

As dificuldades no transporte das mercadorias produzidas no interior paulista para o porto exportador de Santos mostravam a premente necessidade de construção de uma ferrovia já na primeira metade do século passado. O interesse inglês nos empreendimentos da Província de São Paulo era representado no Brasil pela firma Samuel Philips & Cia, com sede no Rio de Janeiro, e pela Casa Aguiar, Viúva, Filhos & Co., com sede em Santos. Em 1832, um de seus sócios, Frederico Fomm, contratou o engenheiro inglês Alfredo Mornay para realizar o levantamento topográfico da região São Paulo-Santos, inclusive da Serra do Mar, a fim de elaborar uma proposta de construção de um caminho de ferro que ligasse o porto de Santos ao Planalto Paulista. Em 1838, a Casa Aguiar, Viúva, Filhos & Co. e a empresa inglesa Platt & Reid conseguiram a primeira concessão outorgada pelo governo imperial para a construção da ferrovia que, saindo de Santos, chegasse a São Paulo, podendo prosseguir às vilas mais prósperas: São Carlos (Campinas), Constituição (Piracicaba), Itu ou Porto Feliz, dedicadas à economia canavieira. Não conseguindo levantar capitais, a empresa de Frederico Fomm foi às falências e o projeto da ferrovia ficou relegado a um segundo plano e posteriormente abandonado.

Na década de 1850, Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, atuava em diversas atividades econômicas no Brasil: bancos, iluminação, abastecimento de água, navegação, telégrafo e outras. Em 1855 fundou o Banco

Mauá, MacGregor & Cia. Que rapidamente se transformou numa organização bancária com filiais nas capitais das províncias brasileiras, em cidades argentinas e uruguaias e em grandes centros urbanos do mundo como Londres, Manchester, Paris e Nova York. Mauá, empresário que batalhava pela modernização no Brasil e conhecia as vantagens do transporte ferroviário na Inglaterra, era a pessoa indicada para captar recursos e levar avante o projeto de ligação São Paulo-porto de Santos. Os estudos e levantamentos anteriormente realizados na Serra do Mar, passaram para as mãos de Costa Carvalho - o Marquês de Monte Alegre -, ex-regente do Império, senador, presidente da Província de São Paulo em 1842 e parente da viúva de Frederico Fomm, que os entregou ao Barão de Mauá. Este contratou o engenheiro Robert Mullan para analisá-los e durante 1852 e 1854 o engenheiro realizou novos levantamentos que serviram de subsídios para Mauá solicitar concessão ao governo brasileiro para construção da fer-

rovia. Cumprindo as exigências do governo imperial, Mauá deu início à efetivação da obra. Contratou o engenheiro britânico James Brunless, com experiência em construções de ferrovias na Irlanda e Inglaterra, para examinar os estudos. Brunless enviou ao Brasil o engenheiro Daniel Fox que trabalhava na implantação da ferrovia Espanha-França, através dos Pirineus, para realizar estudos mais detalhados na Serra do Mar. Mauá tratou de captar recursos. A filial londrina do banco de Mauá atraía investidores e os depósitos aumentavam. A boa reputação, a fortuna e o prestígio de Mauá fizeram com que o lançamento das ações, na praça de Londres, para a construção da ferrovia brasileira despertasse interesse no meio financeiro. Adquiridas por amigos maçons de Mauá, investidores judeus de Londres, presbiterianos americanos, nobres comerciantes e cavalheiros londrinos, as ações logo se esgotaram. Inicia-se assim, através do Barão de Mauá, o maior empreendimento das províncias brasileiras do Império. Para





A estação ferroviária de São Caetano do Sul, da São Paulo Railway foi inaugurada em 1º de Maio de 1883. Nesta foto, de 1968, observam-se ainda aspectos arquitetônicos originais, como as colunas de sustentação e o pontilhão de passagem para pedestres

viabilizar a obra, Mauá abriu três agências bancárias em São Paulo: uma na capital, outra em Santos e a terceira em Campinas. Em 1860, foi contratada a empresa londrina Robert Sharpe & Sons para construir a estrada. Os trabalhos iniciaram-se no mesmo ano, nas proximidades do porto de Santos e exigiu mão-de-obra abundante. Como a região onde passariam os trilhos da estrada era despovoada, foram oferecidos incentivos para atrair trabalhadores: os brasileiros que trabalhassem na construção da ferrovia por pelo menos três meses, seriam isentos do serviço obrigatório na Guarda Nacional. Muitas pessoas afluíram à região além dos nacionais; eram em sua maioria imigrantes - geralmente solteiros, ou casados que não trouxeram suas famílias - portugueses, espanhóis e, em menor número, italianos.

O Barão de Mauá acompanhou de perto a obra. Comprou uma fazenda em Pilar, atual município de Mauá, no Grande ABC Paulista, ali permanecendo quando vinha a São Paulo. Os dois primeiros anos de construção da ferrovia foram além das expectativas dos empresários, mas as escarpas

da serra, as chuvas constantes e os desmoronamentos demandavam enorme soma de capitais, alterando o andamento dos trabalhos. A companhia inglesa passou a não cumprir com os compromissos frente à empreiteira contratada, por julgar exagerados os gastos com a construção. Mauá, para assegurar o término da ferrovia, passou a fazer adiantamentos através de seu banco. Na mesma época o governo paulista iniciou a construção de uma rodovia - a Estrada do Vergueiro - com traçado praticamente paralelo ao da ferrovia em construção, concorrendo com a oferta de mão-de-obra. Tal fato demonstra que vai se formando na região um preço pelo trabalho. Em junho de 1864 foi inaugurado o trecho mais difícil da ferrovia: o plano inclinado da Serra de Cubatão. Em setembro de 1868, a ansiada ligação porto de Santos - Planalto Paulista, passando pela cidade de São Paulo, com 139 quilômetros, era inaugurada. Estrada pronta, o café já podia ser transportado em menor tempo, proporcionando maior lucro aos agricultores. Para escoamento da produção cafeeira direta-

mente de Campinas - então capital agrícola da província de São Paulo - para o porto de Santos, era necessário que os trilhos da ferrovia continuassem. Todavia, a concessão estava nas mãos da *The São Paulo Railway Company Ltd.*, que, detendo o monopólio do transporte sobre qualquer carga no interior paulista, partindo de Jundiaí para o porto de Santos e vice-versa, não tinha interesse em prolongar os trilhos, pois toda a produção agrícola a ser exportada, passava pela *The São Paulo Railway Company Ltd.*, gerando vultuosos lucros.

SÃO PAULO RAILWAY - popularmente conhecida por SPR - era um monumento da indústria moderna. A regularidade do sistema era impressionante. O caminho sempre bem conservado, os desbarrancamentos concertados com cimento, a água das nascentes da serra e das chuvas eram encaçada de modo a não prejudicar os trilhos. A tecnologia utilizada para vencer a serra era motivo de espanto e admiração para os próprios ingleses.

Findas as obras de construção da ferrovia, a maior parte dos trabalhadores foi liberada. Aventura-se dizer que uma parcela desses trabalhadores permaneceu na região, até então despovoada, vindo a contribuir para o povoamento e desenvolvimento do atual Grande ABC paulista. O funcionamento da ferrovia exigiu novo tipo de mão-de-obra: maquinistas, foguistas, ferreiros, pintores, pessoal de manutenção dos equipamentos e atividades administrativas. Acredita-se que alguns empregados da obra permaneceram como funcionários da própria *São Paulo Railway*, executando serviços de manutenção e outros procuraram atividades como carregamento e transporte de mercadorias ou se dedicaram ao pequeno comércio que foi se desenvolvendo ao redor das paradas do trem.

Seguindo um modelo de planeja-

mento urbano, a The São Paulo Railway iniciou a implantação de moradias para os funcionários da ferrovia, a Vila Martin Smith, no mesmo local - no alto da Serra do Mar - que havia servido de acampamento para abrigar os trabalhadores contratados para iniciar a construção da ferrovia. As casas foram edificadas sobre base de alvenaria, em madeira de lei, geralmente pinho de riga, importado. Devido em parte ao fator tempo de construção, o sistema adotado foi o de construção de casas pré-fabricadas, trazendo assim uma inovação. As louças dos banheiros eram inglesas e a cobertura de telhas francesas. A empresa procurou atender o funcionário conforme sua posição na hierarquia: casas para os engenheiros, para manobristas e mecânicos, para os solteiros, etc., resultando em cinco tipos de moradias: a residência maior, conhecida com *Castelinho*, destinava-se ao funcionário mais graduado: era uma mansão, grande e única, assobradada, distinguindo-se das outras unidades; moradias isoladas para os engenheiros e funcionários especializados; moradias geminadas, duas a duas, um pouco menores; unidades geminadas de quatro moradias para funcionários em geral e alojamentos para os funcionários solteiros, sem família no local. Devido ao fato de as casas apresentarem características com forte influência inglesa, a cidadezinha ficou conhecida como Vila Inglesa de Paranapiacaba. Apesar de a Vila localizar-se distante dos centros urbanos como Santos e São Paulo, as casas receberam moderna infra-estrutura para a época e a realidade brasileira. Possuíam abastecimento de água, esgoto e calefação. A Vila tinha canalização de águas pluviais, sistema de válvulas de combate a incêndio, além de sistema de identificação de ruas, praças e vielas. Na Vila residiam famílias de diferentes nacionalidades: inglesas - do diretor da companhia e de outros altos

postos -, francesas - geralmente dos engenheiros -, portuguesas, espanholas, italianas e nacionais - de funcionários em geral -, além dos solteiros de diferentes procedências.

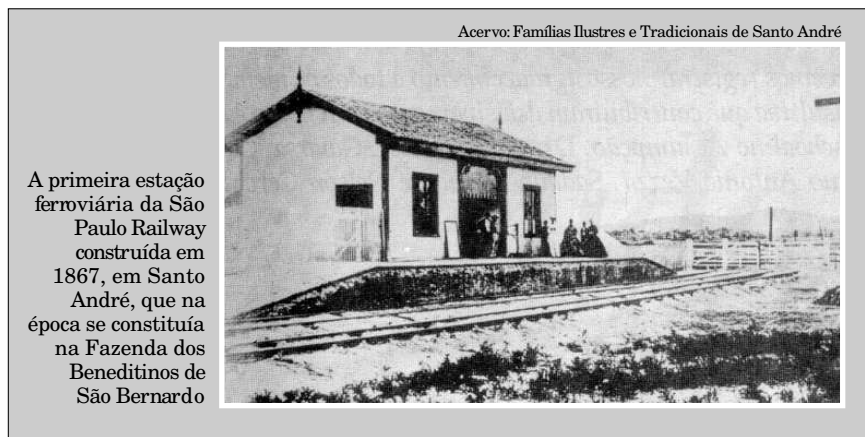
Todos os trabalhadores do Alto da Serra aceitaram e preservaram o espaço onde se desenvolvia a vida social e de trabalho. De 1860 a 1946 a Vila Inglesa de Paranapiacaba caracterizou-se como primeiro modelo de urbanização ligado à atividade onde os ingleses determinaram a atividade econômica, atraíram uma população e controlaram a vida cotidiana dos que ali residiam.

Do outro lado da vila planejada pelos ingleses, foi se formando espontaneamente outra vila - o Morro ou Parte Alta - onde residiam aqueles que deixavam de pertencer ao quadro de funcionários da Companhia, por aposentadoria ou por desligamento e queriam permanecer na região. As moradias foram sendo edificadas sem planejamento; porém, a proximidade com o modelo inglês da Vila Martin Smith, resultou numa mistura do colonial português com o modelo inglês.

O ambiente da serra acrescido do constante nevoeiro fez com que a população ali instalada tivesse que passar por um processo de biopsicoclimatização, procurando meios para conviver, no meio da serra, com a umidade e a neblina, obrigada a passar dias, se-

manas e até meses, principalmente no inverno, sem ver o sol. Em contrapartida, a vegetação de Paranapiacaba era um paraíso que fascinava botânicos, pesquisadores e viajantes.

Na segunda metade do século passado, a agricultura cafeeira paulista expandia-se rapidamente e o problema de mão-de-obra através do braço escravo agravava-se dia-a-dia. Por volta de 1870 algumas experiências com mão-de-obra imigrante europeia já haviam sido feitas. Em janeiro de 1867 um decreto regulamentava a fundação de colônias para imigrantes, distribuição de lotes e condições de propriedade. Em novembro de 1871, a Associação Auxiliadora de Colonização e Imigração firmara em São Paulo contrato com o Governo Imperial para introduzir na Província 15.000 colonos, em três anos. Em 1874 desembarcaram em Santos 345 imigrantes, em sua maioria italianos. No período de 1875 a 1878, o governo continuava a empregar esforços para obter braços imigrantes. Foi nesse período que foram fundados vários núcleos. Santana, o primeiro, em 1877; depois, Glória, São Caetano e São Bernardo. Várias colônias particulares também foram estabelecidas, pois muitos agricultores paulistas estavam empenhados em substituir o braço escravo por imigrantes europeus. Em 1882, a corrente imigratória tomava vulto.



Na região do atual Grande ABC Paulista, então freguesia de São Bernardo, três núcleos coloniais foram instalados, legislados pelo Governo Imperial: São Bernardo, São Caetano e Ribeirão Pires. Os primeiros imigrantes começaram a chegar a São Caetano em julho de 1877. A distribuição dos lotes processou-se lentamente e as dificuldades eram grandes. O núcleo de São Bernardo começou a receber imigrantes praticamente na mesma época - 1877 e 1880 - e foram distribuídos em diferentes linhas. O terceiro núcleo foi de Ribeirão Pires, criado em 1887, bem próximos à ferrovia São Paulo Railway. Conforme o Livro de Matrícula dos Colonos existente no Arquivo Público do Estado de São Paulo, o núcleo era constituído por três linhas: duas em Ribeirão Pires - uma rural e outra urbana - e a terceira, situada em Pilar, que veio a ser o atual município de Mauá, formada integralmente por lotes rurais e em conjunto de 11 chácaras. Os imigrantes chegaram numa primeira leva em 1888 e em princípio de 1889, uma segunda leva no meados de 1889, e a terceira, em setembro de 1890. Na Linha Pilar os lotes foram distribuídos para vinte famílias, que totalizavam oitenta pessoas. Quanto à origem, 13 famílias eram italianas, com 54 pes-

soas, um indivíduo de origem portuguesa e seis famílias brasileiras eram da própria região. As famílias italianas em geral provinham das províncias de Mantova, Verona e só uma família de Padova. Algumas famílias provinham de fazendas do interior de São Paulo. A maioria declarou ser agricultor, entretanto, outras profissões como pintor, pedreiro, carpinteiro, sapateiro e costureira foram encontradas. Nesse grupo estavam as famílias: Magri, Bernini, Buasi, Cursi, Bersan, Lunghi, Lupi, Gallo e Gadioli. Os lotes rurais da Linha Ribeirão Pires totalizavam 25 e foram distribuídos para 24 famílias italianas e um para uma família que já habitava a região. Das famílias italianas 17 procediam de Salzano, província de Veneza, quatro famílias da Província de Padova, duas famílias de Rovigo e uma de Treviso. Uma análise mais atenta demonstra que em geral as famílias eram constituídas pelo casal cuja idade variava entre 30 a 50 anos, com uma prole de dois a quatro filhos, na maioria menores de 15 anos. Vieram diretamente da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo para o Núcleo de Ribeirão Pires, exceto a família Martinelli, que procedia de uma fazenda no interior de São Paulo. Portanto pode-se dizer que os imigrantes

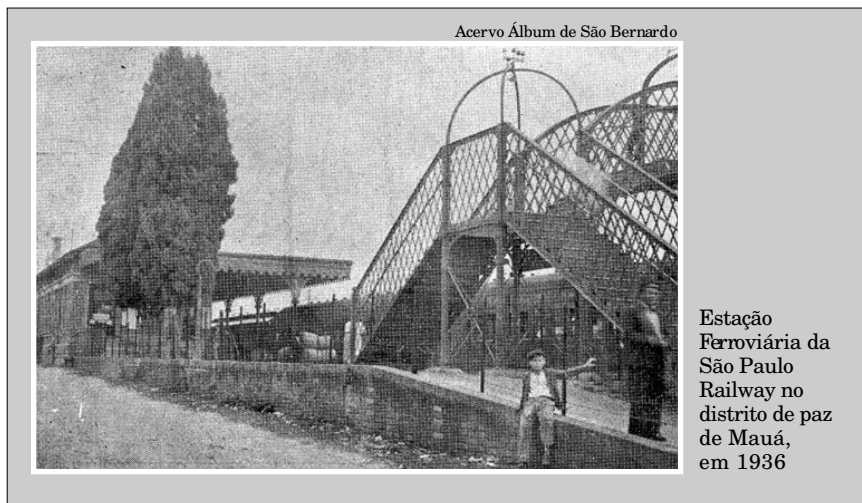
italianos que se instalaram no núcleo não tiveram a experiência, nem sempre agradável, do trabalho nos cafezais do interior do Estado de São Paulo, e portavam conhecimentos de trabalho que executavam no local de origem. Os 11 lotes de chácaras foram distribuídos para dez famílias de imigrantes italianos e um para o brasileiro Francisco Neves. Os imigrantes que receberam esses lotes moravam em lotes rurais ou urbanos do próprio núcleo.

Os lotes urbanos do Núcleo de Ribeirão Pires totalizavam 63, que foram distribuídos em 1890: 46 destinados a famílias italianas e os 17 restantes destinavam-se um para a família alemã, outro para um indivíduo português e 15 para famílias brasileiras. Das famílias italianas destacam-se: Astolfo, Beletto, Massiero, Zabeo, Zamberto, Zonni, Pescarini, Gallo, Bottaccin, Pandolfi, Fochi, Tussi, Bertoldo, Bersan, Buasi, Bendinelli, Benini, Bonaventuri, Sacarpello, Girolano, Ganitano, Rusomano, Luca, Lupi, Magri, Marza, Milan, Pellizon.

Cabe destacar que no processo de distribuição dos lotes urbanos do núcleo de Ribeirão Pires, o dr. Azevedo Sodré, da Delegacia de Imigração e Colonização das Terras no Estado de São Paulo, aconselhava ao Governador, em 1890, que se priorizassem os imigrantes artistas que tivessem condição de se estabelecerem como ferreiros, carpinteiros e outros ofícios.

Os núcleos de São Caetano, São Bernardo e Ribeirão Pires eram distantes um do outro. Mas havia o trem que, pontualmente, com seu barulhão característico, estava sempre presente para levar o imigrante tanto para São Paulo ou para o Alto da Serra ou para Santos.

Além dos *núcleos coloniais planejados* pelo governo formaram-se na região também *núcleos espontâneos*. Quando a *São Paulo Railway* decidiu



implantar a ferrovia, programou uma parada do trem - que foi inaugurada no mesmo dia que a ferrovia - para os moradores da freguesia de São Bernardo - criada em 1812 - que se localizava a oito quilômetros dos trilhos da ferrovia. Ao redor da parada começaram a afluir moradores e foi se formando um povoado que logo cresceu lentamente no final do século passado, transformando-se no Bairro da Estação. Porém, no despontar do novo século, a ferrovia, o clima, a localização geográfica, a hidrografia, a mão-de-obra livre do imigrante, formaram um conjunto que fez com que o Bairro da Estação se destacasse como principal pólo de industrialização de São Bernardo, atraindo fábricas de diferentes modalidades e um operariado interessado em melhorar de vida. Em 1910 o Bairro da Estação passou a distrito, com o nome de Santo André, em homenagem à antiga vila fundada por João Ramalho, a Vila de Santo André da Borda do Campo. Em 1938, englobando a própria sede de São Bernardo, o extenso território que é o atual Grande ABC Paulista, tornou-se o município de Santo André.

Outro *núcleo espontâneo* foi o formado ao redor da parada de Rio Grande, hoje município de Rio Grande da Serra que começou a receber imigrantes suíços e belgas em 1885 e que dedicaram-se à plantação de pêras, maçãs e ameixas, comercializadas no Mercado Municipal de São Paulo. O núcleo de Campo Grande formou-se ao redor da parada do mesmo nome, localizada a seis quilômetros do Alto da Serra onde foi edificada a Vila Inglesa de Paranapiacaba. Atraiu imigrantes italianos que se dedicaram à extração de madeiras e lenha para abastecer a ferrovia e as indústrias que se instalavam em Santo André.

A serra, com sua fauna, beleza e aconchego, era o local preferido para piqueniques e caçadas. A Companhia



Estação Ferroviária de Campo Grande, entre Rio Grande da Serra e Paranapiacaba, em foto de 1998. A estação encontra-se semi-abandonada e ainda apresenta aspectos originais da sua construção

não permitia esse tipo de lazer nas imediações da Vila Inglesa - que estava sempre brilhando. Sendo assim, os grupos desciam do trem nas estações anteriores como Campo Grande, iam passeando pela estrada de terra que dava acesso à mata, paravam numa cachoeira existente no caminho e tinham duas possibilidades para retornar: ir até o Alto da Serra, aproveitando para visitar a Vila Inglesa, ver o mar do mirante da serra e admirar a arquitetura de sua estação aos moldes londrinos ou, caso demorassem mais, retornar à estação de Campo Grande. Com tantas vantagens que o trem oferecia, realizar piqueniques tornou-se um programa para sábados, domingos e feriados, não só para os moradores dos núcleos que se formaram ao longo da ferrovia, como para os de São Paulo. Essa forma de lazer tornou-se costumeira também para os ferroviários que residiam na Vila Inglesa. Reuniam alguns vizinhos, procuravam um lugar apropriado na mata e passavam hora maravilhosas.

As caçadas na mata eram um dos programas preferidos dos homens, pois a variedade de aves e animais era enorme. Os caçadores passavam dois a três dias na mata. Formavam grupos de amigos e conhecidos, independente

da posição sócio-econômica e partiam de trem de São Paulo, São Caetano, Santo André e dirigiam-se em geral para as estações de Rio Grande da Serra, Campo Grande ou Alto da Serra. A fartura da caça era tal que os funcionários da *São Paulo Railway* que trabalhavam nos patamares da serra, revezando-se em turmas de quatro em quatro horas, muitas vezes aproveitavam os intervalos para caçar. Os imigrantes italianos que se fixaram ao longo da ferrovia nos núcleos coloniais e outras vilas e já traziam da Itália o hábito da caça, deslumbravam-se com a mata. Todavia, desconhecendo a fauna tropical, muitas vezes os italianos recém-chegados traziam como caça urubus, pensado que eram galinhas pretas.

Os imigrantes instalados em pontos diversos ao longo da ferrovia foram desenvolvendo um sentido de grupo, reforçado, entre os homens através do trabalho e, na família, através do lazer. Com o passar do tempo, as famílias imigrantes dos diferentes núcleos foram se entrelaçando, formando uma rede de famílias italianas, unidas por laços de parentesco e compadrio que suavizava a sobrevivência no meio da mata, povoada de animais ferozes.



Estação ferroviária da São Paulo Railway, de Paranapiacaba no início do século, conhecida até 1907, como Alto da Serra. Este local era o centro dos trabalhos ferroviários na serra, onde eram mantidas numerosos departamentos de serviço e administração

As famílias dedicaram-se a diferentes tarefas. Agricultura, principalmente nos núcleos de São Caetano e São Bernardo, fabricação de carvão - que abastecia os bairros paulistas - olarias que fabricavam tijolos. Os canteiros trabalharam a pedra, pois a região era rica em granito e quartzo; transformavam as rochas em pedras menores, com formatos segundo as encomendas, abastecendo a emergente industrialização de São Paulo e a própria ferrovia. Da floresta retiravam madeiras que serviam para as construções de São Paulo e Santos, além de samambaias, orquídeas e musgos que adornavam os funerais. A geração seguinte já passou a integrar o quadro de funcionários da ferrovia. Aprenderam o telégrafo, foram bilheteiros, cabineiros e alguns chegaram a chefes das estações.

A região do ABC Paulista, no final do século passado e primeiras décadas do presente século, foi também uma alternativa para os imigrantes italianos descontentes com o trabalho nas fazendas de café. Encontravam ali seus conhecidos da Itália que lhes garantiam pouso e acolhida num início de nova vida, fora do trabalho nas fazendas paulistas.

A *The São Paulo Railway* foi, no Grande ABC Paulista, um elo inte-

grador dos imigrantes de diferentes etnias que procuraram a região. O maior contingente foi representado pelo imigrante italiano. Todavia cabe destacar a contribuição dos ingleses que administravam a *São Paulo Railway* e residiam no Alto da Serra. Organizaram bailes, festas e apoiaram a formação da banda musical. Entre eles praticava-se o *cricket*, esporte que não atraía os paulistas. Em 1894, Charles Miller, filho de John Miller e Carlota Alexandrina Fox Miller, retornando da Inglaterra onde fora estudar, trouxe em sua bagagem duas bolas de futebol. Inscreveu-se num clube de São Paulo e entusiasmou os funcionários da *São Paulo Railway*, que moravam no Alto da Serra, a praticar o esporte. Desde 1894, formaram-se equipes de ferroviários. Em 1903, um grupo de funcionários liderados por engenheiros fundou um clube de futebol, o Serrano Clube, que foi o primeiro clube de futebol de São Paulo. Os treinos eram ministrados pelos próprios engenheiros da ferrovia. O esporte expandiu-se rapidamente. Na década de 1910 novos clubes surgiram nos povoados próximos aos trilhos da ferrovia. Com a facilidade do trem, jogos e mais jogos eram realizados. Mais clubes surgiram nas décadas

de 20 e 30: dos Thon, dos Guazelli, dos italianos de São Caetano, dos espanhóis, dos motoristas, da Vila Alzira, da Vila Pires, etc. Com a chegada das indústrias na região, o rol de clubes aumentou. As moças começaram a frequentar os jogos para verem seus irmãos, primos e amigos nas disputas, resultando em namoros e casamentos. Surgiram sedes sociais dos clubes, onde se realizavam festas e confraternizações. A história de Santo André e da região mostra que cada bairro, nas décadas de 20, 30 e 40, teve no futebol a base de seu lazer, elo de ligação das diferentes etnias que se faziam representar cada vez mais com a emergência da industrialização que se processou na região.

Pode-se dizer que de terras de passagem, o que caracterizou o ABC Paulista desde a descoberta do Brasil, somente com a chegada da ferrovia e nisso tem seu valor o Barão de Mauá - foi que se deu o despertar da região como local de fixação de imigrantes e, indústrias de capital internacional. Mesmo hoje, não tendo mais a ferrovia o papel que a distinguia, deve-se sempre ter em mente que é a ela que Santo André deve seu nascimento e crescimento. Sem a ferrovia rasgando as terras de Santo André, e sem o empenho do trabalho do imigrante que ali se instalou em decorrência de sua implantação, Santo André, como o Grande ABC, teria continuado como terra de passagem. Portanto, foi um conjunto de fatores - ferrovia, imigração, clima, solo, hidrografia - que fizeram com que Santo André e o ABC chegassem cem anos depois da inauguração da estrada de ferro, a ser o grande centro industrial do país.

(*) Arlete Assumpção Monteiro é professora do CERU (USP), da PUC e membro do Gipem

Húngaros também contribuíram positivamente na formação da cidade

O húngaro Fülöp Ambrozio, nascido em 7 de setembro de 1900, na cidade de Jorumlilet, imigrou para o Brasil em 1926, seguindo aqui o caminho traçado para todos os imigrantes trabalhadores na época: as fazendas de café no interior do estado de São Paulo. A ele coube trabalhar na fazenda Botafogo, no município de Bebedouro.

A húngara Barbara Oláh, nascida em 5 de abril de 1908, teve um destino semelhante ao de Fülöp, pois quando chegou ao Brasil em 18 de novembro de 1924, também foi enviada para os cafezais do interior de São Paulo, numa cidade próxima à Bebedouro, o município de São Simão. Foi nessa cidade que conheceu Fülöp e tiveram seus destinos cruzados, vindo a casar-se em 19 de Novembro de 1926. Em meio às dificuldades próprias da época, quando o café, principal item de exportação do Brasil, tinha sua cotação despencando nas Bolsas de Valores do mundo, e a política brasileira vivendo uma crise que desembocaria na resolução de 1930, o casal atravessava dificuldades econômicas, pela falta de perspectivas de trabalho e assustados com as grandes queimas de estoques de café, organizados pelo governo federal. Em meio às dificuldades da época, foram nascendo os filhos: Maria Felipe em 1929, Júlia em 1932, e Ambrozio em 1935. Após o nascimento do terceiro filho o casal resolveu abandonar o trabalho naquela região e mudou-se para São Caetano, então um pequeno distrito, no subúrbio de São



Acervo: Maria Felipe da Silva

Passaporte de Fülöp Ambrozio

Passaporte de Barbara Oláh

Paulo, pertencente ao município de São Bernardo. Aqui em São Caetano viria nascer Rosa, quarto filho do casal. Quando chegaram foram morar na rua Nossa Senhora da Candelária, que naquela época chamava-se rua Itapirú, próximo à esquina da rua Engenheiro Rebouças. São Caetano nessa época começava a despontar como um grande centro industrial, com a chegada da General Motors, das Indústrias Matarazzo, e principalmente com a evolução das velhas olarias em indústrias cerâmicas, destacando-se entre elas a Cerâmica São Caetano, na fabricação de telhas, ladrilhos, e refratários. Foi na Cerâmica São Caetano que Fülöp Ambrozio foi trabalhar como fogaista e ficou até a aposentadoria. Seu nome foi aportuguesado de Fülöp para Feli-

pe e perpetuou-se nos nomes dos filhos que seguiram os passos do pai e também foram trabalhar na Cerâmica São Caetano. A filha mais velha de Felipe, Maria, chegou a freqüentar a escola primária mantida pela Cerâmica São Caetano nas dependências da fábrica, onde se recorda com saudades da primeira diretora, professora Clarice de Magalhães Castro, e principalmente do dia 26 de novembro de 1941, quando a fábrica recebeu a visita do presidente da República Getúlio Vargas, que viera inaugurar a seção de fabricação da sílica, matéria-prima fundamental para os alto-fornos da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda. Aos 14 anos, Maria Felipe já trabalhava na seção de escolha de Ladrilhos, onde o controle de quali-



Filhos do casal. Em pé, da direita a esquerda Maria Felipe, Ambrozio Felipe, e Júlia. Sentados da direita para a esquerda Fülöp Ambrozio, a menina Rosa e Bárbara Oláh



O casal Fülöp e Barbara no quintal da casa da rua Nossa Senhora da Candelária, antiga rua Itapirú



Vista lateral da casa de dona Maria Felipe da Silva na rua Engenheiro Rebouças, esquina com a rua Gonçalves Dias



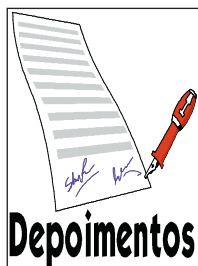
Dona Maria Felipe da Silva em depoimento na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em setembro de 1998

dade era fundamental, exigindo das operárias bastante prática e habilidade. Faz parte das lembranças de Maria Felipe os grandes divertimentos na sua juventude, como os bailes no Grêmio Recreativo Dramático Dançante Guarany, na esquina da rua Santo Antonio (atual Roberto Simonsen) com a rua Castro Alves, os passeios dominicais ao bairro dos Meninos, atual Rudge Ramos, as matinês nos cines

Parque, da rua Maranhão, e de vez em quando no Cinema Central da rua Perrella. Em 1949, Maria Felipe casou-se com Durval José da Silva, também operário da Cerâmica São Caetano. Desta união nasceram os filhos: Durvanil, Dalva, Antonio Carlos e Luiz Carlos. Dona Maria Felipe ficou viúva muito jovem e, com a ajuda dos pais criou os filhos morando em uma casa da rua Engenheiro Re-

bouças, esquina com a rua Gonçalves Dias. Hoje aos 70 anos, ainda morando no bairro Cerâmica, na rua Pandiá Calógeras, Dona Maria recorda com muita saudade dos seus pais, que vieram de tão longe e aqui em São Caetano souberam construir, através do trabalho, uma grande família, agora representada pelos seus filhos e netos, com os quais vive cercada de muito amor e carinho.

Ataliba da Silva, empresário idealista à frente de seu tempo



Carlos GERCHTEL(*)

Conheci Ataliba da Silva no final da década de 50, sendo um dos clientes do seu escritório contábil, com sede na rua Espírito Santo, nº 122, nos fundos da sua residência, modestamente montado, mas sempre agindo com um idealismo, aliás, muito apropriado na época, com planos mirabolantes, enfim com sonhos muito elevados e uma visão ampla no progresso futuro do município.

Vivíamos os anos iniciais da autonomia e tal situação dava um alento muito grande para os idealistas e porque não dizer para os sonhadores.

Nascido na cidade de Resende, Estado do Rio de Janeiro em 21 de Maio de 1917, de família humilde, aqui chegou, como tantos outros naquela época, para tentar alguma coisa de melhor na vida; aqui se casou em 25 de dezembro de 1943, com Segunda Irene Garcia, formando família.

Dessa união nasceram duas filhas; uma delas vivendo apenas alguns meses e Cleide Miriam da Silva, que atualmente é a sucessora do espólio.

Tinha ele o condão de convidar pessoas para formação de grupos econômicos, afim de aplicar umas obras necessárias e importantes naquele período inicial do desenvolvimento autônomo de São Caetano do Sul.

Utilizava amigos, parentes e até mesmo os próprios funcioná-

rios do escritório para esse fim.

Nessa iniciativa, teve um papel preponderante Santo Brichese, que além de participar de todos os projetos de uma forma ativa, igualmente manteve um vínculo muito forte de amizade, respeito e confiança, e um perfeito entrosamento em tudo que juntos realizaram. Brichese foi na verdade, uma espécie de diretor-financeiro e a sua colaboração foi de capital importância nas transações.

Dessa maneira, criou em 1957 o Colégio Comercial Barão do Rio Branco, instalando-se na famosa Vila Gerti, hoje bairro Nova Gerti, por onde passaram muitos jovens que atualmente exercem relevantes serviços profissionais nos diversos setores da nossa sociedade. Criou também o Instituto Ataliba da Silva no bairro



Mesa do cerimonial de formatura do Colégio Comercial Barão do Rio Branco, em 1961. Da direita para a esquerda: Raphael Daniel Filho, Alvaro Lion de Araújo (Inspetor federal), Yolanda Ascencio (representante do prefeito), Lázara Aparecida Cardieri (Santinha), Alfredo de Andrade Neto, Ataliba da Silva, Aparecido de Oliveira, Carlos Gerchtel, Loris Gallo



Acervo: Família de Ataliba da Silva

No dia 25 de agosto de 1949, a Peixaria Ardito, da rua Santa Catarina entregou ao público o novo carro frigorífico para distribuição de pescados nas feiras. Presentes da esquerda para a direita: dr. Humberto Forte, chefe do Serviço Sanitário, Gumercindo A. Breviglieri, Ataliba da Silva, Ângelo Raphael Pelegrino, prefeito municipal, Dirceu Luiz, dr. José Salvatori Neto, professor Moura Branco e José Ardito, proprietário da Peixaria São Caetano



O jornal *O Comércio do ABC* era editado por uma empresa dirigida por Ataliba da Silva, e dedicado aos interesses do comércio de São Caetano e dos demais municípios do ABC; na foto a primeira página da edição do dia 30 de Novembro de 1962

<p>Instituto de Ensino Barão do Rio Branco S/C Uma organização a serviço da cultura Prélio próprio Sob inspeção Federal e Estadual Cursos: Técnico em Contabilidade, Gísenal de Comércio, Administrativo, Fomento e Dactilografia.</p> <p>DIRETORIA Diretor Presidente, prof. Ataliba da Silva Diretor Vice-Presidente, Santo Bonifácio Diretor Técnico, prof. Doyce Camargo Rocha Conselheiros: prof. Carlos Gerchtel e Otacilio Leal dos Reis da Cruz.</p> <p>Diretor Secretário, Jorge Botelho Rua Paullista, 143 - Fone 42-43-44 - Vila Paratati São Caetano do Sul</p>	<p>Org. Aux. de Investimentos Ataliba da Silva S/C Participações e Investimentos em geral Diretor Presidente, Ataliba da Silva Rua Espírito Santo, 122 - Fone 42-29-08 São Caetano do Sul</p> <p>Ataliba da Silva S.C. - Contabilidade e Assuntos Fiscais Regime no CRC-211 - Economistas, Contadores e Despesantes. Especialização sempre em dia por processo moderno e eficiente. Contabilidade mercantilizada pelo sistema Remington.</p> <p>DIRETORIA Diretor Presidente, Ataliba da Silva Diretor Técnico, José Polastro Jr. Diretor Gerente, Saldio Soyuzan Rua Espírito Santo, 122 - Fone 42-29-08 São Caetano do Sul</p>	<p>Empresa Jornalística "O Comércio do ABC" O Comércio do ABC um jornal independente para a defesa dos interesses dos Municípios do ABC.</p> <p>DIRETORIA Diretor Presidente, Ataliba da Silva Diretor Técnico, Saldio Soyuzan Diretor Secretário, Otacilio B. de Lima Gerente, Henrique Lorencini Elba Conselheiros: Germano Santucci e Júlio Lasso Franco. Rua Espírito Santo, 122 - Fone 42-29-08 São Caetano do Sul</p> <p>Concedio Bandeirantes de Incorporações e Financiamentos S/C Incorporações e Financiamentos Imobiliários</p> <p>DIRETORIA Diretor Presidente, Ataliba da Silva Diretor Comercial, Santo Bonifácio Conselheiros: Dr. Osvaldo Caspary e Dr. Fernando Vergilio Campos Figueredo R. Manoel Coelho, 576 - Sub. n.º 1 - S. Caetano do Sul</p>
<p>Instituto de Ensino Ataliba da Silva S/C Prélio próprio Sob inspeção Federal e Estadual Cursos: Gísenal de Comércio, Administrativo, Primário, Dactilografia e Dúctado Mecânico.</p> <p>DIRETORIA Diretor Presidente, prof. Ataliba da Silva Diretor Técnico, prof. Carlos Gerchtel Diretor Secretário, prof. Saldio Soyuzan Vice-Diretor Técnico, Prof. Manoel P. Casarim Al. São Caetano, 2559 - Vila Santa Maria São Caetano do Sul</p>	<p>Soc. Ataliba da Silva Imóveis e Administração Ltda. Administração de bens - Compra e venda de imóveis por conta própria</p> <p>DIRETORIA Diretor Presidente, Ataliba da Silva Diretor Comercial, Santo Bonifácio Diretor Administrativo, Otacilio B. de Lima Conselheiros: Dr. Fernando Vergilio Campos Figueredo e Indácio Xavier da Silva R. Manoel Coelho, 576 - Sub. n.º 1 - S. Caetano do Sul</p>	<p>Comercial Ataliba da Silva Veículos e Máquinas Ltda. Diretor Presidente, Ataliba da Silva R. Manoel Coelho, 576 - Sub. n.º 4 - S. Caetano do Sul</p> <p>Resençosa S/C Contabilidade e Assuntos Fiscais Contabilidade em geral Diretor Presidente, Ataliba da Silva Diretor Técnico, Manoel P. Casarim Rua Fernando de Oliveira, 50 - Parapiatão Município de Duquestra</p>

Prestige o comércio do seu município, comprando em sua cidade!

Ataliba da Silva foi um empresário à frente do seu tempo, tendo criado no início da década de 60, em São Caetano do Sul, mais de 10 empresas comerciais, e duas escolas, sob a sua direção

ro Santa Maria, onde hoje funciona o Externato Irmã Catarina. Fundou também o jornal *O Comércio do ABC* que serviu para mostrar que também nesse setor havia um interesse muito grande principalmente levando-se em conta que as empresas jornalísticas existentes estavam praticamente no início das suas atividades na época: a Sociedade Ataliba da Silva Imóveis e Administração e várias outras empresas que acabaram sendo denominadas como Empresas Coligadas Ataliba da Silva.

Tinha Ataliba da Silva, pendores para a arte literária, pois nos momentos vagos escrevia poesias e romances, conforme publicação em capítulos nas várias edições de seu jornal, demonstrando assim uma outra faceta da sua personalidade. Era uma pessoa bastante sensível e porque não dizer, carismática.

Ele não era só de falar, acima de tudo era de agir, sempre com ponderação, com discrição, com o espírito humanitário que sempre o acompanhou. Muita gente progrediu na vida com a sua ajuda e muitos outros concretizaram os seus ideais, isso porque ele

costumava dar oportunidade aos jovens que quisessem ingressar nas carreiras escolhidas: alguns na área contábil, outros no magistério.

Exerceu vários cargos importantes, sempre com hombridade, responsabilidade, visando, como não poderia deixar de ser, aos interesses da comunidade; identica-

mente, foi um baluarte na filantropia, fazendo parte durante muitos anos da Associação Santa Luzia de Amparo aos Cegos, da Associação dos Paraplégicos, que infelizmente foi extinta após a sua morte, entre outras entidades filantrópicas.

Faleceu em 4 de setembro de 1964, no auge das suas atividades comerciais e culturais, não podendo por conseguinte, complementar o seu trabalho, completar a sua colaboração tão preciosa para o desenvolvimento do nosso município; mas a sua contribuição continua viva pois, atualmente, todas as suas obras estão funcionando a pleno vapor e aquele modesto escritório que deu origem a tudo, continua prestando seus serviços na mesma rua Espírito Santo, nº 55, dirigido pela sua filha Cleide Miriam da Silva e seus netos Armando da Silva Miron e Andréia da Silva Miron, seguindo a tradição da família.



Ataliba da Silva junto com o vereador Jayme da Silva Reis, na Câmara Municipal, ao fundo Anacleto Campanella

(* *Carlos Gerchtel foi professor do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul e do CIM Alcina Dantas Feijão*)

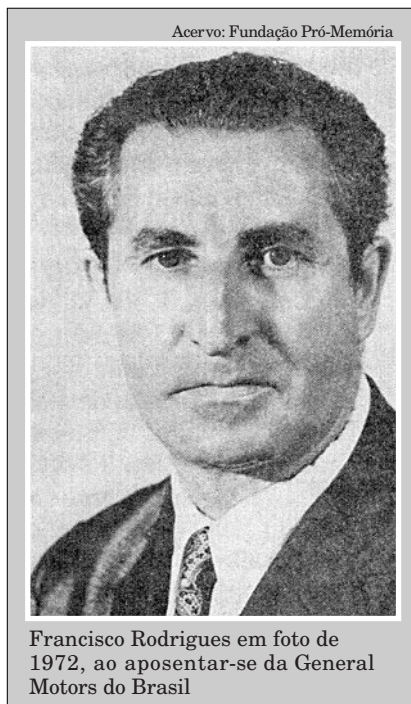
Metalúrgico aposentado faz relato da vida escolar e profissional

Francisco RODRIGUES(*)

Quatro horas da manhã. Levantei enquanto minha mãe preparava o café (pois começavam as férias escolares do último ano do curso primário). Minha professora, Bráulia Belfort Piniheiro, quando soube que ia trabalhar, foi até minha casa na Rua Barcelona, 22 (atual Conselheiro Lafaiete, no Bairro Barcelona). A escola ficava na rua Tapajós, mesmo bairro.

Ela não se conformava com essa decisão minha de trabalhar – pois que havia completado 13 anos de idade em 9 de junho. Mas eu queria ajudar meu pai nas despesas da casa. Éramos quatro, três irmãs nasceram em São Caetano. Vim da Capital, rua Caetano Pinto, para a rua Rio de Janeiro, Bairro Monte Alegre, com dois anos de idade. Posteriormente meu pai comprou o terreno da Companhia Votorantim (10x50) na Vila Barcelona e começou a construção: primeiro o quarto e cozinha, depois mais um quarto, depois outro, etc... Dona Bráulia propôs que eu terminasse o curso estudando à noite. Não era o único. Havia mais alguns colegas na mesma situação.

No início, estudava em escola pública com duas salas de aula, localizada na avenida Goiás. As professoras mais faltavam do que davam aula. Estava no 3º ano do primário e não sabia nada. Falei com minha mãe que concordou em matricular-me numa escola particular, cuja mensalidade era de 5\$000 (cinco mil réis). Diante da professora, dona Bráulia, que me fez algumas perguntas e pediu que fosse até o quadro-negro, não consegui responder perguntas de terceiro nem de se-



gundo anos. Portanto voltei ao primeiro, comecei tudo de novo. Estava com 10 anos de idade.

Meu primeiro trabalho foi numa olaria, \$150 (cento e cinquenta réis por hora); começava às 5 horas e ia até às 14. A olaria localizava-se na Vila Ressaca (hoje Rua Piratininga, com avenida Kennedy) onde havia uma ponte de madeira. O lugar era chamado de *Buracão* - Córrego do Moinho. Ali tomávamos banho todos os dias depois das 14 horas, quando terminava nosso trabalho. Aprendi alguma coisa sobre fabricação de tijolos de barro. O barro era amassado e revirado por meio de paletas com eixo giratório, puxado por um burro que circulava ao redor das paletas. A massa era jogada em quantias equivalentes em caixas do tamanho e forma do tijolo, depois cortado o excesso de barro

com barbante fixado num arco de madeira. Os tijolos eram distribuídos pelo pátio - em condições de poderem secar ao sol. Posteriormente eram enviados ao forno, e depois de cozidos saíam em condições de uso. Tamanho do tijolo: 25x12x6cm. Convidaram-me para ser ajudante de caminhão de entrega. Era o que eu gostava de fazer: entregar nas construções e depósitos.

Três meses se passaram (outubro). Fui trabalhar em fábrica de pincéis para barba, cujo dono era alemão, na avenida Goiás, próximo ao hoje Externato Santo Antonio. Pentava o pêlo (crina de cavalo ou pêlo de porco) para ser cortado e colado com breu no cabo.

Em dezembro de 1935, nos dias marcados, faltei ao trabalho para prestar exame escolar, junto com os colegas do período diurno. Estava de posse do curso primário. Dona Bráulia pediu que fizesse a Primeira Comunhão e também solicitou minha ajuda para a Igreja Matriz da Sagrada Família (Praça Cardeal Arcoverde). Posso dizer que ajudei na construção.

Em março de 1936, com alguma prática em pincéis, fui trabalhar perto da minha casa, também na avenida Goiás, um pouco acima da rua Conselheiro Lafaiete. Fábrica do mesmo ramo – pincéis para barba. Chamava-se Pincéis Olindo. Também ali os donos eram alemães ou descendentes.

No começo de junho de 1936, tia Margarida arrumou-me emprego na Aliberti – fábrica de botões. Trabalhei um dia. Deram-me um banquinho para sentar e uma ferramenta - lima de aço - para limpar coquinhos. Em dado momento, saíram os três rapazes que ali

trabalhavam, fazendo o mesmo serviço. Por curiosidade levantei para olhar ao redor, quando esbarrei numa garrafa de café, que caiu e quebrou. Sentei e continuei limpando os coquinhos. Quando os três chegaram, um gritou:

- Quem foi o ... que quebrou a minha garrafa! Eu mato o sujeito. Dirigindo-se a mim, perguntou:

- Você sabe?

- Eu não sei - respondi. Os três me olharam desconfiados. O dia custou a passar. Falei à minha tia: *não gostei do ambiente, o pessoal é mal educado e falam palavrões*. O dono da garrafa fazia dois de mim. *A senhora recebe por mim o salário*. Um dia, \$200 x 8 = \$1600 (hum mil e seiscentos réis).

Minha tia também saiu da Aliberti para trabalhar nas I. R. Francisco Matarazzo - Visco-Seda.

Achei boa a idéia. Talvez eu conseguisse uma vaga também. Estava completando 14 anos de idade e poderia tirar a Carteira de Saúde (exigida na ocasião). Foi uma boa experiência para mim trabalhar na Indústria Visco-Seda Matarazzo. Comecei com \$300 por hora, entrava às 7 horas e saía às 22 horas. Quatorze horas por dia e uma para almoço. Saía de casa às 6 horas (a pé) e chegava ao trabalho 6h55.

Meu serviço era limpar os carretéis tamanho grande. Chegavam vazios tendo uma camada ou duas de fio. Com uma faquinha, cortavam-se essas camadas e o carretel limpo era jogado numa caixa enorme, onde as moças da Estracana, seção com máquinas que enchiam os carretéis novamente, vinham pegá-los e depois eram enviados à torcetura com máquinas enormes para passarem às bobinas. Não lembro bem quantas vezes os fios passavam de bobina para carretel, e vice-versa. Minha seção ficava ao lado da Fiação, onde começava a fabricação do fio. Ali havia muito ácido e umidade. Só se andava por cima de estrados com

20 cm de altura. Entrei naquela seção duas vezes. Nos festejos juninos queria uma folga (no dia de São Pedro), mas como a previsão era de que íamos trabalhar, estudei uma maneira de pelo menos sair mais cedo no dia 29. Fiz amizade com as moças dos carretéis, que saíam às 14 horas. O trato foi o seguinte: sairia um grupo de seis e eu no meio, passaríamos os portões onde ficavam os porteiros de tal maneira que eles não me vissem. Deu certo. Já na rua foi aquela alegria... O céu estava forrado de balões; para mim era uma grande felicidade. Na Matarazzo trabalhei até dezembro de 1936. Em janeiro de 1937, transferi-me para Metalúrgica São Francisco (o laminador era o *Manolo*), posteriormente Coferraz - na rua Carlos Del Prete. Ali eu era *pinche*. Pegávamos as barras ainda vermelhas (que saíam da laminação), com tenazes. Um em cada ponta, e as colocávamos (nos pisos revestidos de chapas de aço) esticadas e bem direitas - serviço bruto e perigoso. Um dia meu pai, que também trabalhava lá como forneiro, me disse: Está na hora de você escolher uma profissão, porque nesse serviço não vejo grande futuro.

Como eu gostava de trabalhar com madeira, iria procurar uma fábrica de móveis, seria um marceneiro. Melhor, procurei o Liceu de Artes e Ofícios, na Luz. Fiz o teste para matrícula no Palácio das Indústrias. Aprovado já poderia começar - era mês de Maio. Naquele mesmo dia um amigo, Luiz Milani, foi à minha casa convidar-me para trabalhar na fábrica de Móveis Pelozini, no Brás. Eram duas fábricas (acabou me convencendo a aceitar o convite). No dia seguinte lá fomos nós. Ele ficou na fábrica de dormitórios, rua Hipódromo, onde os tios trabalhavam. Fui à rua José de Alencar, fábrica de salas de jantar. Entramos como ajudantes de marceneiros, ganhando 30\$000 (trinta mil réis) mensais. A passagem de trem custava 15\$000

mensais. Não era muito o que sobrava, mas tive um grande mestre: o senhor Chiquinho que se comprometeu a ensinar a arte de lidar com madeira. Ali se faziam móveis de estilo entalhados e lisos. Porém o inconveniente é que não éramos registrados. O patrão, João, não registrava na firma os menores de 18 anos. Quando chegava ao escritório algum fiscal, alguém corria para nos avisar. E a rapaziada se escondia nos armários até passar o perigo. Assim foi até o mês de novembro, quando não aceitaram mais menores de 18 anos no local.

Chiquinho chorou naquele dia e eu, comovido, quase chorei também. Mas não era possível continuar.

Qual não foi minha alegria quando horas depois, andando pela avenida Rangel Pestana em direção ao centro, parei em frente à Tapeçaria Grechi. Ali estava o Cristiano - irmão dos Arlindo e Aladino, donos da loja e fábrica. Pensei que era só loja, mas a fábrica ficava nos fundos e dava para a rua do Gasômetro. contei exatamente o que se passava. Ofereceu-me \$700 por hora e podia começar já no dia seguinte, depois de preparar os documentos; o salário dava aproximadamente 140\$000 mensais. No emprego anterior estava com 75\$000. Ali se construía móveis em geral e instalações para escritórios e tapeçaria. O mestre era Humberto Massela. Desejava chegar em casa para contar à minha mãe.

Algum tempo depois fui estudar na Escola Profissional Júlio de Mesquita, em Santo André e para isso, pedi licença para sair 10 minutos mais cedo todos os dias, a fim de poder tomar o trem no Brás a tempo de chegar na escola no horário. Nesse ano de 1938, aconteceu a Terceira Copa Mundial de Futebol e a Itália conseguiu o bi em gramados da França, cujo final foi Itália 4 x 2 Hungria. Em terceiro lugar ficou o Brasil, com Leônidas da Silva, *Diamante Negro*, como artilheiro, e

em quarto a Suécia. Ouvíamos pelo rádio da vizinha, de 4 a 19 de Junho de 1938. Nesse tempo, a Espanha estava envolta em Guerra Civil e não participou, e tínhamos medo da Guerra Mundial que se aproximava. Dessa firma, em que entrei como ajudante, saí em janeiro de 1941; portanto três anos e dois meses depois, como Marceneiro, ganhando 1\$600 por hora. A fábrica fechou e só ficou a loja e parte da tapçaria.

No dia 12 de fevereiro de 1941, comecei na General Motors do Brasil como servente provisório, por indicação de Mário Bardella, meu professor de Matemática, até surgir vaga na marcenaria. Entrei com 1\$700 por hora, foi quando conheci o Joanin, marceneiro, aquele que no futuro seria o dono de vários supermercados. Disse-me que pretendia abrir um armazém de Secos e Molhados na Vila Gerty, assim poderia ficar no lugar dele. Fiquei atento, e quando chegou o dia, três meses depois, estava trabalhando na bancada que havia sido dele. Primeiro serviço: o chefe Luiz Kiss me apresentou uma escrivaninha de sete gavetas que estava para jogar no lixo. As gavetas apresentavam folga de até um centímetro. O tampão todo torto. *O senhor quer que eu a faça de novo?* - Não, respondeu, quero que você aproveite o máximo do que está aí. Eu a reformei e quando estava no fim, o companheiro do lado, Carlos, disse: depois você vai lustrar a escrivaninha. Mas eu não tenho prática de lustração - disse. Não faz mal, eu te ensino. Via como passava aquela boneca embebida no verniz e óleo, nas peças que ele havia montado.

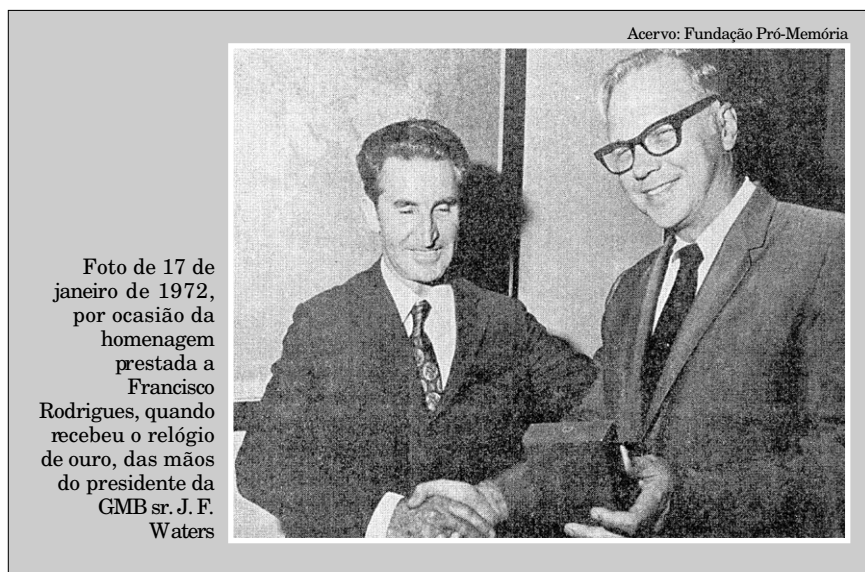
Trabalhei como marceneiro até 12 de fevereiro de 1942. Dois dias depois, fui trabalhar na Companhia Aeronáutica Paulista, Utinga, como marceneiro e ganhando 2\$200 por hora. Ali se fazia o avião Planalto para treinamento, *Paulistinha* e planadores. A

entrevista foi com o dr. Frago. Três meses depois fui transferido para a seção de modelação, quando conheci o Marino. Quase tudo o que aprendi sobre modelação para peças fundidas em duro-alumínio e ferro devo a esse senhor.

Em 1º de outubro de 1943 fui transferido para a Construções Aeronáuticas S/A, Lagoa Santa, MG. A viagem de São Paulo a Belo Horizonte de trem durou 32 horas. Éramos cinco transferidos naquele momento e viajavamos juntos: dois modeladores, um desenhista e dois escriturários. No dia 15 de Dezembro pedi demissão junto com outro colega, Victor. Também demitiram-se na ocasião outras pessoas: mecânico, soldador, eletricitista, etc. vindos do Rio de Janeiro. Motivo: como modeladores, por enquanto, fazíamos bancadas de 5m x 2m para mecânica, sabíamos que era provisório até que a firma começasse a funcionar produzindo aviões e hidroaviões.

No dia 13 de Janeiro de 1944, um colega chamado Victor Gentil Savietto e eu, dirigimo-nos à Laminação Nacional de Metais S/A. (Utinga), pegado à Cia. Aeronáutica Paulista, cujo dono era Francisco Pignatari (o mesmo das duas firmas). Fizemos um

teste ao meio-dia, para a seção nova da laminação, cujo chefe era Paulo. Fomos aprovados. Quando a Carteira Profissional já com o registro - remuneração (especificada de Cr\$ 3,00 (- três cruzeiros) por hora - chegou às mãos do Adamastor, diretor, não aprovou nossa admissão. *Por quê? - perguntamos. Porque os senhores não ficaram em Lagoa Santa. Nós queremos mandar mais pessoal para lá e estes não vão querer ir, porque vocês vão falar mal. Está bem... Doutor, com essa sua decisão nós não falaremos mal, só bem. Ai exigimos nossos direitos e ele respondeu: quanto a isso receberão indenização na forma da lei. No departamento do pessoal nos informaram: Vocês vão receber dois dias de trabalho. Só trabalharam meio dia...* - Não, eu disse. No meu caso entrei em 14 de fevereiro de 1942 e saí 15 de Dezembro de 1943 - entrei novamente em 13 de janeiro de 1944 e fui demitido em 15 de janeiro de 1944. Eu tenho direito a dois anos mais aviso prévio e férias - total três meses e 15 dias de salário. Meu amigo e que foi colega na Companhia Aeronáutica, Armando Mazzo, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, do qual



eu era sócio e colaborador, aconselhou-me a não receber enquanto não chegasse ao total. O Armando falou com o advogado da firma e este disse que iria nos reintegrar à nossa função, no que concordamos.

Quem sabe no futuro voltaremos a Lagoa Santa, pois os mineiros são hospitaleiros.

Mas eu não pretendia esperar muito tempo para essa reintegração. Resolvi liquidar o assunto, e fui ao escritório na rua Marconi. Deram-me um salário e meio e disseram: - O senhor recebeu na forma da lei. Quando comuniquei ao presidente do sindicato, este me disse: - Você devia ter assinado com ressalva. Coisa que ele não me esclareceu antes. No ano de 1943 eu havia cursado Preparatório para 2º Grau no Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, rua Amazonas esquina com Baraldi. Professores: Loreto Ramos, Henrique, Antonieta, Manoel Cláudio Novaes e outros. No dia 1º de fevereiro de 1944 fui à rua Florencio de Abreu, 251, São Paulo, a conselho da Tecnologia Labor, para fazer o curso de Técnico Mecânico. Comecei a trabalhar na Indústria Cerâmica Americana S/A., em São Caetano, na Rua Conceição, 119, como Supervisor da Modelação para Refratários. Não fiquei muito tempo porque o cheiro das indústrias vizinhas provocava dor de cabeça. Depois fui para a Represagem e Armazenagem de Algodão S/A. Trabalhei como conferente.

Em fins de 1946, o japonês saiu e eu fiquei sozinho, tendo como auxiliar uma moça, Duryea Cófani, que era especialista em perspectiva de observação e desenho arquitetônico. Um dia o chefe, engenheiro Júlio, conhecido como *Alemão*, pediu-me que fosse até à oficina mecânica. Um torneiro mecânico não acertava com a sincronização do movimento do torno em relação ao avanço do carrinho onde trabalhava a ferramenta e a velocidade giratória do

torno. A questão era colocar as engrenagens nos lugares certos. Fiz os cálculos necessários e ele pôde fazer a rosca no eixo. Esse moço ficou a olhar-me com ar de quem quer perguntar algo, isso depois de me agradecer e dizer que ia procurar uma escola de tecnologia. *Só a prática às vezes não funciona, disse ele. Você trabalhou na Matarazzo?.* Sim, respondi. Nessa altura eu também o estava reconhecendo. É que tivemos uma briga às 22 horas na saída da fábrica e eu levei a pior... caí e desmaiei... quando acordei estava na Igreja Largo da Matriz Velha, Fundação. Duas madres me abanavam e diziam: *Meu Deus! O que fizeram a este rapaz?.* Em volta várias pessoas.

Aos poucos fui me refazendo e pude ir para casa. E ele disse: quando a gente tem 14 ou 15 anos faz coisas que jamais passariam pela cabeça de uma pessoa adulta. Gostaria que você me perdoasse, não queria te machucar nem magoar. Daí em diante, nos tornamos amigos. Eu tinha tanto serviço que aos sábados trabalhava até às 17 horas, enquanto as demais pessoas do escritório saíam às 12 horas. Aos domingos, trabalhava sozinho até às 17 horas, sem ganhar extra.

No dia 2 de janeiro de 1947 tive uma surpresa: modificaram a diretoria da empresa. No lugar de Martinho Prado Ulhoa ficou Nimayer, e ele demitiu a maioria dos assessores do antigo diretor.

Eu, que já contava com o diploma de Técnico Mecânico e alguns cursos para chefia no setor de projetos, levei um chute no traseiro. Jurei que nunca mais faria horas extras; só se me pedissem.

No dia 16 de janeiro de 1947 começava como desenhista projetista na General Motors do Brasil, depois de cinco anos fora. Apresentei-me assim ao chefe da Seção de Pessoal Evans: *Meu nome é Francisco Rodrigues e já*

trabalhei aqui. Comecei como conferente de Desenhos, fui especificador júnior/técnico/senior, coordenador da distribuição de listas de peças-notificações-desenhos e manual de instruções, no Departamento de Engenharia. Estudei inglês na União Cultural e Cultura Inglesa.

Em 5 de maio de 1951 casei-me com Bernardina Guinart, temos três filhos, todos casados, os mais velhos são formados em Administração e o caçula em Engenharia Civil. Temos cinco netos.

Um detalhe: trabalhei no primeiro *coach* produzido no Brasil. Na fabricação do primeiro ônibus do tipo *coach*, a GMB importou o motor e o chassi dos Estados Unidos e utilizou material nacional, principalmente chapas de Volta Redonda.

Em 16 de janeiro de 1972 na homenagem pelos 25 anos trabalhados na empresa recebi das mãos de J. F. Waters, diretor-presidente, o relógio de ouro. Em 21 de setembro de 1973, despedi-me da firma para me aposentar.

No dia 19 de agosto de 1982, apresentado por Jayme Cítero, meu concunhado, tornei-me sócio da Associação dos Aposentados Metalúrgicos de São Caetano do Sul, com sede à Travessa Comandante Salgado, 30. No período de 1º de agosto de 1991 a 31 de julho de 1994 cumpri o mandato de suplente-diretoria. Atualmente sou 1º secretário com mandato de três anos.

Minha esposa acha que me aposentei novo, 51 anos e três meses de idade, 38 anos trabalhados como empregado. Respondi na ocasião: *Aposentei-me para ficar mais tempo ao teu lado.* Ela não acreditou.

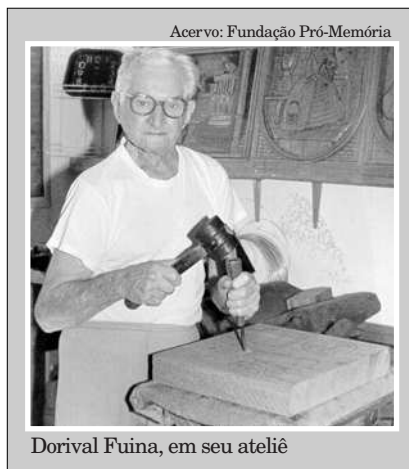
(*) *Francisco Rodrigues aposentado, ex-funcionário da General Motors do Brasil*

Dorival Fuina, um escultor herdeiro de tradição secular

Claudinei RUFINI(*)

No final do século passado muitos artistas europeus vieram tentar a sorte em São Paulo. Afinal, o cenário era propício para artistas e artesãos especializados, pois a riqueza gerada pela produção e exportação de café fazia a cidade crescer trazendo, também, novos hábitos de consumo. Tanto as tradicionais famílias *quatrocentonas* quanto os novos-ricos emergentes buscavam prestígio e poder no luxo e na ostentação. A partir dos últimos anos do século passado, a cidade de São Paulo experimentava um crescimento vertiginoso, fazendo desaparecer os sinais da velha cidade colonial. Eram abertas ruas e avenidas, construídos edifícios, praças e jardins públicos, dando à cidade uma aparência mais cosmopolita. A elite cafeeira erigia mansões suntuosas, e a construção civil ganhava uma forte e marcante influência italiana. A busca ou manutenção do prestígio estava presente até mesmo nos cemitérios, onde a elite endinheirada transformava os mausoléus familiares em verdadeiras obras de arte.

Foi nessa época, há pouco mais de 100 anos, que Giuseppe Fuina deixava Cremona com a esposa Giustina e o filho Faustino, com apenas um ano de idade. Na bagagem trazia formões, cinzéis e uma secular herança familiar, transmitida de geração para geração: a confecção e manipulação dos bonecos de madeira do teatro de marionetes. Fiquou-se em São Paulo, mas começou a percorrer o país com as marionetes, *i buratin* no dialeto cremonês, sendo um dos pioneiros na introdução dessa arte. Giuseppe era escultor e, com a grande procura pelos artistas, montou um ateliê



liê em Pinheiros, no final da Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, onde morava com a família, e ensinou ao neto Dorival, os segredos da arte familiar:

Nós morávamos no ateliê. Conforme meu avô ia trabalhar, eu o acompanhava. Eu nem queira mais ir à escola, queria aprender com ele. Eu tinha seis anos e ele viu, de fato, que eu tinha vontade de aprender; então, começou a me ensinar. Quando eu tinha entre 11 e 12 anos, antes dele falecer, matriculou-me numa escola de São Paulo, para aprender um pouco de Anatomia. Foi aí que eu aprendi a trazer a perfeição para o meu trabalho.

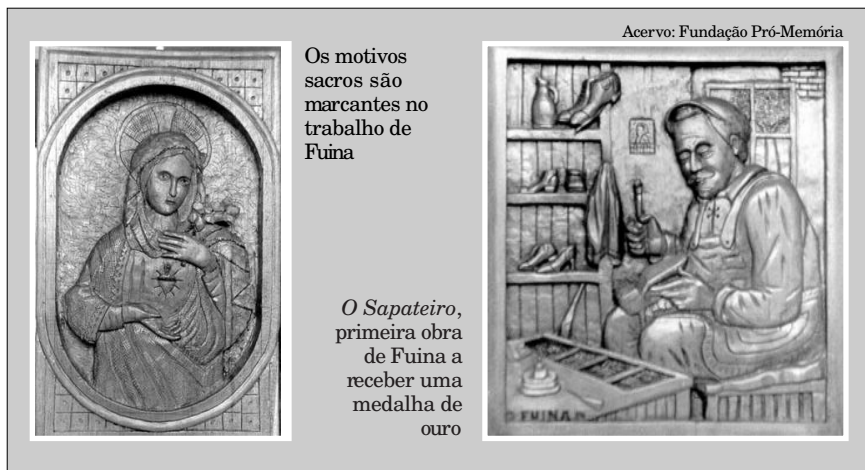
Até falecer, em 1932, Giuseppe Fuina produziu um sem-número de esculturas espalhadas, principalmente, pelos cemitérios São Paulo, Araçá e Consolação. Em 1934, Faustino mudou-se com a esposa Adelina e toda a família para São Caetano, onde começou a construir casas e galpões industriais. Apesar de não herdar o ofício do pai, Faustino o acompanhou na habilidade, observada nos detalhes cuidadosamente aplicados nas fachadas que construía. "Papai era um frentista de

mão-cheia", lembra Dorival. Instalada em uma casa na Rua Senador Vergueiro, a família logo incorporou-se à comunidade local.

MELHOR OFERTA – Dorival Fuina tinha 14 anos quando chegou a São Caetano. Nasceu em 29 de março de 1920, na Barra Funda, na Capital. Era um menino ainda, quando começou a trabalhar, pouco tempo depois de chegar à cidade. O aprendizado com o avô deu-lhe condições, desde cedo, de brigar por uma profissão. *Chegamos a São Caetano em 34, e não tinha serviço para escultor aqui. Quando completei 15 anos, entrei nas Indústrias Aliberti. Fui lá de calças-curtas e me apresentei como ferramenteiro; naquela época eles tratavam por mecânico. Fizeram gozação comigo: Vamos colocar um moleque aqui, no meio dos ferramenteiros velhos? Não é possível. Mandaram-me fazer um teste. Deram-me tantas horas para fazer um estampo. Quando terminei, tinha feito o serviço em um tempo menor do que o estipulado. Aí, me contrataram. Tinha 15 anos e ganhava o mesmo salário que recebiam os ferramenteiros mais velhos. Naquela época era tudo estampado à mão; eu fazia, por exemplo, bonequinhos, peixinhos, que era para estampar os botões na casca do coco. Trabalhei ali por quatro anos..*

Depois de deixar o primeiro emprego, Dorival conheceu o sabor da aventura. *Fiquei quatro anos como sertanista, como era chamado. Recebi um convite para ser corretor da Singer, e andava pelas fazendas do interior de São Paulo vendendo máquinas de costura.*

SÃO CAETANO – Dorival Fuina casou-se com Vanda Cavinatti, em Catanduva, no ano de 1942. Pouco tempo de-



Os motivos sacros são marcantes no trabalho de Fuina

O Sapateiro, primeira obra de Fuina a receber uma medalha de ouro

Acervo: Fundação Pró-Memória

pois, o casal partia para São Caetano, indo morar na Rua Aquidaban - numa casa que, anos depois, seria desapropriada para a construção do Viaduto Independência - e, depois, na Rua Luiz D'Agostini. Em São Caetano nasceram seus filhos, Clóvis (já falecido) e Cleide. Não foi difícil arrumar trabalho; afinal, a profissão de ferramenteiro era bastante valorizada. Por outro lado, era uma época em que não faltava emprego. *Eu ia trabalhar onde me pagavam mais. Certa ocasião, papai ficou doente e trabalhei como construtor. Eu conheço bem esse negócio de obra. Fiz isso também. A escultura ficava para as horas vagas e durante as férias, quando fazia uns quadros pra vender. A carreira, mesmo, só começou com a aposentadoria.*

Dorival Fuina realiza um trabalho raro: entalhe de quadros tridimensionais, em alto-relêvo, em pranchas de madeira. *Meu trabalho é difícil de explicar. São estátuas esculpidas dentro de um quadro, numa única peça de madeira. Esse tipo de trabalho, hoje, só eu e mais dois artistas fazemos aqui, no Estado de São Paulo. Havia um outro, mas ele faleceu, explica Fuina.*

Mesmo depois de aposentado, ainda demorou alguns anos para que a arte de Dorival Fuina fosse descoberta. A carreira de escultor começou em 1979. *Levaram uma obra para uma exposição na Cadeia Velha de Santos. Eu era*

um escultor desconhecido, e o pessoal da organização quis me conhecer. O capitão Quirino, que era o presidente da Associação Brasileira de Belas Artes, fez o convite para apresentar meu trabalho em outras exposições. Foi assim que fiquei conhecido, explica.

Apesar de prender-se a uma temática específica, a Arte Sacra predomina em seu trabalho e, através dela, veio o reconhecimento internacional: *Em São Caetano, fiz duas Vias Sacras, uma na igreja Santo Antônio, aqui no Jardim São Caetano, e outra na igreja Sagrado Coração de Jesus, no Bairro São José. Em janeiro de 98, foram duas obras minhas, grandes, para a Itália; duas Santas Ceias.*

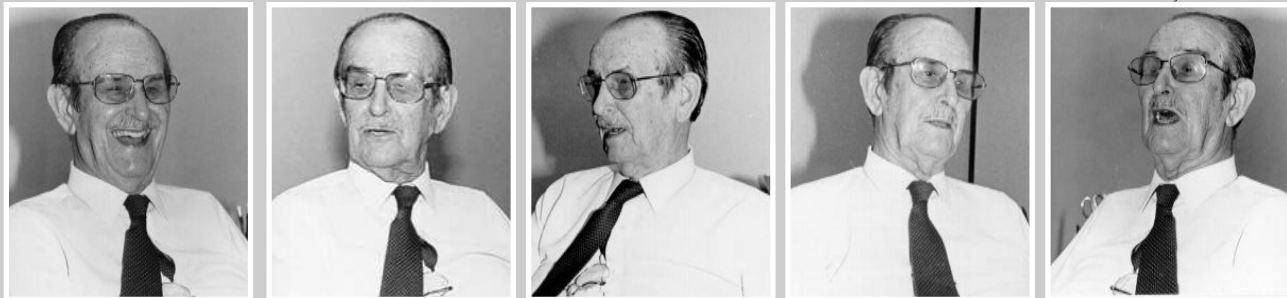
A participação em quase uma centena de exposições individuais e coletivas rendeu-lhe 25 medalhas e vários troféus, além de convites para palestras em faculdades, principalmente na Baixada Santista. Fuina tem obras espalhadas por todo o Brasil, e também nos Estados Unidos, Itália, Portugal, Espanha, França e Alemanha. Em São Caetano, participou de apenas uma exposição coletiva, em 1991, promovida pelas Sociedades Amigos dos Bairros Mauá, São José e Jardim São Caetano. Nesse mesmo ano, participou do projeto Cricriarte - Crianças Criando Arte - dando lições de escultura em argila nas salas de aula. *Querida ter feito mais em*

São Caetano, a cidade que me acolheu e onde eu vou morrer. Infelizmente, São Caetano nunca reconheceu o meu trabalho, apesar de ter mais de 500 obras vendidas aqui, lamenta.

Além dos prêmios, Fuina também recebeu várias homenagens pela totalidade da obra. Algumas marcaram-no mais. *Fui bastante homenageado na Praia Grande, pela obra que deixei lá. Fiz a Via Sacra na igreja do Boqueirão, e todos os ornamentos do altar. Depois, fui convidado para fazer uma escultura de Santa Bárbara, padroeira da Artilharia, para a Forte de Itaipu. Aí a Câmara Municipal prestou-me uma homenagem, recorda. Meu trabalho também foi bastante reconhecido em Santa Isabel. Certa vez, fui para lá com um amigo que tinha um sítio na cidade; a estrada estava muito ruim. Falei para irmos reclamar com o prefeito Simão, que ficou de arrumar a estrada no dia seguinte. De fato, logo de manhã, estava lá o trator; e fomos agradecer. Quando ele soube que era escultor, falou que ia cobrar pelo serviço, e pediu-me para esculpir uma Santa Isabel. Aceitei. Quando fui lá entregar o trabalho, foi uma festa. Depois, a Câmara Municipal homenageou-me com o título de cidadão e, do povo, recebi um troféu que guardo com muito carinho.*

Acometido pelo câncer, Fuina lutou contra a doença, mas acabou falecendo no dia 8 de março do corrente ano. A família não encontrou um herdeiro para sua tradição secular. *A arte é um dom de Deus. Eu tinha um irmão, Nelo, já falecido, que era um excelente artista plástico, mas era pintor. Depois, ninguém mais na família teve interesse na arte para eu passar os ensinamentos. Mas eu tenho um aluno que já está bem adiantado; mais algum tempo e ele vai se sair bem, dizia Fuina.*

(*) Claudinei Rufini é jornalista e secretário-executivo da Fundação Pró-Memória



Flagrantes durante depoimento de João De Conti na Fundação Pró-Memória, em janeiro de 1999

João De Conti: 44 anos no serviço cartorário

Kelly Cristina MAREGATTI(*)

(...) nós nos reunimos uma noite em Agudos, éramos em três e compramos uma cerveja; dinheiro para comprar não tinha. Então fomos a um bar que era o último da rua e chamávamos de bar último gole, porque depois daquele não tinha mais. Reunimo-nos porque o patrão chamou um só da equipe (...) decidiram que eu viria por duas razões: eles eram solteiros e eu era casado e tinha dois filhos. Eles disseram: você vai na frente e vai pegando o caminho e, quando nós chegarmos lá, você já está com o caminho desbravado. Só que eles não vieram. Um namorava uma moça de Botucatu, acabou casando, e o outro namorava uma outra moça, casou também, e aí nos separamos e nunca mais nos vimos (...)

Assim iniciou-se a vinda de João De Conti para o Município. De Conti foi um dos primeiros

funcionários do 1º Cartório de Registro de Imóveis de São Caetano do Sul, criado em 3 de abril de 1955, após ter sido criada a Comarca. Trabalhava como funcionário cartorário desde 1923, na cidade de Agudos, sua terra natal, onde completou os estudos até o 2º grau. Em São Caetano, iniciou as atividades como escrevente habilitado; alguns anos depois o cartório ficou sendo conhecido como cartório do De Conti.

Filho de italianos da região do Vêneto, nasceu em 24 de junho de 1915. Casou-se com Luzia Martins (Luza) em janeiro de 1941. Tiveram dois filhos, José Augusto De Conti e José Fernando De Conti, e quatro netos. Aos 83 anos, De Conti orgulha-se do local onde mora - *São Caetano hoje é minha cidade* - afirma ele, lembrando dos velhos tempos - *a cidade mudou tanto que não se pode descrever (...)* foi como se virasse uma página. Hoje o cartório está instalado num confortável e espaçoso prédio no centro da cidade. De Conti fala com muita satisfação de tudo que conseguiu até hoje e de seus filhos

que o acompanharam na carreira. Aposentado por tempo de serviço e rotariano veterano dispensado, continua firme com suas atividades no cartório e participando das reuniões do Rotary Clube.

A seguir trechos da entrevista realizada na Fundação Pró-Memória em janeiro de 1999.

Raízes - Quando o senhor chegou a São Caetano do Sul?

De Conti - *Vim para São Caetano em abril de 1955, importado para trabalhar no 1º Cartório de Registro de Imóveis, como escrevente habilitado. Naquele momento havia apenas uma vaga que poderia ser ocupada por um dos três funcionários do cartório de Agudos; as outras vagas surgiriam mais tarde, com o aumento de serviço.*

R - Como foi sua chegada a São Caetano?

DC - *Saí de Agudos de trem às 8h30 da manhã; cheguei a São Caetano às 18 horas. Tomei um táxi ao lado da estação e pedi que me levasse para um hotel. Ele pegou a avenida Goiás e foi embora; nunca chegava nesse hotel. Eu*

pensava: onde aquele motorista estava me levando? Finalmente, chegamos. Era em frente à General Motors. Lá disseram que não havia quarto, a maior parte deles era para os funcionários da General Motors. Acabei pousando durante uma semana em São Paulo.

R - O senhor veio com a família?

DC - *Não, vim sozinho, porque se não desse certo eu voltaria. Eu tinha esse receio de não acertar e ter de voltar e eu não queria cair no ridículo de voltar com a família, mesmo porque meus dois meninos estudavam e em abril eu não poderia tirá-los da escola; teria de esperar julho. Eu fiquei aqui de abril a julho, a mudança veio no dia 28 de julho e minha família chegou em 1º agosto.*

R - Quando sua família chegou o senhor já estava morando em São Caetano?

DC - *Eu não achava casa para morar. Foi preciso fazer uma promessa para Santo Antonio de Pádua, que é o padroeiro das coisas perdidas - você não vai acreditar - eu achei a casa no dia 13 de junho, uma casa nova, na rua Rio Grande do Sul. Ali morei durante um ano e meio. Depois mudei-me para a rua Roberto Simonsen por 13 anos, até que consegui fazer uma casinha para mim, que é onde moro até hoje. Essa é a odisséia de quem chegou aqui.*

R - O senhor teve muitas dificuldades no início?

DC - *Acredito que o sucesso é por causa disso (das dificuldades). Eu nunca tinha saído de casa para morar em outro lugar. Meus colegas de juventude diziam que voltaria. E teve uma ocasião que me deu vontade de ir embora, mas pensei: eu não vim aqui para voltar; vim para ficar. No começo era*

difícil, quando eu estava sozinho, durante o dia de trabalho ia bem, mas quando chegava domingo, eu ficava de pé ali no Cine Vitória, encostado no pilar, esperando a segunda-feira chegar, mas como demorava...

R - Então o senhor decidiu que viveria aqui?

DC - *Eu não tinha escolha. Lá em Agudos trabalhei em rádio como apresentador de programa, produtor, locutor. Enfim, fiz de tudo, mas não tinha muita oportunidade.*

R - O senhor nunca mais pensou em sair de São Caetano?

DC - *Acabei pegando amor pela cidade, tanto é que agora não tenho nenhum plano para sair daqui. São Caetano é muito diferente de antigamente. Por exemplo, existia um campo de futebol varzeano onde hoje está o antigo prédio da Prefeitura. São Caetano hoje é minha cidade.*

R - Como foi sua trajetória no 1º Cartório de Registro de Imóveis?

DC - *Atuei como escrevente durante três anos, passando a oficial-maior e, em junho de 1961, a serventuário, substituindo Múcio de Oliveira Costa. Hoje estou aposentado e desde agosto de 1988, quem está cuidando do cartório é meu filho José Fernando.*

R - O senhor continua trabalhando no cartório?

DC - *Estou aposentado e trabalhando o dia inteiro. Eu aprendi no interior com um senhor o seguinte ensinamento: “velho é como bicicleta, se parar cai”. Hoje exerço a função de assessor-técnico, auxiliando meu filho.*

R - Seus filhos sempre trabalharam com o senhor?

DC - *O José Fernando sempre trabalhou comigo. Começou entre-*

gando avisos de protesto; depois trabalhou como oficial-maior. O José Augusto também trabalhava comigo, até que houve um concurso de cartório no interior, e ele pegou um cartório para ele. Minha obrigação eu já fiz, coloquei os dois, e eles não abandonaram o que aprenderam comigo.

R - Por quanto tempo o cartório funcionou no mesmo local?

DC - *Por 36 anos ficou nas mesmas instalações, no terceiro andar do prédio do Cine Vitória, onde também estavam a Prefeitura, no primeiro e segundo andar, o Fórum, no terceiro andar e a Câmara Municipal no quarto andar.*

R - Como eram feitos os registros de imóveis antes da criação dos cartórios?

DC - *Até 1954 em São Paulo e, de 1954 a 1955, em Santo André.*

R - Como era a rotina do cartório e a cidade de antigamente, se comparados aos dias atuais?

DC - *Houve um progresso espantoso. No início tudo era escrito à mão, depois passou a ser datilografado e agora é tudo no computador. Hoje São Caetano não tem mais espaço para construir. Estão derrubando os prédios velhos para construir novos no lugar. Isso é o progresso natural das coisas, até porque os prédios velhos não suportam mais por duas razões: pela idade e pelos recursos que os engenheiros têm hoje, que são muito maiores que os de 30 anos atrás. Isso acontece aqui e em todo lugar.*

(*) Kelly Cristina Maregatti, Relações Públicas da Fundação Pró-Memória



Em 11 de novembro de 1968 foi inaugurado o prédio próprio do Colégio Comercial Professora Alcina Dantas Feijão, localizada na avenida Paraíso, 600, esquina com a rua Visconde de Inhaúma. Nessa época o prédio obrigava 1600 estudantes e era o primeiro e único Colégio Comercial de São Caetano do Sul



Prédio do CIM Professora Alcina Dantas Feijão inaugurado em 12 de agosto de 1976, como parte dos festejos do 99º aniversário de São Caetano do Sul. Foto de 1976

Colégio Alcina Dantas Feijão: 32 anos de atividades ininterruptas

Mariza Lima GONÇALVES(*)

Em abril de 1967 a imprensa divulgava que fora criado, através de um convênio entre Prefeitura e o governo do Estado, o Ginásio Comercial de Vila Santo Alberto, sendo instalado precariamente no Grupo Escolar de Vila Júlia (atual EEPG Professor Décio Machado Gaia), no horário das 17 às 22 horas, com aproximadamente 300 alunos. Em 1968, esse convênio acabou sendo rompido. Por intermédio de uma Comissão, formada por Oscar Garbelotto, Cláudio Musumeci, Rubens Lopes Figueiredo, Milton Feijão e Fábio Teixeira, criou-se uma autarquia, a Prefeitura assumiu a escola que acabou recebendo a denominação de Colégio Comercial Professora Alcina Dantas Feijão, numa homenagem à esposa do professor Milton Feijão, que havia sido professora na Escola 28 de Julho. A homenagem incluía indiretamente o Professor Feijão, um esportista e educador. A nova escola, além do curso básico, oferecia o Curso Técnico de Contabilidade e Secretariado.

CONTINUIDADE – O primeiro diretor, Fábio, ficou no cargo apenas um semestre, num período de implantação e adequação da escola aos objetivos para os quais havia sido criada. Em 1968, a administração Walter Braido entregava o prédio construído para o colégio, localizado na avenida Visconde de Inhaúma, esquina com avenida Paraíso (atualmente Colégio Eduardo Gomes). O professor Milton Feijão, sucedeu ao professor Fábio e deu ao colégio sua marca: festas envolvendo alunos e a comunidade, como o *Dia das Mães*. O convite era enviado pelos alunos às suas mães e publicado no jornal da cidade. No dia da festividade, cada aluno oferecia uma homenagem à sua mãe. Havia uma missa solene, o diretor, professor Milton Feijão, fazia um breve discurso e prosseguia ressaltando a mãe mais idosa; a mãe mais nova; a mãe com mais filhos; a mãe asilada; a mãe estudante; a mãe dos professores. Havia leitura de poesias, jograis, concursos de cartazes. Em uma outra ocasião a mãe falecida também recebia homenagem, o que era feito, em geral,

no Cemitério da Cerâmica, com presença de alunos, professores, mães e autoridades municipais.

Houve também a criação da Cooperativa Escolar, cujo objetivo era vender aos estudantes material escolar e livros mais baratos e, ao mesmo tempo, propiciar aos alunos do curso de Contabilidade a oportunidade de exercitar seus conhecimentos, através de seu gerenciamento. A tarefa ficou a cargo dos professores Miria Mei e Cyro Evangelysta da Rocha.

A criação da banda marcial também foi um ponto extremamente positivo. A presença do grupo era uma constante nos desfiles da cidade e bastante requisitada para abrilhantar solenidades, tanto no Município, como em outras cidades vizinhas. A banda ficou conhecida em todo o Estado e conquistou diversos prêmios. Em 1970, na Televisão Record, Canal 7, conquistou o Prêmio de Melhor Banda do Estado de São Paulo. Milton Feijão Filho a comandava inicialmente e posteriormente coube a Oswaldo Lourenço e seu assistente Júlio. Era comum tam-

bém, naquele tempo haver, exposições de trabalhos de alunos, abertas à visita pública: ciências, desenhos. Em todas as datas comemorativas sempre havia uma lembrança. Certa ocasião, aproximadamente 1972, pela passagem do dia do professor, o então prefeito Oswaldo Samuel Massei, compareceu ao Colégio, onde seria homenageado o professor Carmelo Crispino, diretor do Instituto de Ensino Coronel Bonifácio de Carvalho (atual EESG Coronel Bonifácio de Carvalho). Na ocasião o prefeito recebeu uma saudação feita por uma aluna e o título de *Patrono da Educação*: “*Agradeço sinceramente aos alunos esta homenagem que recebo e que ficará marcada eternamente em meu coração. Sei que meu cargo, como todos os cargos públicos é efêmero. Entretanto apenas um permanece para todo o sempre: é o de mestre. Esta homenagem que vocês prestam ao professor Carmelo lembra as que prestei aos meus professores. Nela reconheço os sacrifícios dos mestres, sua dedicação e o amor. Amor, dedicação que vocês retribuem desta maneira. Mas apesar de receber o título de Patrono da Educação, faço questão de dividi-lo com meu antecessor, o deputado Walter Braido. Ele nos proporcionou as condições necessárias para podermos dar aos alunos desta cidade os mais modernos estabelecimentos escolares. Apenas afirmo: isto não é tudo. Pretendemos dar mais. Pretendemos dar aos escolares o que merecem*”.

A história do Alcina está intimamente ligada à história da educação no município e à figura do professor Milton Feijão. Se havia solenidade em homenagem ao Dia da Pátria, o Professor Milton fazia parte, com certeza, da Comissão organizadora e a escola Professora Alcina Dantas Feijão era presença constante. Em 1970, os jornais noticiavam a chegada do *Fogo Simbólico* (que percorria todos os municípios

paulistas) a São Caetano, e a montagem do *Altar da Pátria* na Concha Acústica, na avenida Goiás. Nessa oportunidade o prefeito Massei compareceu, juntamente com diversas outras autoridades do município. O *Fogo Simbólico* permaneceu sob a guarda de estudantes e atiradores do Tiro de Guerra, que faziam revezamento, obedecendo a uma escolha previamente estabelecida pela comissão organizadora. Nesse ato o Colégio Comercial Professora Alcina Dantas Feijão, escalou 40 alunos que fizeram a guarda no dia 1º de setembro das 8 às 18 horas. O lema que norteava cidadãos naquele tempo era: *Ninguém segura o Brasil*, divulgado por todo o País pela imprensa e radioamadores.

As atividades esportivas também faziam com que colégio, Prefeitura e o professor Milton se unissem. Na semana da Pátria, por iniciativa do Tiju-cussu Clube e Prefeitura Municipal, era realizada a Olimpíada Colegial que nesse ano teve como campeão, o Colégio Alcina Dantas Feijão. Em 1971, o Colégio sagrou-se novamente campeão. E nas modalidades específicas ficou assim classificado: 1º lugar em Atletismo masculino B e Atletismo Feminino A e B; 2º lugar em Futebol de Salão, Handebol Masculino, Judô, Tênis de Mesa Feminino, Atletismo Masculino.

Com relação à banda marcial da escola, os jornais da época assim se manifestavam: “*Outro colégio que foi muito aplaudido foi o Colégio Comercial Alcina Dantas Feijão, cuja banda marcial foi um espetáculo à parte, contagiando com seu ritmo e sua melodia os presentes; ...executou diversos números, todos cantados pelo público.*”

Nesse mesmo ano o Colégio Comercial Professora Alcina Dantas Feijão participava da II Olimpíada Colegial do ABC, e acabou também se consagrando campeão, perfazendo 81 pontos, sendo vitorioso nas modalidades:

Atletismo Feminino A e B, Natação Feminino A e B e em Xadrez Feminino A, e vice em Tênis de Mesa Feminino e Masculino B e Xadrez Feminino B, Handebol Feminino B, Judô.

Em 27 de fevereiro de 1971, acontecia a formatura das primeiras turmas do Colégio Professora Alcina Dantas Feijão (ginásio e contabilidade) e programava para as 9 horas, missa solene na Matriz Sagrada Família, e às 20 horas colação de grau no Teatro Paulo Machado de Carvalho. Os paraninfos foram o professor José Roberto Favoretto para o curso Técnico e Oswaldo Samuel Massei, para o ginásio. O diretor era o professor Milton Feijão e o corpo docente era composto pelos seguintes professores: Ademar José Frederico, Antonio Cataruzzi, Alberto Edgar Ortigosa, Ariovaldo Pavani, Arlete Pavani, Arnaldo Luiz de Gaspari, Carlos Gerchtel, Célia Leoni, Cleide Feitosa, Cyro Evangelista da Rocha, Diógenes Galletti, Doris A. dos Santos França, Edwiges de L. C. Loureiro, Elza Candido Ramos, Frederico Reinaldo de Matos, Geraldo Florezi, Geraldo M. de Andrade, Gilberto de Andrade Martins, Ivanio Sergio Mantovani, Janete Linge, José Roberto Favoretto, Lais Pinto Martinelli de Sordi, Lourdes M. Favoretto, Maria Lidia Aparecida Scarpelli Garcez, Maria do Carmo Leal Correa, Maria Ines da Silva, Miria Mei, Matilde Maria Dantas Feijão, Marilena Kakumo, Marcos Rafael Grespan, Neyde Lopes de Souza, Norma Pinto de Oliveira, Rachel Delgado, Sergio de Toledo Machado, Terezinha Ferreira Silvério, Therezinha Elvira Joel Nelli Beluzzo, Zenilda Franco e Valdir Borges de Sales.

São Caetano do Sul foi pioneiro na reforma do ensino, ao aplicar no Colégio Comercial Professora Alcina Dantas Feijão, (o primeiro do Grande ABC) o processo de recuperação para os alunos com aproveitamento insuficiente. Em 1972, o Colégio Alcina ti-

nha em média 1500 alunos e embora o método de ensino fosse um dos mais eficientes, havia sempre aqueles alunos que, por motivos diversos, não conseguiam alcançar a média exigida. Com o processo de recuperação, o aluno frequentava as aulas nos meses de janeiro e fevereiro e, após o reforço, era submetido a um novo exame. Constatou-se nesse período que o aproveitamento dos alunos era de oitenta por cento. É nesse ano que o ensino passa a ser integrado, unindo primário e ginásio num único curso, com duração de oito anos e extinguindo o exame de admissão. Essa nova concepção educacional previa que até a quarta série o curso seria intensivo, com matérias de um mesmo núcleo ou de cultura geral, e a partir da quinta série essas matérias diminuiriam e aumentariam as aulas da parte técnica, que tinham como objetivo a definição de uma profissão. Ao atingir a oitava série, previa-se que o estudante teria condições de escolher a sua profissão. O diretor do Colégio Municipal Professora Alcina Dantas Feijão, professor Milton, dizia: *“Se o aluno deseja seguir a carreira de Técnico em Contabilidade, ele poderá continuar estudando aqui mesmo. Caso contrário, deverá procurar outro colégio. Mas a grande vantagem dessa reforma é que a partir da quinta série o aluno já recebe aulas práticas de escritório e noções de comércio, tendo condições para trabalhar e sustentar seus estudos de segundo grau, onde ele terá uma profissão definida.*

Em 1973, assumia a direção do Colégio Prof^a Alcina Dantas Feijão, o professor Shimizu Sizuma, dando continuidade ao trabalho brilhantemente desenvolvido pelo professor Feijão, como na questão de gerenciamento da cantina da escola por professores e alunos. Nesse ano, os alunos da banda marcial da escola desfilaram na Semana da Pátria com uniforme novo, sen-



do que a Prefeitura arcou com a confecção e o restante da importância necessária foi conseguida pela escola, através de lucro obtido pela cantina. O lucro também servia para cobrir algumas despesas emergenciais. Os professores Francisco Antonio Soetl, Maria Lidia Garcez colaboravam gratuitamente, e os alunos Fernando Mira, Eliana Aparecida Carion e Elizabeth Porto, faziam o serviço de atendimento e recebiam uma pequena gratificação, a título de incentivo. Segundo o diretor Shimizu Sizuma, em 15 anos de magistério, era a primeira vez que ele encontrava uma escola que funcionava com cantina administrada por professores e alunos.

Em 1976, a administração do prefeito Braido entregava um prédio novo para o Colégio Alcina (aqui já havia mudado de nome) na rua Capivari, nº 500, com 12 sala de aulas, quatro amplos laboratórios, quadra interna para atividades desportivas, dependências para a diretoria, secretaria, administração, arquivo, depósitos e demais setores ligados ao ensino da área profissionalizante. O prédio recebia 1400 alunos. Boa parte, já estudava no prédio anterior (avenida Paraíso, 600).

Nesse ano a imprensa, além da inauguração do novo prédio, registrava também a homenagem feita, pela escola e Prefeitura, ao aluno Adalmir Peu Silva, pela passagem do Dia do

Contador (25 de abril) como o melhor na área de Contabilidade. Registrava também que Maria Cristina Trentini, que havia concluído o curso de Contabilidade na escola, era eleita a Miss São Caetano 1976.

Em 1979 assumia a direção a professora Luzia Elcia Guanaes de Souza Sotello.

Um ano depois, o primeiro grau foi extinto e a escola passou a operar com cursos gratuitos de Assistente Administrativo, Técnico em Contabilidade e Técnico em Secretariado, recebendo o nome de Centro Interescolar Professora Alcina Dantas feijão.

Já em 1983, assumiu a direção a professora Sueli Aparecida Correia, por um período de aproximadamente três meses.

Em 1985, Ronaldo Schubert Souto assume a direção e em sua gestão houve a implantação do curso municipal de primeiro grau e o horário integral. O programa foi sendo adotado gradativamente. De início com um número reduzido de alunos, mas em 1986 foi ampliado o atendimento de alunos em período integral. Nessa época, o currículo da escola, além de englobar as mesmas disciplinas mantidas por outras instituições, mantinha reforço de Matemática e Língua Portuguesa, com espaço para essa finalidade, e espaços para recuperação e orientação de estudo, onde os alunos podiam estudar,

preparar trabalhos, e fazer tarefas. Em Educação Artística uma inovação: além da aula básica para todos, havia quatro cursos práticos e teóricos, o de Artes Plásticas, Música, Teatro e Dança, escolhido pelo próprio aluno, de acordo com seu interesse. Os alunos permaneciam no horário das 7h50 até às 17 horas, com cinco horas/aula pela manhã e quatro à tarde, excluindo o período para almoço e lanches. Na escola, os alunos tomavam café da manhã, almoçavam e lanchavam no final do dia. O número reduzido de alunos por sala também recebeu atenção, em média de 20 a 25 alunos. O recurso para esse projeto era proveniente da Prefeitura e o propósito de melhorar o nível de ensino pode ser sentido ao término do ano letivo com uma grande procura de vagas.

Em 1989, a professora Terezinha Dario Fiorotti assumiu a direção do Centro Interescolar Professora Alcina Dantas Feijão, sendo responsável por 2.890 alunos. Nesse ano foi criado um Centro de Processamento de Dados com 20 microcomputadores e cinco impressoras, utilizados por todos os cursos de 2º grau, sendo a primeira escola técnica a introduzir aulas de processamento de dados. A informática também teve papel importante na recuperação dos alunos de 1ª a 4ª série, por alunas do 4º ano de magistério, tendo resultados bastante motivadores.

A secretaria foi totalmente informatizada e estava previsto para os próximos meses, a extensão do benefício para a área de contabilidade, departamento pessoal e almoxarifado. Todo o *software* utilizado foi desenvolvido pelos próprios alunos. A banda marcial ficou a cargo do maestro Carlos Albero Fonseca, com 68 integrantes. A escola apresentava os cursos de 1ª a 8ª série e os técnicos em Administração, Magistério, Secretariado, Processamento de Dados e Contabilidade. O ingresso era feito através de exame de seleção.

Em 1991 voltava à direção o professor Shimizu Sizuma. É nessa segunda gestão que a Prefeitura cria mais uma unidade do CIM Alcina Dantas Feijão, localizada na Estrada das Lágrimas, onde funcionava a Escola Estadual Senador Roberto Simonsen. A criação foi possível graças a um acordo entre a Prefeitura e Secretaria de Educação do Estado. O Município encarregou-se das reformas no prédio, com 22 salas. (A suplência nesse tempo ficou a cargo também do município). O chamado Alcina II já funcionava na sede do Curso de Orientação Prático Industrial (COPI) e após a reforma do prédio novo, que estava bastante danificado em sua parte hidráulica, elétrica e pintura, ele pode ser entregue à comunidade.

Somando as duas unidades, o Município possibilitou que, aproximadamente, 5015 alunos recebessem ensino público de primeira qualidade e participassem de eventos, que se tornaram tradição na cidade, tais como a Festa da Rainha, os Jogos Escolares, o Torneio Municipal de Damas, a Festa Junina no Espaço Chico Mendes e o tradicional Baile de Formatura. Na área de criação de cursos, nesse período foram implantados os cursos e Técnico em Alimentos e Publicidade.

Em 1997, assume a direção o professor Pacífico Nagamassa, com o objetivo de dar continuidade ao processo de qualidade de ensino que permeou o Alcina Dantas, nestes 32 anos. O Alcina foi desmembrado e criada a Escola Municipal de Ensino Fundamental Ângelo Raphael Pellegrino, acolhendo 1750 alunos de 1ª a 8ª séries. Ao CIM Alcina Dantas Feijão, coube a tarefa de conduzir o ensino de 2850 alunos, divididos nos cursos de primeiro grau e os de Magistério, Publicidade, Alimentos, Administração, Contabilidade e Secretariado.

O Alcina já estava conectado à Internet desde 1993, sendo uma das pri-

meiras escolas brasileiras a conceder aos alunos acesso à rede de informações, mas nesta gestão a escola criou o projeto *Alcina Virtual*, numa visão futurista que prioriza a educação, e que tem como objetivo capacitar o estudante, professores e pais, através de uma dinâmica intranet-internet, o gerenciamento a distância. Esse projeto permite, ainda, ao aluno fazer pesquisas em todos os segmentos, como se fosse uma biblioteca virtual; participar de cursos a distância e de habilitar-se no uso desses modernos meios de comunicação e conhecimento.

A direção desenvolveu um estudo visando a ampliação da qualidade de ensino, através de análise da escola no que se refere à gestão pedagógica, aos professores, à estrutura física, aos cursos e aos alunos. De posse dessa análise, projetos foram e estão sendo desenvolvidos, como a implantação de um trabalho de conclusão de curso (monografia), visando criar, desenvolver o pensamento científico e a escrita de trabalhos dentro de normas e padrões elevados.

Dentro desse objetivo ainda está o número reduzido de alunos por sala; implantação de salas ambiente; criação do *Projeto Provão* (que permite uma avaliação conjunta de cursos, professores e alunos); implantação do Ensino Médio, como projeto interdisciplinar, com material de apoio todo apostilado e preparado por professores da escola; implantação de informática e telemática em todos os cursos; laboratórios de física, química e biologia; projeto de inteligência emocional; orientação vocacional; oficina de teatro, dança, coral e banda; biblioteca informatizada; reforço escolar.

(*) *Mariza Lima Gonçalves é poetisa, escritora, membro da Academia de Letras do Grande São Paulo professora de Português e Literatura*

Centro de São Caetano na década de 1940

Narciso FERRARI(*)

Trago dentro do meu coração a turbulência, o êxtase; sensações próprias dos dias que antecediam os domingos dos anos 40 no centro de São Caetano.

Naquela época, a ansiedade provocada pela expectativa dos programas dominicais, especialmente os vespertinos e noturnos, tomavam as pessoas a partir das sextas-feiras. Aos sábados, vésperas dos acontecimentos, os jovens se preparavam com rituais individuais que objetivavam o mesmo fim; os homens engraxavam os sapatos na engraxataria do Vitor Astolfi, escovavam suas roupas que haviam sido expostas ao sol durante boa parte do dia e passavam pela barbearia do Nelson Bonito ou Dionízio Campazzi - conhecido como Loiro, as mulheres por sua vez, arrumavam cuidadosamente seus trajes, suas unhas e seus cabelos. À tarde, como o comércio ficava aberto até às 18 horas; alguns iam fazer compras para completar o vestuário, outros simplesmente iam apreciar as vitrines das principais lojas, ocasiões em que era comum entreterem-se com as exposições de patinação do Marino Morelato em plena calçada.

Quando finalmente chegava a tarde do domingo, o movimento se intensificava, as calçadas ficavam lotadas de jovens, as lojas deixavam suas vitrines expostas, os bares com seus *habitués* e o Cine Max, principal atrativo da cidade, apresentava disputadas sessões às 18h30 e às 21 horas.

Por volta das 19 horas, iniciava-se o passeio pela estação ferroviária, os moços ficavam postados em frente às



Vista de São Caetano em foto de 1948, tirada da janela do Edifício Fortaleza, da rua Santa Catarina com João Pessoa, com destaque para o prédio do Cine Max, à direita

lojas ou bares ouvindo músicas amplificadas por um alto-falante estrategicamente colocado em cima do Bar Chopp, enquanto as moças passeavam pelas calçadas, todos elegantemente trajados, lembrando um desfile de modas, num vai e vem contínuo que se iniciava na avenida Conde Francisco Matarazzo indo até as porteiras da antiga SPR; algumas moças atravessavam as porteiras e iam até a loja de calçados do Olindo Quaglia que se localizava na parte de baixo da avenida Conde Francisco Matarazzo e outras iam até a sede do São Caetano Esporte Clube, na rua Perrella, com o propósito de ouvir o som da orquestra Batista com seu *crooner* Rancho.

O domingo se esvaziava em torno das 22 horas. Muitos namoros, noivados e casamentos nasceram de encontros daqueles programas dos domingos, pois as diversões dos adolescentes, sem o advento da televisão, eram os cinemas, os bailes e o *footing*. Vinham jovens das vilas adjacentes co-

mo Vila Alpina, Vila Bela e Vila Califórnia. Hoje, aquele desassossego, aquela turbulência, aquele êxtase, às vezes afloram em forma de saudade. Os domingos talvez ainda tenham o mesmo significado social e religioso, talvez qualitativamente ainda permitam encontros similares aos jovens, talvez até causem alguma ansiedade nas vésperas, porém, não têm e nem tornarão a ter, a ingenuidade e o romantismo que tinham na década de 40 no centro de São Caetano, a aproximadamente 3.200 domingos atrás.

O Bar Chopp, de propriedade de Agripino Perdigão, anteriormente Casa de Ferragens Pereira & Bertine Ltda., situava-se em frente ao Cine Max na esquina da avenida Conde Francisco Matarazzo com a rua João Pessoa e nos dias úteis, durante o dia, era freqüentado por homens de negócios como Fernandes Krunfly e seu irmão Alfredo (corretores de imóveis), José Pelhon (projetos), João Lovato (vendedor de lenha), Medardo



1949: Vista panorâmica de São Caetano, tirada do alto do edifício *A Fortaleza* na esquina da rua Santa Catarina com João Pessoa

Cappeli (corretor de imóveis), Júlio Gardezani (construtor de pequenas estruturas), José Garcia Lopes (pintor de prédios), Severino Del Cid (plantas e projetos), Luiz Giorgette (corretor de imóveis) baterista da orquestra do Batista, que ali se encontravam para tratarem assuntos comerciais ou profissionais. No Bar do Moraes os assíduos frequentadores eram o Victorio Marcucci (transportes); Felício Ricci (construtor); Dictino Laranjeira (oficial de Cartório); Francisco Vicario Moreno (funcionário Municipal); Nicola (vendia casemiras). Já à noite, além dos clientes comuns, normalmente encontravam-se ali reunidos, os dançarinos frequentadores dos bailes do SCEC ou Clube Comercial.

Do outro lado da rua, também esquina da avenida Conde Francisco Matarazzo com a rua João Pessoa o Bar São Caetano, de propriedade do Luiz, era o ponto de encontro dos políticos que debatiam além de política, a Autonomia de São Caetano, pois a maioria dos partidos políticos mantinha suas sedes no Centro. O Bar São Caetano, em homenagem à autonomia da cidade, mudou sua denominação para Bar dos Autonomistas.

As lojas principais ficavam todas no Centro e pela avenida Conde

Francisco Matarazzo, começando da rua Manoel Coelho, localizavam-se na seguinte seqüência: a loja de Henrique Lorenzini; a padaria Central, do primo Morelato; o açougue de Frugoli Lorenzini; a Capela de Santo Onofre; a Loja de Ferragens de Concceto Constantino; o Bar dos Moraes; a alfaiataria de Antonio Teggão; a farmácia São Paulo do Francisco Grecco Neto; a loja Maristela de Alípio da Cruz, o Cartório de Registro Civil, o Bar Chopp e a bomba de gasolina dos irmãos Campanella e o Bar São Caetano - dos Autonomistas, seguindo, a loja do Rafael Luis, as ferragens do Artur Zago, a Casa Branca de Frios, a Casa Carioca, a Casa Weigand, a barbearia de Nelson Bonito e a lotérica de Genarino e por último o bar Santos.

Do outro lado da rua, na mesma seqüência situavam-se: o externato Santo Antônio, a residência de Augusto Parente, a ótica do Kurtz, o instituto de beleza da Farina, a loja do Mussi, a casa de discos de Moisés Timmerman, a farmácia Drogatem, o Cine Max, a relojoaria de Sidney Michale, o Bar do Bem-te-vi, as Casas Pernambucanas, a Farmácia Paolone, Loja de Tecidos de Dona Etelvina, a Casa de Calçados de Idalino Moretti,

o Bar do Teixeira, o Bar de Antonio Giampietro, a Pastelaria da China e finalmente o ponto de reunião da elite sancaetanense, a Padaria e Confeitaria Trianon. À noite os habituês do centro eram o Mário Buonocore (protético); Embriane Paolone; Henrique Pogeti; o Chamberlein; Américo Maranhão; Américo Perrella e outros.

O centro bancário era situado neste trecho, que era composto dos bancos: Mercantil, São Paulo - o primeiro banco da cidade - Artur Scatena e Popular. Outros estabelecimentos frequentados pelos jovens era a Pizzaria e Sorveteria Iara do José Teixeira, o Xaveco; a Pensão Italiana do Daniel Arelano, o Bar Sinhazinha do Armando Orlando e o Bico Fino.

Existia também uma concorrência entre os motoristas de táxi afim de proporcionar aos noivos um carro enfeitado para o casamento, entre eles o Angelo Riera; João G. Traxel - o *Willi*; Nelo Barbiero; Jesus; Domingos Martinez; Previato - o *Fubá*; Orlando Fiorotti; Angelo Pol; Bartolo Gimenez Romero; Domingos Cairo; Ferdinando Perrella; e outros.

A maior banca de jornais e revistas ficava quase junto às porteiras, pertencia à família Gastaldo, posteriormente Cesário Milliani.

Já dentro da Estação da SPR, havia uma bica d'água denominada *Fonte Monte Alegre*; o bar era explorado pelo Avelino, sempre de gravata borboleta. Era de se notar que os frequentadores do centro acertavam seus relógios com os horários dos trens, tal era a pontualidade.

Na parte superior do Cine Max, funcionava o escritório do Daniel Giardulo; dr. José Resende; posto fiscal e o foto do Valdemar Fâmula.

(*) *Narciso Ferrari, contador, ex-presidente do São Caetano Esporte Clube*

Dionizio Campazi, o Loiro barbeiro, completou 57 anos de trabalho

Desde os idos 1941, até fevereiro de 1998, Dionizio Campazi, conhecido como *Loiro barbeiro*, trabalhou em São Caetano em seis salões diferentes, em três como empregado e em três como proprietário, numa longa trajetória profissional, o que lhe possibilitou testemunhar as mudanças urbanas, políticas e econômicas, ocorridas desde a época em que São Caetano era distrito do município de Santo André até os dias de hoje, quando a cidade ostenta índices econômicos invejáveis, comparáveis aos pólos mais desenvolvidos do mundo. Hoje, aos 80 anos, aposentado, esbanjando alegria e jovialidade, este jovem senhor, dono de uma memória privilegiada recorda com saudade de todos os seus locais de trabalho, os vizinhos, os fregueses, os amigos, traçando um panorama social de São Caetano que vale como documento histórico pela riqueza de detalhes, como a lembrança musical da época, o comportamento da juventude, os modelos de roupas, e principalmente a evolução no corte dos cabelos, o que não obstruiu a vida profissional do *Loiro*, considerado um dos melhores barbeiros que a cidade já teve, e ainda ostentando uma característica, elogiada por seus amigos: *O Loiro foi o único barbeiro de São Caetano que não se transformou em cabeleireiro*, ou seja continuou até fevereiro de 1998, manipulando apenas a tesoura e a navalha, em seu último local de trabalho na Barbearia Loiro e Luiz da rua João Pessoa, nº 204, onde agora apenas o sócio Luiz Munhoz Martins, dá continuidade a esta tradição, iniciada no ano de 1941.

Dionizio Campazi, o *Loiro*, nasceu em Rincão, Comarca de Araraquara,



Prédio da A Fortaleza na esquina da rua Santa Catarina com João Pessoa, em 1952. Neste prédio funcionava o salão do *Loiro-barbeiro* de 1948 a 1966

interior de São Paulo em 4 de outubro de 1918, e foi batizado em São Caetano no Natal de 1919, na igreja do Bairro da Fundação, pelo padre José Pellanda. Naquela época o bairro chamava-se Barra Funda, e São Caetano ainda não era paróquia. Esse batismo em São Caetano deu-se por ocasião de uma visita aos parentes que moravam aqui, tendo a família retornado à Rincão logo após o batismo. Sua infância foi toda vivida no interior, onde sua infância saudável era partilhada de rios com águas límpidas, muita mata, caça com arapucas, onde se prendiam os nhambús, preás, jacus, etc. *Loiro* lembra ainda as brincadeiras como rodar pião, bolinha de gude, empinar papagaios, montar em bode, imitar o Tarzã pulando de árvore em árvore.

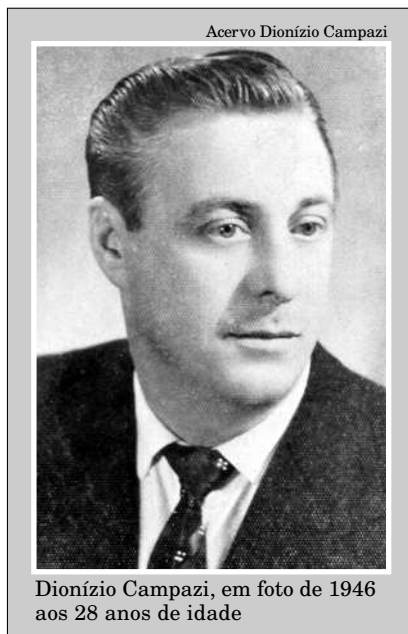
HISTÓRIA – *Cheguei em São Caetano em 1941. Comecei na profissão aos 16 anos, lá em Rincão, depois de concluído o curso primário. Sou de uma família de imigrantes, meu pai italiano, do Veneto, e minha mãe e avós maternos,*

austríacos, da região do Tirol. Éramos em sete irmãos, quatro mulheres e três homens, sendo eu o mais velho dos homens. A decisão de vir para São Caetano foi minha, meus pais e irmãos continuaram em Rincão e eu cheguei aqui com dezenove anos. Nesse tempo, em Rincão, trabalhei em uma torrefação de café e iniciei na profissão de barbeiro com dezesseis anos, lavando a saboneteira, limpando o salão; a maior parte da freguesia vinha dos sítios da redondeza, chegando a cavalo, carroças, inclusive aos domingos; quando o salão estava fechado eu improvisava a barbearia de baixo de uma mangueira e cortava o cabelo do pessoal em troca de uma dúzia de ovos, frangos, de um leitão, etc. Nessa época de 1934 a 1939, a crise rural era muito forte, era o tempo de Getúlio Vargas e queimava-se muito café para aumentar o preço e baixar o estoque, e como lá tinha muitos armazéns, empregava-se muitos forasteiros e foi com eles que também aprendi a tocar violão e ganhar uns trocados para ajudar minha família. Foi nessa época que resolvi vir para São Caetano morar com a minha irmã e iniciar na profissão de barbeiro.

PRIMEIRO SALÃO (fevereiro de 1941 à abril de 1942) – *Em fevereiro de 1941, fui trabalhar como empregado no salão de Walter Figueira, na avenida Conde Francisco Matarazzo. Estranhei muito porque o salão de barbeiro no interior era mais simples, com aquela cadeirinhas, encosto reto, e material de trabalho mais simples. Aqui havia necessidade de aparar barbas e bigodes, enquanto em Rincão, apenas um freguês aparava a barba, justamente o escrivão do Car-*

tório de Paz, os outros faziam corte comum com aquelas antigas máquinas manuais, das quais se diziam "cortavam dois fios, e arrancava um" para desespero dos fregueses. No salão do Figueira, além dele, trabalhavam eu e mais dois amigos, o Paulo e o Antenor, ambos falecidos.

Este salão estava localizado onde hoje está a Casas Pernambucanas. Dessa época eu lembro que na rua Manoel Coelho funcionava o Colégio Santo Antonio, das madres da ordem das Irmãs da Providência, encostada à galeria de passagem entre essas duas ruas; a seguir vinha o Venâncio Sapateiro, apelidado Remendão, o relojoeiro Stanislaw, a alfaiataria do Paladino, e também a alfaiataria do Armando Barile, a casa de Móveis de Arthur Zimerman, cuja galeria leva o seu nome. Do outro lado da rua, na esquina com a rua João Pessoa, onde hoje tem o prédio incendiado, existia a loja de tecidos de José dos Santos, cunhado de Guilherme Dias, dono do prédio, depois a farmácia São Paulo de Antoninho, cunhado do Caetano do Cartório, depois vinha pela ordem o alfaiate Tino Tegão, o bar do Flores, e em cima, no andar superior, o Cartório de Paz de Tônico Flaquer, onde trabalhava Otávio Tegão, como escriturário; logo em seguida tinha o escritório de contabilidade de José Giardullo; o bar do Maia, logo vendido ao Bechara, pai do David Bechara, ainda adolescente; a seguir tinha a Capelinha de Santo Onofre, o açougue da Frugulli Lorenzini, depois a Padaria dos Morelato, a cantina do Remo Daniel, irmão do dr. Rafael Daniel; logo em seguida o primeiro banco instalado em São Caetano, o Banco Auxiliar de São Paulo, depois Banespa. Na esquina com a rua Manoel Coelho, o Armazém de Secos e Molhados de Elizeu Lorenzini. A maioria desses comerciantes era freguês do salão frequentando-o assiduamente. Nessa

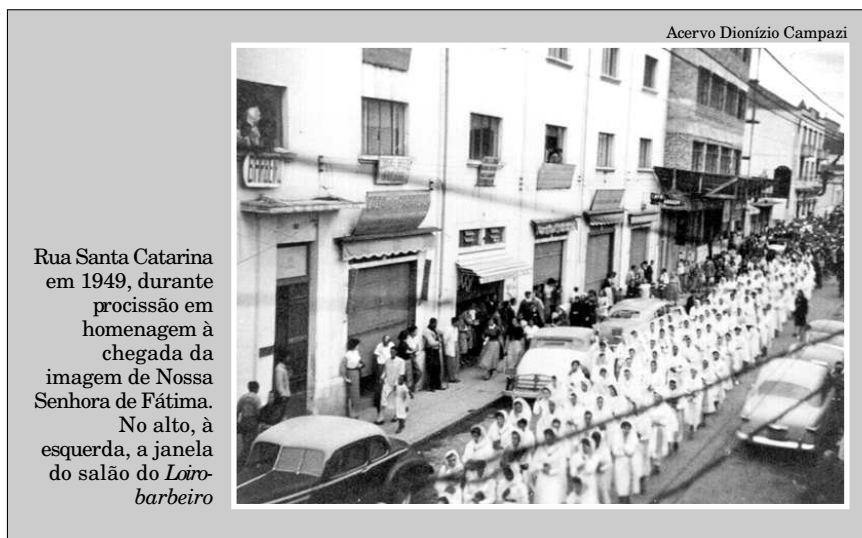


Dionízio Campazi, em foto de 1946 aos 28 anos de idade

época recebia apenas o salário mínimo. Depois de dois meses de trabalho comecei a receber por porcentagem. Logo às 7 horas da manhã já haviam filas, pois a maior parte dos fregueses fazia a barba apenas uma vez por semana. Nessa época discutia-se muito futebol nos salões de barbeiro, pois a política nessa época do Getúlio Vargas era quase um assunto proibido.

SEGUNDO SALÃO (abril de 1942 à outubro de 1943) – O segundo salão em que trabalhei, também como em-

pregado, situava-se na avenida Conde Francisco Matarazzo, esquina com a rua Heloiza Pamplona. Naquela época dizia-se pra baixo das porteiros ou seja era aquela área além da passagem de nível da estrada de ferro localizada em direção ao rio Tamanduaté. O salão era propriedade de José Anunciato. Nesse local eu me lembro das lojas comerciais vizinhas ao salão. No sentido à direita, subindo da avenida Conde Francisco Matarazzo para a estação ferroviária, existia a farmácia do Cavaline, que atendia a domicílio, depois a quitanda de Hugo Scalzarretto; a pastelaria de Armando Orlando, que foi dono de outros restaurantes em São Caetano, entre eles, o Sinhazinha, da rua Santa Catarina, o Bico-Fino, da rua Manoel Coelho, e recentemente, o restaurante Dom Armando, da rua Espírito Santo, logo em seguida, a casa dos irmãos Quaglia - Duílio e Olindo - especializada em artigos para homens como bengalas, chapéus, camisas, meias, sapatos, e na esquina da rua Perrella, a pensão do Leitão. Do outro lado da rua, à esquerda de quem sobe a rua Conde Francisco Matarazzo, partindo da rua Heloiza Pamplona, existia o bar do Agripino, cunhado do Adelino Nogueira, o Nene Ferramentas, hoje na



Rua Santa Catarina em 1949, durante procissão em homenagem à chegada da imagem de Nossa Senhora de Fátima. No alto, à esquerda, a janela do salão do Loiro-barbeiro

rua Amazonas, depois a alfaiataria do Marcon; no andar superior desse sobrado o dentista João (?), que veio a ser sogro do dr. Carlos Paez; depois tinha a casa do Malavazzi, antigo morador em São Caetano e por fim, na esquina com a rua Perrella, o armazém dos irmãos Lorenzini.

A freguesia desse salão era formada por estes comerciantes e pelo povo da Vila Alpina e California, que fazia deste trecho de rua, o caminho de acesso à Estação Ferroviária.

TERCEIRO SALÃO (outubro de 1943 a novembro de 1946) – Voltei novamente para cima das porteiças, na esquina das ruas Conde Francisco Matarazzo com a rua João Pessoa. Ainda como empregado de Pietro Sapupo, um italiano com bastante conhecimentos filosóficos, e que tinha contato com fregueses de diversas nacionalidades. Esse salão ficava onde hoje é praticamente a fachada das Casas Bahia. Nesse salão eu já alugava uma cadeira, pois já tinha freguesia na cidade, o suficiente para pagar o aluguel do salão e me manter financeiramente. Havia mais dois empregados que assim que cheguei, abandonaram o salão e foram montar um negócio próprio. A maior parte da freguesia era italiana, mas eu lembro muito de Raphael Luiz, dono das lojas Raphael, a mais sofisticada da época, o Antonio Mello, do bazar Carioca, o próprio Anacleto Campanella, que na época era empregado no bazar Ao Carioca, Benedito Pavani, até hoje com papelaria na rua Rio Grande do Sul. Nas redondezas desse salão lembro-me muito bem dos estabelecimentos comerciais que existiam na avenida Conde Francisco Matarazzo em direção à rua Manoel Coelho, lado direito: começava pela padaria e confeitaria Trianon de Almeida; em cima da padaria, o bar do Teixeira, e a pensão de Giampietro, pai do vereador e autonomista Oswaldo Giampietro, recentemente falecido;



depois o Bar Americano, com seis mesas de snooker; depois a farmácia do dr. José Paolone, as Casas Pernambucanas, a loja de tecidos de Andrade, o bar do Bem-te-vi, e a loja Mafir, a sapataria do Perrella. Do outro lado da rua, ou seja partindo da estação em direção à rua Manoel Coelho, lado esquerdo, começava com a banca dos jornais, onde também era vendida água potável, canalizada diretamente da fonte, na rua dr. Augusto de Toledo esquina com a rua Rio de Janeiro; depois o Bar Santos, que pertencia ao pai do professor Nelson Perdigão; depois o salão Cinco Folhas, e na esquina da rua Serafim Constantino, a Casa Weigand de material de construção. Do outro lado da rua, começava com o bazar Ao Carioca, de Antonio de Mello, no segundo andar do sobrado, a sede da União Operária Internacional, depois a loja de tecidos de Raphael Luiz, e na esquina da rua João Pessoa, o bar do Silva.

QUARTO SALÃO (novembro de 1946 a abril de 1948) – Nesse salão comecei a trabalhar como proprietário. Localizava-se na rua João Pessoa onde hoje está o Banco HSBC (antigo Bamerindus). Meu sócio nessa época era

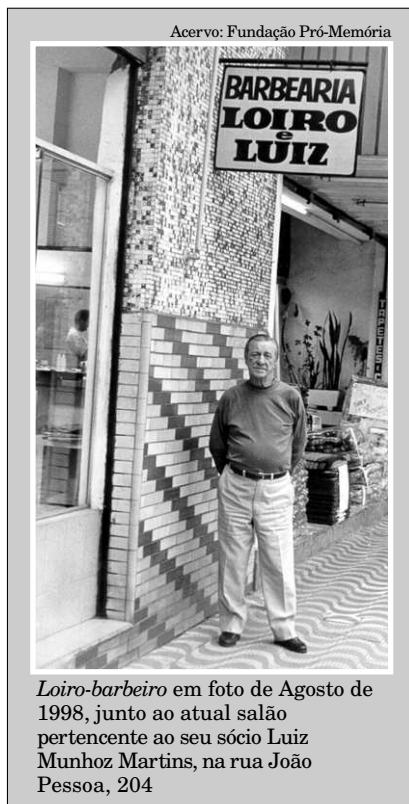
o Jarbas de Barros Correia. Ao lado do salão havia a relojoaria do Maranhão e a loja de consertos de máquinas de escrever de João Heger, ao lado, a charutaria Ao Pacheco e a entrada da marcenaria da família Scartozoni. Do outro lado da rua, a partir da avenida Conde Francisco Matarazzo, o Bar Chopps, aberto a noite inteira, de propriedade do sr. Antonio Moreira; depois a torrefação de café do Mussumeci, a bicicletaria do Nelo, a pensão Italiana, e logo após o prédio onde funcionou a primeira Câmara Municipal de São Caetano do Sul, na rua João Pessoa, nº 120.

QUINTO SALÃO (abril de 1948 a maio de 1966) – Instalado na rua Santa Catarina, nº 25, o último andar do prédio A Fortaleza, nas dependências do Clube Jaraguá. Nesse clube tinha dois grandes salões separados pela lanchonete. A barbearia funcionava no salão nº 1, onde havia cinco mesas de snooker, mesas de jogos de dominó, damas e xadrez. O salão nº 2 era reservado para festas e bailes. O clube Jaraguá era propriedade particular e a parte social era dirigida pelos diretores do Clube Comercial, então desativado, até sua transferência para o

recém-construído edifício Vitória em 1953. Com a transferência do clube passei a ocupar a sala nº 4 do primeiro andar. Os meus vizinhos do salão no mesmo prédio, eram a alfaiataria do Chico e a do Lucas Mancine, o primeiro a cobrar as confecções em prestações de 10 meses. Na frente do salão, reuniram-se os fundadores do Hospital Beneficência Portuguesa, entre eles: Julio de Melo, Manoel Ribeiro, Alfredo Rodrigues, Olimpio Scalzaneto, Verino Ferrari e outros. As demais salas eram ocupadas pelos advogados que cuidavam do serviço jurídico do SESI e da prefeitura de São Caetano do Sul, coordenados pelo doutor Plínio de Assis. Foi como proprietário desse salão que fui um dos primeiros inscritos como contribuinte a pagar impostos para o primeiro governo municipal, após a Autonomia

SEXTO SALÃO (de 1966 a fevereiro de 1998) – Abri o salão situado na rua João Pessoa, nº 204, sendo o meu primeiro sócio Elias João dos Santos e posteriormente, Luiz Munhoz Martins, com o qual trabalhei até a minha aposentadoria.

Em 57 anos de trabalho foram meus clientes os ex-prefeitos: Anacleto Campanella, Walter Braído e Raimundo da Cunha Leite, além dos vereadores que representavam São Caetano na Câmara Municipal de Santo André,



Loiro-barbeiro em foto de Agosto de 1998, junto ao atual salão pertencente ao seu sócio Luiz Munhoz Martins, na rua João Pessoa, 204

em 1948: Geraldo Benincasa e Lauro Garcia. Tenho de cabeça, uma pequena relação de fregueses, que se tornaram meus amigos e fizeram com que considerasse a cidade de São Caetano como a minha própria terra natal. Foram eles: Júlio de Melo, Lauriston Garcia, Daniel Rafael, Fábio Ventura, Oswaldo Martins Salgado, Nilo Ribeiro de Figueiredo, Anacleto Pires, Ja-

cob João Lorenzini, Concetto Constantino, João Cambaúva, Geraldo Cambaúva, Luiz Emiliani, Oswaldo Giampietro, Antonio Moreiro, Rubens Darré, Arthur Zago, Ubiratan Figueiredo, Orlando de Souza, Victorio Marucci e Nestor Borges.

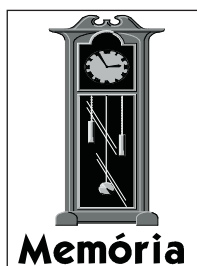
Fora da política, foram inúmeros os meus fregueses, em todas as áreas de atividades. Gostaria de citar alguns, pedindo desculpas, caso tenha esquecido alguns nomes: Fernando Pizza, delegado; Professor José Bonifácio Fernandes, diretor do grupo Escolar Senador Flaquer; pai do economista Sylvio Fernandes, e avô do médico urologista Silvio Fernandes Neto; Avelino Poli, chefe da estação ferroviária; Geraldo Plates, executivo da Cerâmica São Caetano, Plínio Loureiro, dono da Louças Adelinas; Nicolau Dêlic, empresário e político; Antonio Russo, advogado, Giro Striani, advogado; Samuel Klein, dono das Casas Bahia; Verino Ferrari, professor e economista, diretor do Colégio Sagrada Família; Vicente Bastos, professor fundador da Instituto de Ensino de São Caetano do Sul; Celso Marchesan, acionista de Banco de São Caetano do Sul; Lázaro Imperato, presidente da Acascs; Horácio Pires, ex-gerente do Banco Real do Progresso; dr. Adib João Kirch; José Leone; Herminio Lorenzini; Pompeu Andreucci; Salvador Campanella; Ildefonso Veronezi; Edson Scartozoni; Adelino Nogueira; Vitório Dal'Mas; Irineu Cavassani; Henry Veronesi; Ernesto Costa; Adilson Scartezani, Mateus Constantino; Walter Tomé; Mário Porfírio Rodrigues; Ricardo Falchero; Padre Ezio Gislimberti; Padre Alexandre Grigoli; Nicola Perrella; Armando Lopes, Joseph Fuchs; Daniel Giardullo; Benedito de Moura Branco; Alécio Strabelli; Luiz Bendazolli e Domenico Hipolito.

(Depoimento gravado na Fundação Pró-Memória, em 6 de agosto de 1998)



Dionízio Campazi, o Loiro, durante depoimento na Fundação Pró-Memória, em 6 de Agosto de 1998

Professor Vicente Bastos: uma vida a serviço da educação



Yolanda
ASCENCIO(*)

Vicente Bastos nasceu em Alagoinhas, Estado da Bahia, no dia 5 de abril de

1917, filho de Francisco José Bastos e Flaviana Pereira Bastos. Fez o Curso Primário na Escola Primária do Professor Mário Laerte, em Alagoinhas. Dos 12 aos 16 anos de idade, trabalhou como comerciário, em sua cidade natal. Ao completar 17 anos, sob a tutela de um tio, veio para São Paulo, mais precisamente, para a cidade de São Carlos. Nesse município, Vicente fez o Curso Ginásial e o Curso de Formação para Professor Primário e Secundário, na Escola Álvaro Guião de São Carlos.

Com seu colega de turma, Ariovaldo Amorim, fundou o Ateneu São Carlos. Já nesse tempo, o jovem Vicente contribuía, com trabalhos esparsos, para o *Jornal Vida Estudantil*, *Folha de São Carlos*, *Revista*



Professor Vicente Bastos

Excelsior de São Carlos, Jornal de São Carlos.

Em 1940, o professor Vicente Bastos veio para a Capital de São Paulo, onde trabalhou, inicialmente, na redação do *Jornal Paulistano* (hoje extinto).

Cursou o primeiro ano do Curso Pré-Jurídico, no Liceu Rio Branco e o segundo ano, na Universidade de São Paulo, interrompendo seus estudos ao

descobrir que sua verdadeira vocação era o Magistério.

Em 1942, já em São Caetano, juntamente com Celso Wladimiro Marchesan e Alberto Ferreira de Souza, o professor Vicente Bastos fundou o Curso Médio, instalando a Escola Técnica de Comércio de São Caetano.

Cinco anos depois, com a mesma direção, surgiu o primeiro ginásio da cidade: Ginásio São Caetano.

Com a evolução deste trabalho educacional, em 1951, foi criado o Colégio São Caetano e, em 1965, a Escola Normal.

Essas escolas deram origem ao Instituto de Ensino São Caetano, do qual, o professor Vicente Bastos foi sócio e diretor-geral, desde a instalação, dedicando-lhe a melhor parte de sua vida de educador.

De 1977 a 1982, o professor Vicente Bastos foi também Diretor do Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, desempenhando, nessa época, o cargo de Presidente do Conselho Administrativo da Fundação



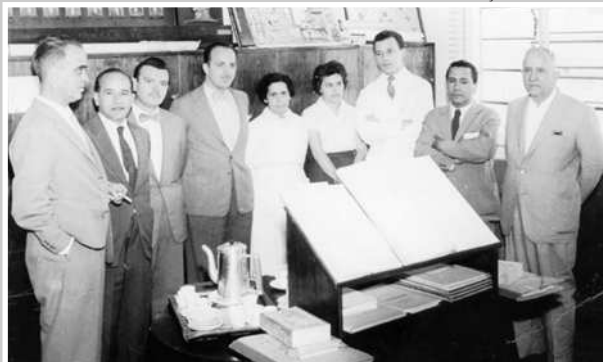
O casal Vicente Bastos nas dependências do Depec, na Rua Alegre, 497

Da esquerda para direita: Cesar Augusto, professor Vicente Bastos, Flaviana, Dona Darcy, Mariana (nenê) no colo da tia Irene (nora), Francisco José, Fernando (nenê) no colo da mãe Suzana, Vicente Bastos Jr. E Marco Antonio, na posse da direção do Depec, na Rua Alegre, 497





Da esquerda para direita: Magnólia, Professor Vicente, Marco Antonio, Vicente Jr. , Darcy e Francisco José, em foto de 1959/1960



Uma das salas de aula do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul. Da esquerda para a direita: Jorge Guimarães, José Teixeira Gonçalves, Gentil de Oliveira, Egídio do Carmo de Simone, Lurdes Antunes, Ercília Pereira Borba, Sebastião Malva, Vicente Bastos, Paulo Marchesan



Professor Vicente Bastos

Anne Sullivan, mantenedora da escola do mesmo nome.

Em 1944, o professor Vicente Bastos casou-se com Darcy Gripp Bastos, com quem teve quatro filhos: Magnólia, Francisco José, Marco Antonio e Vicente, formados respectivamente em Medicina, Engenharia Química, Engenharia Eletrônica e Magistério.

Chefe de família exemplar, homem culto, dinâmico e trabalhador, o professor Vicente Bastos viveu para a educação, podendo-se afirmar que seus dados biográficos confundem-se com a história do Instituto de Ensino São Caetano, cujo ideal comum é *"servir a criança, o adolescente, o adulto na sua preparação para a vida"*.



21 de março de 1981. Durante a promoção da I Exposição de Trabalhos Manuais promovido pelo clube de mães da EMEI Francisco Falzarano, professor Vicente Bastos diretor do Depec, na época, compareceu com o prefeito Raimundo da Cunha Leite.

Baiano de nascimento e sancaetanense de coração, o professor Vicente Bastos faleceu, em nossa cidade, no dia 3 de julho de 1998. Durante sua carreira de educador, recebeu inúmeras homenagens, traduzidas em cartões-de-prata, medalhas e diplomas. Destacam-se o Diploma de benfeitor pró-obras da Paróquia São João Batista de Vila Paula (1969); Diploma do Ministério da Educação e Cultura da Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização Mobral(1977); Diploma do 1º Centenário da Fundação da Cidade (1977); Diploma do Programa de Motivação de Recursos Humanos (Prodor) (1978); Diploma de fundador do PMDB (1980); Título de Cidadão Sulsancaetanense pelos relevantes serviços prestados ao Município (1978); Diploma de Sócio Contribuinte da Colonia Italiana de São Caetano do Sul (1978); Certificado de participação da II Semana do Excepcional da APAE (1979); Certificado de sócio-benemérito da AMAS - (1979).

(*) *Yolanda Ascencio professora , advogada, escritora e Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo.*



Manoel Cláudio Novaes



Grupo de congregados Marianos. Segundo da esquerda para a direita, Manoel Cláudio Novaes

Manoel Cláudio Novaes: um cidadão com grande participação junto à comunidade

Manoel Claudio Novaes nasceu em São Caetano do Sul, no dia 12 de novembro de 1916. Falecido no dia 16 de novembro de 1998, era filho de Accácio Novaes e de Amabili Previato Novaes. Casou-se com Palmira Baptistella Novaes. Teve quatro filhos: Maurício (biólogo e publicitário); Claudio (arquiteto); Marta (advogada e procuradora do Estado); Luiz Accácio (bacharel em Direito e corretor de seguros). Foi avô orgulhoso de cinco netos: Léo, Luiz, Bruno, Vitor e Mariana.

Manoel Cláudio Novaes, bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo, foi funcionário da Sociedade Anônima Indústrias Reunidas Matarazzo; foi chefe de gabinete da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul,

nas administrações dos prefeitos Ângelo Raphael Pellegrino e Anacleto Campanella; presidente e diretor-executivo do Instituto de Previdência e Assistência Social Municipal (Ipasm), até 1983, quando se aposentou.

Além de integrar diversos clubes de serviço na cidade, colaborou em vários jornais de São Caetano do Sul; escreveu para a Revista *Ecos Estigmatinos*, editada em Casa Branca, São Paulo; e para a Revista *Il Missionário*, da Congregação dos Padres Estigmatinos, editada em Verona, Itália. Católico fervoroso, foi Congregado Mariano, sendo um dos fundadores da Congregação Mariana da Imaculada Conceição de São Sebastião, na Paróquia de São Caetano (Matriz Velha). Exerceu também a presidência da Federação

das Congregações Marianas da diocese de Santo André; confrade vicentino da Conferência São Judas Tadeu, na Paróquia São Francisco de Assis (Bairro Santa Maria). Na mesma Paróquia, foi preparador de Batismo e Ministro da Eucaristia.

Como escritor, tomou posse na Academia de Letras da Grande São Paulo no dia 23 de julho de 1992, ocupando a Cadeira de nº 15 que tem, por patrono o poeta Martins Fontes.

PUBLICAÇÃO – A última obra editada pelo escritor Manoel Claudio Novaes foi *Nostalgia*. A publicação faz parte da série de sete livros que a administração municipal publicou, com a finalidade de resgatar a História de São Caetano do Sul.

(Yolanda Ascencio)

O Cinematógrafo

Algumas vezes comentava-se nos boteco, quando jogavam cartas ou ingeriam um copo de vinho, que em São Paulo, como diziam, havia aparelhos que faziam as imagens moverem-se. Sim, imagens - homens, mulheres, animais, carruagens que se moviam. Naturalmente, havia os cétricos, e não eram poucos, que meneavam a cabeça enquanto chupavam o tubo do cachimbo; e os gozadores que entreabriam os lábios num sorriso de mofa. Imagens que se movem!... Mas era o que diziam, e os incrédulos hesitavam em dúvidas quando se contava que o Golfetti, homem conceituado e respeitado, pretendia instalar um cinematógrafo aqui em São Caetano. "É, pode ser", dizia um; "o mundo está mudando", afirmava outro. O Ernestinho, que tudo ouvia calado, resolveu aí mesmo por via das dúvidas, escondeu o retrato da sua falecida sogra. Se o Golfetti, que ia constantemente a São Paulo, naturalmente vira um cinematógrafo em funcionamento, devia-se, portanto, acreditar na sua palavra.

Muitos se convenceram daquilo que nunca viram, embora com reservas - um aparelho que fazia as imagens, as fotografias, moverem-se, quando projetadas numa tela, em salas apropriadas. A curiosidade foi tomando vulto e já não se falava noutra coisa nos botecos, em casa, nas olarias, até que um dia veio a notícia alvissareira: Golfetti adquirira um cinematógrafo e o instalara num prédio da rua Rio Branco, que anos depois abrigaria o G.I.R. Ideal, o Lázio e o São Cristovão.

Não havendo energia elétrica em São Caetano, o cinematógrafo era acionado por um gerador e a sala de projeção iluminada por alguns lâmpões, apagados quando

se iniciava a sessão. As apresentações, evidentemente, eram à noite e aos sábados e domingos.

Os frequentadores, em sua maioria, eram homens, principalmente jovens. Não, não havia casais de namorados na sala de espetáculos!

Na inauguração as famílias estavam presentes, seus chefes empertigados nos fatos domingueiros; as senhoras trajavam o melhor que possuíam. Começada a sessão, projetadas as imagens na tela: homens de casaca e cartola, mulheres bem vestidas à última moda parisiense, chapéus enormes na cabeça e... todos moviam-se!... Moviam-se mesmo! Como se estivessem aí mesmo na sala!...

"Gente importante!", sussurrava um; "gente fina", admirava-se outro.

As mulheres temiam emitir opinião, à vista de tanta elegância. Vestidos tão belos jamais poderiam adquirir ou usar! Suas opiniões seriam externadas no dia seguinte, junto às tinas de lavar roupa.

Os rapazes, boquiabertos, boné na cabeça, enterrado até as orelhas, contemplavam as cenas, esquecidos do cigarro entre os dedos, as imagens que se moviam, sobretudo as belas e elegantes mulheres, jamais vistas nas terras do Tijuçu!

Assim, duas vezes por semana, a casa estava sempre cheia.

Alguns incidentes às vezes ocorriam durante as sessões cinematográficas, sem maiores conseqüências. Engraçado até!

O gerador não era infalível, de sorte que certa noite, quando o cinematógrafo embasbacava os espectadores, em certo momento falhou, parou, e as imagens desapareceram da tela, mergulhando todos na escuridão e lançando grande reboição no salão.

Todos gritavam, batiam os pés no chão, assobiavam e apupavam. Golfetti, apanhado de surpresa, atarantado, a princípio, mandou que se corrigisse imediatamente o defeito do gerador e, com um lampião, procurava iluminar o salão, tentando acalmar principalmente os jovens, os mais barulhentos, solicitando-lhes calma: *pazienza ragazzi, pazienza!*. De súbito, o gerador pôs-se a funcionar. É claro que sem combustível nenhum gerador pode funcionar, nem mesmo o do Golfetti. A claridade projetada na tela, como por encanto, fez cessar a algazarra.

De outra feita, uma senhora ali estava pela primeira vez, com duas sobrinhas. Em dado momento, o cinematógrafo projetou na tela o estouro de uma boiada, numa enorme nuvem de poeira. A mulher assustou-se, apertando as mãos das sobrinhas sentadas à direita e à esquerda. Ame-drontada, deixou escapar a exclamação: *mamma mia!*, e o desespero dela tomou conta, quando a câmara que fizera uma tomada de frente da boiada deu a impressão de que os bois saíam da tela lançando-se sobre os espectadores. Então, a mulher ergueu-se arrastando as sobrinhas, imprecando aos gritos: *Madonna! Madonna!*, trombando nas pernas de alguns, enroscando a longa saia nos vértices das cadeiras, levando tudo de roldão, entre as vaías dos assistentes e os rogos de calma de Golfetti. Tudo em vão. A mulher e as sobrinhas, por ela arrastadas, lançaram-se para fora, enfrentando a escuridão da noite, esconjurando o cinematógrafo...

Texto extraído do livro *Nostalgia*, de Manoel Cláudio Novaes, S. Caetano do Sul, Prefeitura Municipal, 1991

Fundação Pró-Memória participa de programa da União Européia



Registro

Convidada a integrar as chamadas Redes Número 2 e 7 de cidades européias e latino-americanas no Programa de Gestão Urbana

da União Européia, em janeiro de 1998, a Fundação Pró-Memória esteve presente ao encontro representando a cidade de São Caetano do Sul.

Integrando o projeto da Rede Número 2, foi realizado entre os dias 14 e 16 de maio de 1998, em Vicenza, Itália, uma Conferência sobre Conservação dos Contextos Históricos Urbanos, cujo objetivo foi definir um programa de preservação do patrimônio cultural e urbanístico das cidades que estarão integrando a re-

de. A Província italiana de Vicenza é a responsável, no âmbito da Comunidade Européia, pelo desenvolvimento geral do *know-how* para a recuperação e preservação do patrimônio urbano.

A delegação de São Caetano do Sul foi dirigida pelo Presidente da Fundação Pró-Memória, Aleksandar Jovanovic, acompanhado do procurador judicial da Prefeitura e vereador Amaury Laselva e do assessor de gabinete Caio Martins. A primeira escala aconteceu no dia 12 de maio de 1998, em Vittorio Veneto, cidade-irmã localizada na Província de Treviso, local do encontro com o prefeito Antonio Della Libera, o diretor de Museus e Bibliotecas Vittorino Pianca, o ex-prefeito Franco Concas, o vereador Giuseppe Bevi-

lacqua e representantes do comércio e da indústria.

A segunda etapa deu-se na cidade-irmã de Thiene, Província de Vicenza, considerada a mais dinâmica do centro-norte da Itália. A Fundação Pró-Memória mantém, com a cidade italiana, eficiente intercâmbio cultural já há vários anos. Assim, como em Vittorio Veneto, os participantes dos encontros manifestaram firme propósito de intensificar os laços entre as cidades visando benefícios mútuos.

Promovida pela União Européia e realizada no Centro de Convenções de Feira de Vicenza, a Conferência sobre Conservação de Contextos Históricos Urbanos reuniu europeus e latino-americanos relacionados ao resgate da memória arquitetônica e



A delegação de São Caetano, é recebida em Vittorio Veneto (cidade-irmã, na Província de Treviso), no gabinete do prefeito, em 12 de maio de 1998, pelo prefeito Antonio Della Libera (de terno escuro e óculos, ao centro), pelo diretor dos Museus e Bibliotecas de Vittorio Veneto, Vittorino Pianca (à direita do prefeito Della Libera). Sentados, da direita para a esquerda, Leo Pizzol, editor da cidade de Sarmede, e Giuseppe Bevilacqua, empresário e ex-vereador em Vittorio Veneto.



A delegação de São Caetano, é recebida em Thiene (cidade-irmã na Província de Vicenza), em 13 de maio de 1998, pelo prefeito Attilio Schneck (no centro, de terno e sem gravata), pelo assessor de Assuntos Econômicos, Renato Corrá (o segundo da esquerda para direita, de terno e gravata) e pelo representante da Fundação Pro-Loco de Thiene (à direita da foto, em mangas de camisa).

Acervo: Fundação Pró-Memória

patrimônios culturais da humanidade, estes cada vez mais ameaçados pela degradação ambiental e ação destrutiva do ser humano, como é o caso da cidade de Veneza, na Itália, ou dos monumentos maias e incas na América Latina, para citar exemplos.

O presidente da Fundação Pró-Memória apresentou e entregou à governadora da Província de Vicenza, Manuela Dal Lago, cópia integral do projeto *São Caetano: das origens ao ano 2000 - Um Projeto de Conservação no Contexto do Brasil*, apresentado na Conferência, além da exposição digitalizada *Um Olhar Viajante*. Foi exposta no saguão principal do Pavilhão da Feira de Vicenza a mostra *Nossas Imagens, Nossa História*, e distribuídas as revistas *Raízes* e *São Caetano em Revista - a survey*.

Durante a conferência, a delegação de São Caetano manteve contatos permanentes com os participantes europeus e latino-americanos para imediato intercâmbio cultural e econômico, a exemplo do realizado com o governo da Província de Vicenza, onde se tratou da programação de encontros bilaterais para maior integração em todos os níveis com São Caetano do Sul.

Integrando o Projeto da Rede Número 7, foi realizado nos dias 12 e 13 de junho de 1998, em Lisboa, Portugal, o I Encontro Bienal sobre Reabilitação Urbana, cujo projeto incluiu a questão da preservação e recuperação do patrimônio cultural e urbanístico das comunidades envolvidas.

A delegação de São Caetano do Sul esteve presente no encontro integrada pelo presidente da Fundação Pró-Memória, Aleksandar Jovanovic, pelo arquiteto Ênio Moro Júnior e pelo engenheiro José Gaino, ambos da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Durante o evento a

delegação entregou e apresentou cópia do *Projeto Renovação Urbana de um Município em transição: a colaboração de São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil*.

Foi exposta no pavilhão em que se realizava a Feira Mundial de Lisboa a exposição *Um Olhar Viajante*, da Fundação Pró-Memória.

ÍNDIOS – Aconteceu no Museu, no período de 14 de abril a 23 de maio a *Exposição Índios - O início de uma história*, que contou com painéis fotográficos de Rosa Gauditano e com uma grande variedade de objetos do artesanato indígena. As fotos mostram como é alimentação, habitação, festas, hábitos, rituais, trabalho e artesanato de algumas tribos brasileiras: Carajás (Ilha do Bananal), Araras e Kaiapós (Pará), Tucanos (Amazons), Yanomami (Roraima), Xavantes (Mato Grosso) e Guaranis (São Paulo). A mostra trouxe para a cidade um pouco da cultura indígena, rica em cores e produzida com matéria-prima extraída da natureza.



IMIGRANTES – Foi realizada durante os meses de agosto e outubro de 1998, no Salão de Exposições, a mostra *São Caetano de Todos os Povos*. Composta 20 fotografias, a exposição retratou a imagem miscigenada e pluralista da cidade, com a presença e a influência de imigrantes de diversos países no crescimento e desenvolvimento do Município. A exposição também esteve no Espaço Cultural do Shopping São Caetano no início deste ano.

TEMPLOS – O Museu Municipal encerrou as atividades do ano de 1998 com a exposição *Os Templos e o Templo*. A mostra retratou o espírito reli-



gioso que permeia nossa história, priorizando as igrejas mais antigas e os templos católicos da cidade, que foram os primeiros a fomentar o espírito religioso no Município, que, no passado, era apenas uma fazenda de padres beneditinos que se desenvolvia ao redor de uma capela católica.

São Caetano reúne templos grandiosos que demonstram a fé e a dedicação que seus moradores devotam às suas religiões, incluindo católicos, israelitas, metodistas, adventistas, evangélicos, batistas e ortodoxos.

RAÍZES 18 – A Fundação Pró-Memória realizou confraternização em dezembro de 1998, no Salão de Exposições, quando foi lançada a revista *Raízes* nº18. Realizou-se também, a abertura da exposição *Um Olhar Viajante - Os Costumes*.

Durante o evento foram homenageadas algumas pessoas que apoiaram a Fundação em suas atividades, entre elas o prefeito Luiz Olinto Tortorello e o comandante do 8º Grupamento de Incêndio do ABC, coronel Itaici Ciríaco de Carvalho.

Na oportunidade foi divulgado o calendário de exposições de 1999, que inclui 70 mostras distribuídas entre os espaços culturais mantidos pela instituição no ABC e em São Paulo.



GOVERNO ITINERANTE – A Fundação Pró-Memória tem marcado sua participação no Governo Itinerante, realizado pela Prefeitura Municipal, com a exposição *São Caeta-*

no em *Imagens*. As fotografias, de Augusto Coelho, apresentam diversos locais do Município, retratando o crescimento e desenvolvimento de uma cidade com nível de vida de primeiro mundo.



GENERAL MOTORS – A Fundação Pró-Memória organizou uma exposição com 40 reproduções de capas e contra-capas da revista *Vida*

na GM intitulada *Revista Vida na GM – 50 anos de uma publicação de sucesso*. Neste ano a revista estaria completando 50 anos. Como publicação bimensal, a revista apresentava notícias relacionadas às atividades da empresa, fatos de interesse dos concessionários e informações de caráter geral sobre os produtos fabricados pela empresa. Foi lançada em janeiro de 1949 e o último exemplar - o de nº 80 - circulou em janeiro de 1964.

Com a exposição, a Fundação Pró-Memória preserva um patrimônio social e cultural não apenas da General Motors do Brasil, mas também de São Caetano do Sul, do Estado e do Brasil.

No corrente ano a mostra estará circulando entre os espaços culturais da Fundação Pró-Memória na região.



PIETRO PAJETTA – Imagens digi-

talizadas das obras do pintor italiano Pietro Pajetta podem ser vistas na exposição itinerante organizada pela Fundação Pró-Memória. Os obras do artista estão ilustrando as capas da revista *Raízes* desde a número 15. A exposição foi apresentada no Círculo Italiano de 4 de fevereiro a 30 de março e já esteve também na estação Sé do Metrô, em junho último.



VIDA POLÍTICA– Aconteceu no Museu Municipal, de 24 de fevereiro a 4 de abril deste ano, a exposição *Flashes de um Passado Político*. Composta de 20 imagens, a mostra resgatou 50 anos de atividades do poder executivo em São Caetano do Sul através de flashes de ex-prefeitos desde 1949 até o final da década de 70. Fizeram parte da exposição a mesa utilizada pelo primeiro prefeito Ângelo Raphael Pellegino e cadeiras que integraram a primeira Câmara Municipal, em 1949.

A mostra apresenta flagrantes de encontros políticos com presidentes da república, governadores, ministros e secretários de Estado, que viviam sempre um entrosamento político e administrativo possibilitando o atendimento da reivindicações mais prementes do povo de São Caetano e da região. A Fundação Pró-Memória selecionou imagens onde os ex-prefeitos Ângelo Raphael Pelegrino, Anacleto Campanella, Oswaldo Samuel Massei e Hermógenes Walter Braidão aparecem em solenidades oficiais e reuniões políticas.

O OPERÁRIO E A FÁBRICA

– Desde o mês de março, a exposição, *O Operário e a Fábrica*, integrante do projeto Museu na Escola 99, vem percorrendo escolas da rede de ensino do Município.



O tema deste ano resgata o ciclo industrial de São Caetano do Sul, do início do século até a década de 60, apresentando imagens das principais fábricas aqui instaladas e seus operários fotografados diante das instalações industriais.

São Caetano do Sul, no final do século XIX, tinha apenas uma única indústria - a fábrica de telhas e tijolos pertencente aos monges de São Bento, abrigados na Fazenda São Caetano. Com a chegada dos trilhos da São Paulo Railway, ligando São Paulo ao porto de Santos, outras indústrias foram surgindo próximas à estrada de ferro para facilitar o escoamento dos produtos e o recebimento de matérias-primas.

O projeto Museu na Escola, criado há dois anos pela Fundação Pró-Memória, percorrerá durante o ano de 1999, mais de trinta escolas do Município, que estarão recebendo, além da exposição, material e impresso e palestras sobre o tema.

TELEFONE – A exposição *Falando da Rua*, com imagens do fotógrafo Augusto Coelho, circulou entre os espaços culturais da Fundação Pró-Memória durante o primeiro semestre de 1999. A mostra retrata os telefones públicos em algumas das principais cidades do mundo. Esse objeto tão comum e útil acaba sendo pouco notado pelas pessoas nas ruas. Na exposição *Falando da Rua*, o público pôde



apreciar os detalhes da construção, versatilidade e até mesmo a aparência das cabines telefônicas. Algumas cidades preocupam-se com os mínimos detalhes e

erguem verdadeiros monumentos telefônicos, como no centro de Paris, onde as cabines servem também como painel de publicidade. Outras cidades procuram integrar os telefones à sua paisagem, criando um ambiente com características próprias de cada cultura.



ESQUINAS – Integrando a série Nossas Imagens, Nossa História, a exposição fotográfica *Esquinas de Ontem e de Hoje*, apresentada no Estande Cultural do Espaço Verde Chico Mendes, em março último, apresentou imagens comparativas de algumas esquinas das ruas centrais de São Caetano do Sul. A mostra teve como objetivo oferecer uma visão da evolução urbana provocada pelo desenvolvimento econômico, que, às vezes, passa despercebida pelas novas gerações de moradores que circulam apressados em meio ao trânsito de carros, entre os edifícios de concreto e o anonimato da multidão.

LA SIEMPRE HABANA – Foi apre-



sentada na estação Sé do Metrô, no último mês de março, a mostra *La Siempre Habana*, de Luis Miguel Valdés, composta por um conjunto de reproduções de obras de pintura, escultura e outras criações do artista multimídia cubano. As obras retratam o charme e a realidade da capital de Cuba, Havana, a partir de um olhar único de um artista atento e cuidadoso. A exposição é marcada pela observação artística, mas real, de um espaço urbano tão especial. Valdés participou, ano passado, de um Encontro Internacional de escultores em metal em São Caetano.



LIGA – Em homenagem aos 50 anos da Liga de Futebol de São Caetano, a Fundação Pró-Memória organizou uma exposição fotográfica com imagens dos clubes fundadores e de eventos que marcaram a trajetória vitoriosa do futebol amador na cidade.

A Liga surgiu em 4 de março de 1949. A partir daí, o futebol amador em São Caetano do Sul seguiu seu próprio caminho com jogadores e dirigentes, não medindo esforços e sacrifícios na luta pela consolidação do futebol local. A exposição foi realizada no Salão de Exposições, de 24 de março a 14 de maio último.

METRÓPOLES

– Foi realizada durante o mês de maio, na Estação Sé do Metrô, a exposição *Metrópoles do Mundo*. As imagens retratadas pelo fotógrafo



Augusto Coelho propiciam uma viagem pelas principais cidades do mundo como Londres, Lisboa, Madrid, Barcelona, Paris, Bruxelas, Amsterdam, Berlim, Viena, Budapeste, Roma, Milão, Nova York e Toronto. Cada uma dessas grandes metrópoles apresenta uma visão peculiar que divergem pelos costumes, tradições e até mesmo por sua beleza.

ROMANTISMO

– Foi apresentada de 12 de maio a 30 de junho, no Shopping São Caetano, a mostra *Retratos de Casamento*. Com o objetivo de resgatar o romantismo dos casamentos duradouros de antigos casais sancaetanenses, a exposição fotográfica apresenta em suas imagens os detalhes e a beleza dos vestidos e dos adornos como véus, grinaldas buquês de noivas.



INDÚSTRIA – Foi encerrada no último dia 16 de julho, no Salão de Exposição da Fundação Pró-Memória, a mostra *Memórias da Indústria*. A exposição apresentou imagens do processo de industrialização em São Caetano desde o trabalho familiar nas olarias do começo do século até às complexidades tecnológicas utilizadas em empresas multinacionais da década de 80.



Memória Fotográfica

Na primeira administração do prefeito Anacleto Campanella (1953/1957) foram inauguradas, em 1954, as novas instalações da Delegacia de Polícia, em prédio localizado na rua Rio Grande do Sul, nº 175

Acervo: Fundação Pró-Memória



Acervo: Fundação Pró-Memória



No final de 1953, foi criada a Comissão Municipal de Abastecimento e Preços (Comap), para prestar os seguintes serviços à população de São Caetano: tabelamento de preços dos gêneros de primeira necessidade; evitar a sonegação com fiscalização, e adquirir mercadorias nas fontes produtoras para atender à população, como no caso de cimento, açúcar, farinha de trigo, leite, etc. Os membros da comissão eram os seguintes: Presidente, Anacleto Campanella; Conselheiros, Claudio Musumeci, Armando Chagas, Paulo Razo e Luiz Colognesi. Foram criados 11 postos em diversas vilas de São Caetano. Nesta foto aparece o posto número 6



A Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, a partir de 1953, passou a funcionar no prédio do Cine Vitória. As antigas instalações na esquina das ruas Baraldi e Rio Grande do Sul, passaram a servir como Pronto Socorro Municipal.

Em 1953, foram atendidas 71.432 pessoas, em 1954, 78.064, e em 1955, 108.045. O Pronto Socorro Municipal era administrado pela diretoria de Saúde e Assistência Social, criada pela lei nº 487 de 4 de Outubro de 1954, e compreendia os seguintes serviços: médico, assistência social e administração. Na foto, aspecto externo do Pronto Socorro de São Caetano em 1954



Acervo: Fundação Pró-Memória



Foto de 1961, tirada da atual avenida Guido Alieretti, junto à Siderúrgica São Francisco (hoje desativada). Aos fundos, à esquerda, o prédio do antigo Paço Municipal, na avenida Goiás, nº 600

Acervo: Fundação Pró-Memória

Em 1953, nas instalações construídas na rua Justino Paixão, bairro Mauá, foram criados o Depósito de Apreensões da Prefeitura, o canil, o viveiro de plantas, a sementeira, e um pequeno horto com a plantação de 60 mudas. Foi o início do Serviço de Arborização que começou com a plantação de mil árvores nas principais ruas e avenidas da cidade. Nesta foto, aspecto externo das instalações desses serviços, aparecendo ao fundo, no alto do morro, uma casa de alvenaria onde hoje funciona o Instituto Mauá de Tecnologia





Foi instalado em São Caetano do Sul, no mês de Agosto de 1953, o Serviço de Dedetização Domiciliar, mais conhecido como Serviço do BHC, com o objetivo de proceder a dedetização das residências, estabelecimentos comerciais, edifícios públicos, e acabar com os insetos nocivos à saúde dos munícipes. Na foto a primeira turma de operários do Serviço de Dedetização Domiciliar, que apresentou naquela época os seguintes resultados: no ano de 1953, 400 cômodos foram dedetizados, em 1954, 216 mil cômodos, e em 1955, 50 mil. Esse serviço ficava na rua Rio Grande do Sul, nº 183, onde funcionava a Diretoria de Saúde e Assistência Social.



Acervo: Fundação Pró-Memória



Na década de 60, durante algum tempo, um vendedor de bilhetes fez da esquina da rua Manoel Coelho com a avenida Conde Francisco Matarazzo, o seu ponto de venda. Utilizava para esse comércio um pequeno automóvel de apenas três rodas e com capacidade para dois passageiros. Era a Romi-Isetta, o primeiro carro brasileiro produzido em 1955, pela Romi, de Santa Bárbara do Oeste, São Paulo, em parceria com a empresa italiana Isetta. Foram produzidos aproximadamente 4.000 carros desse tipo, e só não teve continuidade devido aos decretos criados pelo presidente Juscelino Kubitschek. A Romi-Isetta chegou a ter 68% de conteúdo local/volume de peças nacionais usadas na fabricação do carro e pelos cálculos atuais a Romi-Isetta custava na época em que esteve no mercado o equivalente a US\$4 mil atuais.

Acervo: Fundação Pró-Memória



Em 1962, três jogadores revelados na várzea sancaetanense brilharam nas equipes juvenis dos grandes clubes da capital. Em pé, emvergando a camisa do Corinthians Paulista é Nivaldo Vicente Timpani que se sagrou campeão naquele ano. Agachados, à esquerda, Luiz Ricardo Martelli (falecido em 1997) e à direita Márcio Della Maggiora (ex-presidente do São Caetano Esporte Clube) integrantes da equipe juvenil da Portuguesa de Desportos. Esta foto, dos jogadores no Parque São Jorge, foi registrada por ocasião do jogo entre os juvenis do Corinthians e Portuguesa de Desportos, no qual o Corinthians sagrou-se campeão com quatro pontos perdidos.



Acervo: Fundação Pró-Memória

Fachada do antigo prédio da Central Telefônica de São Caetano do Sul, na rua Monsenhor Francisco de Paula, nº 78, na época de sua inauguração, em 1958. Na ocasião São Caetano possuía 2.000 telefones, e com a instituição do sistema de auto-financiamento foram feitas duas ampliações, uma de 400 e outra de 200 telefones, sendo que em 1962 este número atingia 2600 telefones automáticos. O representante de São Caetano na direção da Companhia Telefônica da Borda do Campo (CIBC) era o ex-prefeito Ângelo Raphael Pellegrino



Acervo: Fundação Pró-Memória



Antonio de Mício, de São Caetano, participou da II Guerra Mundial como pracinha da Força Expedicionária Brasileira (FEB). No início de 1945, quando a guerra caminhava para o fim, Mício dirigia a ambulância com a qual trabalhava, quando ficou sabendo que Mussolini fora morto em Milão. Mício foi até lá, viu o corpo e não teve dúvidas: arrancou da camisa do ditador dois botões metálicos enfeitados com a águia fascista. Nesta foto de 25 de Julho de 1964, Antonio Mício aparece junto à esposa Maria Angelina de Mício e a filha Judith de Mício

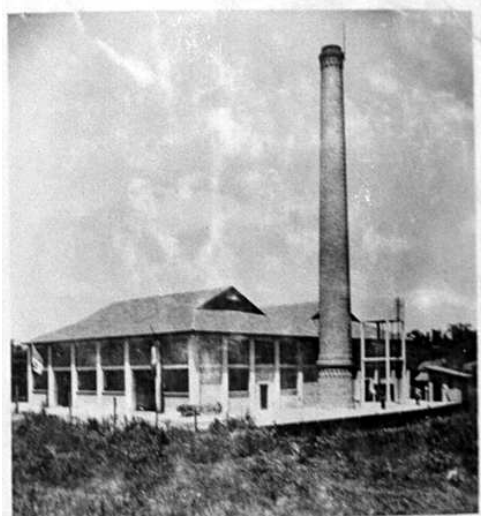


Em 1958, o teatro amador em São Caetano não possuía atores negros para representar peças cujas personagens fossem negros. Na peça *Uma Flauta para um Negro*, de Pedro Bloch, encenada no Teatro Paroquial Padre Alexandre Grigoli, os papéis de um casal negro foram representados por Paulo Domingues e Nadir Ferrari. A peça foi dirigida por Manoel Claudio Novaes e os cenários construídos por Ulderico Gentile

Acervo: Fundação Pró-Memória



Acervo: Fundação Pró-Memória



INDUSTRIA STEARICA
DAL'MAS LTDA.

SÃO CAETANO - S.P.A.

A poetisa Lilly Xavier Rezende, de São Caetano, ganhou dois prêmios importantes em 1962. Em concurso promovido pela União Brasileira de Escritores, obteve um prêmio como poetisa e outro com a monografia *A Mulher Brasileira nos tempos atuais - Suas lutas e suas vitórias*. Nesta foto, aparece com o esposo, José Eduardo de Rezende, cirurgião-dentista que trabalhou por mais de 20 anos na cidade

A Indústria Dal'Mas-Agro Química foi fundada em 26 de abril de 1946, com o nome de Indústria Stearica Dal'Mas Ltda., e funcionava inicialmente na rua Hercúlo de Freitas, 425, Bairro da Fundação. Posteriormente, transferiu-se para a rua Major Carlos Del Prete, atual nº 1074. Na década de 50, produzia os seguintes produtos: adubos, velas Santo Antonio, São Caetano e Maria Antonieta, glicerina, cola de ossos, oleína, sêbo destilado, estearina, graxa preta e amarela. Possuía 125 operários e sua diretoria era assim constituída: presidente: Vitório Dal'Mas; superintendente João Dal'Mas; gerente Ettore Dal'Mas, secretário Mário Dal'Mas e contador Agostinho Sentelhas. Na foto as instalações da Indústria Stearica Dal'Mas, na década de 40, na rua Major Carlos Del Prete



Acervo: Liberal Roberto Grigoletto

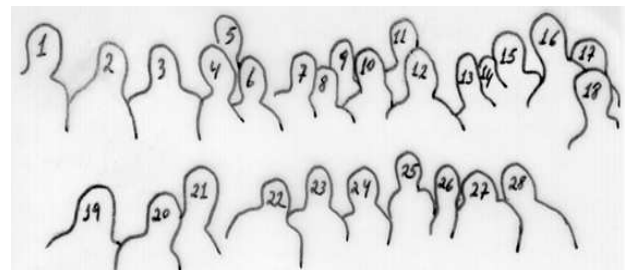
Grupo de pessoas na Estrada das Lágrimas, na Vila São José, em 1948. Atrás, da esquerda para a direita: João Míam Lorenzetti, José Thamiazi. Na frente, Armando Moro, Vítor Moro e Antonio Moro



Acervo Oscar Garbelotto

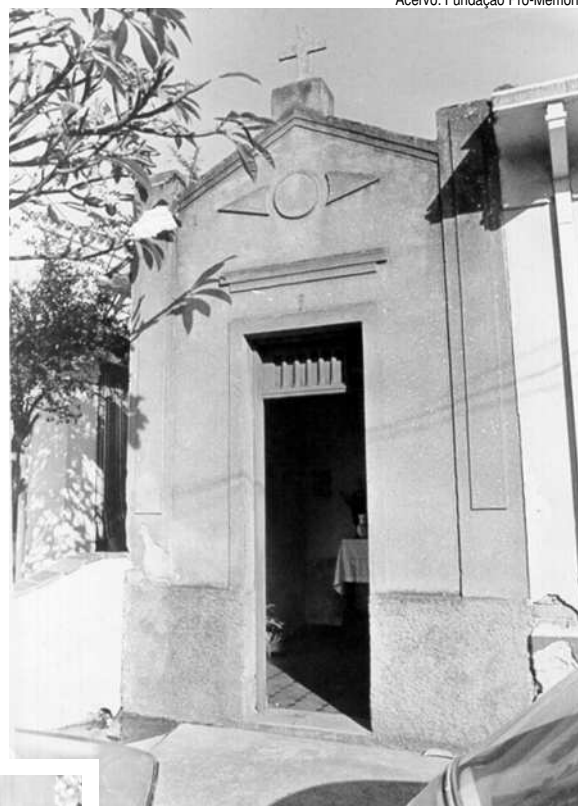


Foto de 30 de julho de 1967, no Sótão do prédio da rua Baraldi, 1005, Edifício Del Rey. Ali ocorreu a inauguração de O Sótão/1005, do Grupo Amador de Teatro *A Turma*. 1- Ettore Dal'Mas, 2- Roque Maria, 3- Aldo Negrini, 4 - Yeda Gutildes Feijão (Dedê), 5 - João Caldeira *Sombra*, 6 - Deolinda Spinelli, 7- José Bonifácio de Carvalho, 8 - Vera Ribeiro, 9 - Miguel Bonesso, 10 - Mario Dal'Mas, 11- Milton Andrade, 12 - Magaly Andrade, 13 - Florinda Miranda, 14 - João Valdevino Fernandes, 15 - Josmar Martins, 16 - Roberto Fraga, 17- (?), 18 - Marco Antonio Rivani, 19 - Nico (banca jornal em frente cine Vitória), 20 - José Maria Medeiros Souza, 21- (?), 22 - Carlos Rivani, 23- Angela Pedutto, 24 - Giulio Cézare Pugliano, 25 - Claudia de Oliveira Andrade, 26 - Cristina de Oliveira Andrade, 27- Tarcsio Cardieri, 28 - Rubens Carvalho





Montagem de uma ilustração de Jayme da Costa Patrão; aparece ao fundo a fotografia do Viaduto dos Autonomistas, publicada na primeira página do *Jornal do Lar* em 28 de julho de 1962, em homenagem ao 85º aniversário de São Caetano do Sul



Turma do Grupo Escolar Senador Fláquer de 1933. Os alunos foram identificados pelo hoje advogado Oswaldo Garcia. De cima para baixo, da esquerda para direita: 1ª fila: Nelson Leoni, Paulo Cavana, Paulino Peredes, Álvaro Morselli, Alexandre Daniel. 2ª fila: Daniel, Mario Carlos, Frederico (ex-pracinha), Sérgio, Manoel, Francisco, Antonio. 3ª fila: Vladas, Euclides, André, Adolfo, Basílio, Casimiro, Rafael, Gregório, Nelson Infante. 4ª fila: (?), Belmonte, Oswaldo Garcia, (?), Delicati, (?), Ovídio Rerrella, (?), Mittel. Professora: dona Maria (?), diretor: Jorge Adalberto Perrenoud



Vista externa da Capela dos Cavana. Construída por dona Joana Cavana no final do século passado, dedicada a Santo Antonio. A capela ainda existe e está localizada na rua Luiz Cavana, entre as ruas Paraíba e Senador Roberto Simonsen, no Centro

ISSN - 1415 - 3173

